

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE PROGRAMAS ESPECIAIS
FUNDESCOLA

***Guia para a formação
de professores da
Escola Ativa***

Brasília
2005

© 2005 Fundescola/DIPRO/FNDE/MEC

Qualquer parte desta obra pode ser usada, desde que citada a fonte.

Fundescola/DIPRO/FNDE/MEC
Av. N1 leste - Pavilhão das Metas
70150-900 Brasília-DF
Fone: (61) 3212-5908 - Fax: (61) 3212-5910

Esta obra foi editada para atender aos objetivos do Programa Fundescola/DIPRO/FNDE/MEC, em conformidade com o Acordo de Empréstimo n. 4487BR com o Banco Mundial, no âmbito do Projeto BRA 00/027 do PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

GUIA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA ESCOLA ATIVA*

Organização

Lílian Barboza de Sena Araújo

Equipe de revisão geral e validação

Angélica Maria Frazão

Lílian Barboza de Sena Araújo

Roselita de Cosmo Sousa Sales

Adaptadores e elaboradores das unidades do manual

Angélica Maria Frazão

Ana Tereza Bogéa Bittencourt Pereira

Arilma Maria de Almeida Spindola

Dúrbio Avelino da Silva

Lílian Barboza de Sena Araújo

Lucy R.D.Tenório

Marizélia Laray (AM)

Maria Nanci Costa de Lucena

Maria Antonia Tânia Almeida Lopes

Roselita de Cosmo Sousa Sales

Wellingtona Magnólia L. L. Andrade

Olgalice Suzarte de Jesus

Colaboradores

Ana Paula Lima Figueiredo

Alcides Aparecida Cardoso da Veiga Jardim

Eliane da Costa Assis

Beatriz Pereira Santos

Edilma da Silva Ribeiro

Elaine Maria Augusto de Azevedo

Glauciane Pinheiro Andrade

João Libânio Cavalcante

Marielza Alves de Lima

Maria de Fátima Faria Andrade

* As unidades deste manual foram adaptadas e complementadas pelas unidades correspondentes do manual *Hacia la Escuela Nueva*, escrito por Vicky Colbert, Beryl Levinger e Oscar Mogollón. A adaptação foi realizada para atender às especificidades do sistema educacional brasileiro e da educação do campo. Adaptação realizada por técnicos da Diretoria de Programas Especiais/FNDE-Brasília e das Secretarias Estaduais de Educação dos estados de Alagoas, Amazonas, Roraima, Sergipe, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Norte, Maranhão e Paraíba.

Agradecimentos

Agradecemos aos prefeitos, secretários, supervisores, coordenadores e técnicos municipais que, com suas diferentes origens, histórias, ideologias, culturas, sotaques e contextos sociais e econômicos, se irmanaram em torno de um objetivo comum: levar qualidade às classes multisseriadas brasileiras.

Agradecemos às pessoas que trouxeram experiência e energia para a Escola Ativa, mas que, por motivos diversos, traçaram caminhos diferentes; às vezes com destinos incertos, às vezes com perspectivas melhores. Pessoas que deixaram sua marca, sua contribuição para o sucesso dos “nossos” alunos e professores e que levaram em sua “bagagem” a consciência do que é ser um educador de fato e a sensação da “tarefa cumprida”.

Agradecemos aos professores das classes multisseriadas, lutadores ousados e criativos que investiram e investem em sua formação com garra e com alegria e que continuam o seu trabalho e a lida do dia-a-dia no campo.

Agradecemos à comunidade do campo, aos pais e mães e às associações comunitárias por apoiarem a Escola Ativa, contribuindo com seu bem maior: a sabedoria e o resgate cultural que passa de geração para geração.

E, finalmente, agradecemos à razão da existência da Escola Ativa: nossos alunos, atores principais de toda esta história.

Agradecimentos a tantos...

“O método é letra morta; a ele o professor deve acrescentar a cor, o movimento, a vida. Para um professor existem dois sujeitos a serem estudados: as crianças e ele mesmo. Duas coisas para sua realização: a educação delas e a sua própria.”

Marie Carpentier

Sumário

Introdução

Considerações iniciais para a formação na estratégia metodológica Escola Ativa

Contexto histórico da Escola Ativa no Brasil

Unidade 1 - A estratégia metodológica Escola Ativa no contexto educacional brasileiro

Módulo 1 – Finalidades da educação básica

Módulo 2 – Princípios do ensino fundamental

Módulo 3 – Educação básica e diretrizes do campo

Avaliação da unidade

Unidade 2 - A estratégia metodológica Escola Ativa

Módulo 1 – Fundamentos metodológicos da Escola Ativa

Módulo 2 – Princípios básicos que norteiam a Escola Ativa

Módulo 3 – Principais fatores que contribuem para uma prática pedagógica eficaz

Avaliação da unidade

Unidade 3 - O Governo Estudantil

Módulo 1 – A Gestão Escolar

Módulo 2 – O Governo Estudantil como fator importante para o desenvolvimento afetivo e social e para a construção da cidadania

Módulo 3 – Como organizar o Governo Estudantil

Módulo 4 – Responsabilidades e funções dos alunos no Governo Estudantil

Módulo 5 – Como garantir o bom andamento dos comitês

Módulo 6 – Instrumentos que os alunos utilizam no Governo Estudantil

Avaliação da unidade

Unidade 4 - Guias de Aprendizagem

Módulo 1 – O que são os Guias de Aprendizagem

Módulo 2 – A estrutura metodológica dos Guias de Aprendizagem

Módulo 3 – Planejando com os Guias de Aprendizagem

Módulo 4 – Os Guias e a Avaliação da Aprendizagem

Módulo 5 – Aprovação flexível, um estímulo para o sucesso escolar do aluno

Módulo 6 – A utilização dos Guias de Aprendizagem no ambiente escolar

Avaliação da unidade

Unidade 5 - Cantinhos de Aprendizagem

Módulo 1 – Os Cantinhos de Aprendizagem no ambiente da sala de aula

Módulo 2 – A organização dos Cantinhos de Aprendizagem: um processo coletivo e participativo

Módulo 3 – A utilização dos Cantinhos de Aprendizagem no processo de aprendizagem

Avaliação da unidade

Unidade 6 - Escola e comunidade

Módulo 1 – Escola e comunidade: uma articulação possível e necessária

Módulo 2 – Conhecendo a comunidade

Módulo 3 – Instrumentos que permitem conhecer a comunidade

Avaliação da unidade

Avaliação global da formação

Considerações finais

Bibliografia

Anexo

Diário da formação

Ficha de Acompanhamento e Progresso da aprendizagem do cursista – FAP

Introdução

O direito subjetivo à educação

O direito subjetivo à educação, previsto em nossa LDB (Lei de Diretrizes e Bases), ainda requer de dirigentes e beneficiários uma ampla compreensão. Ao voltarmos os olhos para os moradores do campo, verificamos uma considerável diminuição na destinação de políticas públicas expressas na ausência de qualidade do espaço físico, uma tolerância na baixa qualificação dos professores, um agrupamento dos alunos em multisséries, um atendimento limitado a parte do ensino fundamental e um esporádico acompanhamento da equipe da secretaria de educação nos serviços prestados nessas escolas. Para todas essas deficiências, há um conjunto de justificativas compreensíveis, embora insuficientes, para se alterar o quadro precário instalado desde a chegada dos jesuítas com seu *“ratio studiorum”*.

A constatação das diferenças é um dever do administrador público; a apresentação de alternativas para diminuí-las é um compromisso de cidadão. Alternativas que devem ser construídas por aquele que sente o problema e por aquele que toma a decisão.

O Ministério da Educação, responsável por formular políticas para a diversidade deste nosso país, que nas últimas décadas tem deixado expostas as marcas do forte êxodo rural, deve considerar que temos um grande quantitativo de escolas instaladas no campo, com milhares de alunos prioritariamente atendidos pela rede municipal. Números que demandam ações efetivas.

O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), por meio da Diretoria de Projetos Especiais/Fundescola, tem entre os seus projetos a Escola Ativa – uma estratégia metodológica que combina uma série de elementos sócio-pedagógicos e administrativos – para o atendimento de alunos de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental que estudam em classes multisseriadas.

Em sua estrutura encontra-se o componente Formação e Acompanhamento, voltado para o aperfeiçoamento profissional dos educadores envolvidos com a estratégia, com o planejamento e com a promoção de encontros, cursos ou microcentros. Estas ações fortalecem as experiências de sucesso e intervêm nas distorções pedagógicas detectadas, além de orientar a participação da comunidade, a organização do Governo Estudantil, dos Cantinhos de Aprendizagem e a eficácia na utilização dos Guias de Aprendizagem pelos beneficiários: os alunos.

O nosso compromisso, ao conceber este material, apropriado para as classes multisseriadas e com a necessária qualificação dos professores (especialmente nos microcentros e na supervisão pedagógica), é o de dar sustentação à prática das Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo, instituída pela Res. CNE/CEB nº 01/03.

Professores e dirigentes, este material é resultado da dedicação e do esforço de muitos profissionais da educação. Disponham-se a integrar o seu conhecimento com o que lhes é apresentado. Estendamos a nossa competência para os nossos alunos e transformaremos em fato a qualidade que tanto apregoamos.

Sucesso!

Ministério da Educação
Diretoria de Programas Especiais
Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

Considerações iniciais para a formação na estratégia metodológica Escola Ativa

Este manual é dirigido aos professores, técnicos estaduais, municipais e outros agentes educacionais que desejem implantar e implementar a estratégia metodológica Escola Ativa em suas escolas.

Objetiva orientar práticas a serem incorporadas sistemicamente nas salas multisseriadas, promovendo mudanças significativas no olhar e na gestão dos educadores sobre esta organização escolar.

As práticas adotadas na estratégia metodológica Escola Ativa são baseadas na aprendizagem significativa que prioriza a compreensão e não a memorização, prioriza a autonomia, valoriza a diversidade cultural, a convivência com a comunidade e promove a qualificação do professor enquanto facilitador, orientador da aprendizagem de seus alunos e avaliador deste processo.

É relevante que este manual seja estudado integralmente, passo-a-passo, com a utilização dos vídeos instrucionais, em grupos de professores apoiados por um formador. É imprescindível que o formador da oficina já conheça todos os materiais instrucionais que compõem o kit de formação da Escola Ativa.

Para facilitar o estudo e a compreensão da estratégia, definimos a estrutura do manual em unidades, módulos e seções.

Cada unidade é composta por módulos que serão desenvolvidos e posteriormente vivenciados pelo professor em sua sala de aula.

Cada módulo está estruturado em três seções:



Atividades Básicas

Seção que visa averiguar os conhecimentos prévios e as experiências pessoais, sendo o ponto de partida das atividades, ou seja, deverá sempre conter uma introdução dos conteúdos envolvendo trabalho individual, em grupo ou em duplas.



Atividades Práticas

Seção constituída por atividades sobre o conteúdo introduzido, e estas deverão ser discutidas e realizadas em regime de cooperação ou individualmente, auxiliando na construção dos conhecimentos.



Atividades de Aplicação e Compromisso

Seção composta por atividades realizadas na oficina e que buscará um planejamento prévio a ser desenvolvido na escola que envolverá a participação dos alunos, pais, demais membros da família, pessoas que residem na comunidade, entre outros parceiros.



Avaliação do Módulo

Ao final de cada módulo, o formador deverá realizar a avaliação do conteúdo estudado pelos cursistas, propiciando, se achar viável, o avanço para o estudo do módulo seguinte. Neste momento ele deverá registrar, em sua FAP – Ficha de Acompanhamento e Progresso do cursista, seu progresso.



Avaliação Geral da Unidade

Cada unidade deverá levá-los à compreensão de suas práticas e da realidade em que se encontram inseridos, assegurando oportunidades de se aproximarem dos conhecimentos como meios de reflexão e mudança. Esta avaliação, após o estudo da unidade, deverá proporcionar momentos de intervenções e correções que contribuam para a construção de conceitos e práticas. Neste momento também o formador deverá fazer uma avaliação geral do conhecimento adquirido e registrar o avanço na FAP do cursista.

Todos os módulos a serem estudados irão propor atividades de reflexão relacionando o conteúdo com as práticas do cotidiano da oficina e da sala de aula. Além disso, virão acompanhados de ícones que indicarão como as atividades serão realizadas, observe:



Atividade a ser realizada sozinho



Atividade a ser realizada em dupla



Atividade a ser realizada com os colegas do grupo



Atividade a ser realizada com os colegas do grupo e com o formador

Nosso propósito é o de manter uma linguagem que deverá ser clara e dialógica, deixando sempre explicitados os objetivos a serem alcançados relacionados aos conhecimentos que vocês precisarão construir a partir do estudo proposto.

Além deste manual, serão utilizados vídeos instrucionais relacionados aos conteúdos das unidades. Estes vídeos têm o objetivo de orientar e introduzir o conteúdo a ser estudado.

Apresentamos, finalmente, o Diário da Formação, onde esperamos o registro de roteiros, planos, ações e do seu olhar sobre sua formação.

Esperamos que esta oficina contribua para uma melhoria significativa no seu progresso de formação, uma melhoria da aprendizagem e o sucesso de seus alunos.

Então, mãos à obra!

Equipe de organização e elaboração do manual.

Contexto histórico da Escola Ativa no Brasil

A estratégia metodológica Escola Ativa, que vem sendo adotada em diversos países latino-americanos, inclui estratégias inovadoras e recursos que possibilitam a melhoria de parte do ensino fundamental, melhoram a aprendizagem, a qualidade e a eficiência da educação em escolas de poucos recursos, principalmente em escolas multisseriadas situadas em áreas rurais e nas periferias de centros urbanos.

Essa inovação educacional inspirou-se no movimento pedagógico-cultural mais importante do começo do século XX, que rompeu com a educação tradicional, passiva e autoritária. A Escola Ativa surge como resposta aos persistentes problemas da ineficiência interna e da baixa qualidade da educação oferecida em classes multisseriadas. Propõe um novo paradigma pedagógico baseado em princípios que se opõem às práticas tradicionais transmissivas, memorísticas e passivas.

Escola Ativa no Brasil

Historicamente, no Brasil, as classes multisseriadas foram discriminadas por serem escolas de difícil acesso, unidocentes, isoladas, heterogêneas, de organização complicada e que não possuíam representatividade junto às Secretarias Municipais e Estaduais de Educação. Localizadas, em sua maioria, no campo, esperava-se que um dia elas desaparecessem como consequência natural de um processo de desenvolvimento econômico (que levou para as cidades, nas últimas décadas, um enorme contingente da população rural). Além disso, persistiam nessas classes problemas considerados de difícil solução: o nível de aprendizagem dos alunos, bem inferior aos das escolas seriadas, e os altos índices de repetência, evasão e má formação de professores.

Em maio de 1996, um grupo de técnicos da Direção Geral do Projeto Nordeste¹ dos estados de Minas Gerais e Maranhão foi convidado pelo Banco Mundial para participarem, na Colômbia, de um curso sobre a estratégia “Escuela Nueva- Escuela activa”, desenhada por um grupo de educadores colombianos que, há mais de vinte anos, obtinha sucesso no enfrentamento dos problemas educacionais das classes multisseriadas daquele país.

Surgiu daí o desafio de se pensar nessa alternativa como uma metodologia que objetivasse conferir qualidade às classes multisseriadas brasileiras, tornando o ensino nelas desenvolvido de igual ou melhor qualidade do que o das classes seriadas: desafio pretensioso, mas possível.

¹ Projeto Educação Básica para o Nordeste. Projeto desenvolvido pelo MEC e que atendia à região Nordeste.

Em agosto de 1996, em um seminário ministrado por um representante da *Fundacion volvamos a la gente*, responsável, na Colômbia, pela implantação e implementação da estratégia, a DGP² reuniu em Brasília todos os Secretários de Educação e diretores de ensino dos estados do Nordeste para que estes pudessem conhecer a estratégia e decidir sobre sua adoção.

Após o seminário, os estados da Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão e Piauí decidiram pela adoção da estratégia e, em outubro de 1996, técnicos destes estados foram capacitados na Colômbia. A partir daí, a estratégia no Brasil passou a se chamar Escola Ativa.

A implantação da estratégia metodológica Escola Ativa no Brasil ocorreu no ano de 1997, com assistência técnica e financeira do Projeto Nordeste/MEC, tendo como objetivos aumentar o nível de aprendizagem dos alunos, reduzir a repetência e a evasão e elevar as taxas de conclusão de parte do ensino fundamental, ou seja, de 1ª a 4ª séries. No final de 1998, os estados de Sergipe e Alagoas decidiram também implantar a estratégia.

Em meados de 1999, o Projeto Nordeste chegou ao seu final, dando lugar a um novo momento, ou seja, ao surgimento do programa FUNDESCOLA³, o que não acarretou descontinuidade nas ações de implementação da estratégia que já se consolidava nos estados. A Escola Ativa então passou a fazer parte das ações do programa FUNDESCOLA.

Para uma melhor compreensão, subdividiremos o processo de implantação da Escola Ativa no Brasil em fases. Tais fases representam o caminho que a estratégia percorreu desde a sua implantação ao longo dos últimos anos.

Fase I – Implantação e testagem – momento da preparação, implantação e do acompanhamento para conhecer a efetividade da estratégia Escola Ativa, buscando a afirmação pela qualidade da mudança em sala de aula. Período compreendido entre os anos de 1997 e 1998, em estados da região Nordeste. O Projeto Nordeste planejou ações que incluíram a elaboração de Guias de Aprendizagem⁴, a distribuição de kit pedagógico⁵, a capacitação de técnicos e professores e a contratação de um supervisor pedagógico por estado para acompanhar as escolas.

Fase II Expansão I – momento de ampliação do número de escolas nos estados e nos municípios do Nordeste que solicitaram a expansão, sem perder de vista a qualidade. Nesta fase, ocorreu, nas regiões Norte e Centro-Oeste, a implantação em municípios que compunham as ZAP (Zonas de Atendimento Prioritário) atendidas pelo FUNDESCOLA, considerando as microrregiões populacionais definidas pelo IBGE.

² Direção Geral do Projeto Nordeste.

³ Programa Fundo de Fortalecimento da Escola, que atende às regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

⁴ Livros didáticos das áreas do conhecimento elaborados para o atendimento de classes multisseriadas que implantaram a estratégia Escola Ativa.

⁵ Conjunto de materiais didáticos como globo, mapas, etc.

Fase III Consolidação – reconhecimento da efetividade da estratégia pelos estados e municípios. Criação de rede de formadores (multiplicadores) da estratégia, dando aos estados e municípios a oportunidade destes participarem das ações de formação e de monitoramento mais eficazmente. Esta fase daria início ao processo de proporcionar mais autonomia aos estados e municípios nas ações de monitoramento e de formação dos profissionais de sua rede. Os supervisores contratados pelo FUNDESCOLA, que antes prestavam assessoramento pedagógico mensal aos professores em suas escolas, realizariam esta ação amostralmente. Seus esforços estariam voltados agora para o assessoramento aos técnicos estaduais e municipais, orientando-os em suas dificuldades e nas dificuldades detectadas junto a seus professores, nos processos de legalização e articulação e de alinhamento da estratégia Escola Ativa com outras ações da Secretaria.

Fase IV Expansão II – nesta fase houve uma expansão que rompia com os limites das ZAP, oportunidade em que foram incorporados municípios denominados autônomos. A estes municípios couberam as responsabilidades de capacitar seus professores e dotar as escolas de estrutura física e de kit pedagógico.

Ao FUNDESCOLA coube a distribuição dos materiais instrucionais para a formação de professores; e de Guias de Aprendizagem para os alunos.

Fase IV Disseminação e Monitoramento – hoje, estruturalmente pertencente às ações educacionais da Coordenação Geral de Fortalecimento Institucional- CGFOR/ Diretoria de Programas Especiais/FNDE/MEC, a Escola Ativa conta com responsáveis pela implantação, implementação e monitoramento da estratégia, nos âmbitos nacional, estadual e municipal, que compõem uma grande rede junto a gestores, técnicos, professores, alunos e pais que se apóiam e caminham buscando a sustentabilidade da estratégia nas escolas, nos estados e nos municípios. A fase atual busca a sustentabilidade nos estados e municípios, focalizando sua atuação naquilo que é essencial para o seu sucesso e propiciando às equipes estaduais e municipais que desenvolvam autonomamente as ações de implantação, monitoramento, implementação e avaliação, sem perder o foco na qualidade.

Esta fase se traduz, também, em um momento de adequação e desenvolvimento de projetos pilotos para o atendimento de demandas em áreas indígenas e extrativistas.

Para as áreas de reservas agro-extrativistas, foram desenhados quatro Guias complementares, que atenderão às especificidades desta clientela sem, contudo, descaracterizar a metodologia da Escola Ativa.

Ao longo dos anos, a estratégia metodológica Escola Ativa, que, em sua implantação, foi uma transposição da estratégia colombiana “Escuela Nueva – Escuela Activa”, foi sendo adaptada por todos os agentes envolvidos (coordenadores, gerentes, técnicos estaduais e municipais, professores e alunos) para se adequar cada vez mais à diversidade educacional, cultural, geográfica e política do contexto rural brasileiro, valorizando as pessoas e as ações voltadas para a melhoria das condições econômicas, sociais e educacionais das comunidades do campo.

Unidade 1

A ESTRATÉGIA METODOLÓGICA ESCOLA ATIVA NO CONTEXTO EDUCACIONAL BRASILEIRO

“A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país.”

Resolução CNE/CEB nº 1, de 03 de abril de 2002, Parágrafo Único, que institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.

A estratégia metodológica Escola Ativa no contexto educacional brasileiro

Tempo estimado de estudo desta unidade: 4 horas

Módulo 1 – Finalidades da educação básica

Módulo 2 – Princípios do ensino fundamental

Módulo 3 – Educação básica e diretrizes do campo

Avaliação da unidade

Caro cursista,

Nesta unidade, você estudará as finalidades da educação básica, os princípios do ensino fundamental e as diretrizes da educação do campo, que têm como objetivo desenvolver o educando, assegurando a este a formação comum indispensável para o exercício da cidadania, definindo o que é efetivamente possível ensinar e o que os alunos podem aprender e aplicar em suas vidas.

É muito importante definir os objetivos para melhorar a qualidade do ensino ministrado em nossas escolas, ou seja, o que as crianças precisam aprender. Esta é a função desta unidade: instruí-lo sobre as concepções que permitem desde a adequação dos currículos e calendários até os critérios que deverão ser obedecidos para se alcançar uma formação completa.

A formação dos alunos do campo se caracteriza pela fusão de etnias e culturas, pela ocupação de diferentes regiões geográficas e pela diversidade de fisionomias e paisagens, portanto a educação básica deve contemplar orientações que valorizem estes aspectos.

Você perceberá, após o estudo desta unidade, que a estratégia metodológica Escola Ativa agrega estes valores e concepções no desenvolvimento de suas ações.

Bom trabalho!

Módulo 1



Finalidades da educação básica



1. Reflita sobre as questões abaixo:

- O que significa educação básica para você?
- O que a educação básica deve promover?



2. Aproveite e leia o texto a seguir, que apresenta os pressupostos teóricos que servirão de fundamentação acerca da educação básica.

A importância da educação básica

A educação básica é o alicerce da aprendizagem futura de todos os homens. É o cimento sobre o qual as sociedades, de acordo com suas oportunidades e recursos, desenvolvem futuras oportunidades de aprendizagem. Na educação básica, o aluno desenvolve habilidades, fomenta valores, atitudes e adquire conhecimentos fundamentais e essenciais para a vida.

O que se pretende é que o aluno trabalhe habilidades que permitam a comunicação adequada, a leitura e a escrita; que aprenda a resolver operações e problemas aritméticos básicos; que saiba aplicar o conhecimento às situações cotidianas; que solucione problemas cotidianos; que desenvolva comportamentos sociais e democráticos que lhe permitam estabelecer relações harmoniosas com os seus semelhantes.

Saber escrever, ler e compreender o que está escrito são habilidades indispensáveis, não apenas para uma comunicação adequada, mas também para que a criança possa continuar aprendendo e se desenvolvendo.

A educação básica deve estimular atitudes de cooperação, de participação, de comportamento, de tolerância à adversidade, de resolução de conflitos de forma harmoniosa, de solidariedade, de ajuda mútua, de trabalho coletivo, tudo isso, de preferência, a partir de vivências concretas e bons exemplos.

Os alunos devem ser capazes de aprender observando a sua realidade, descrevendo-a precisamente e refletindo sistematicamente sobre o que observam, uma vez que essa prática desenvolve a capacidade de pensar por conta própria e facilita a aquisição de conhecimentos essenciais que devem estar relacionados à diversidade de temas a serem desenvolvidos durante a sua vivência.

Segundo a LDB – Lei 9394/96, art. 23, a organização da educação básica, que é formada pelos níveis educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, poderá ocorrer das seguintes formas:

1. séries anuais;
2. períodos semestrais;
3. ciclos;
4. alternância regular de períodos de estudos;
5. grupos não seriados com base na idade, competência e em outros critérios ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim recomendar.

Outro artigo, o 24, prevê ainda que a educação básica, nos níveis fundamental e médio, será organizada de acordo com as seguintes regras comuns:

1. a carga horária mínima anual será de oitocentas horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, sem contar o tempo reservado aos exames finais, quando houver;
2. a classificação em qualquer série ou etapa, exceto a primeira do ensino fundamental, será feita das seguintes formas:
 - por promoção, para alunos que cursaram, com aproveitamento, a série ou fase anterior na própria escola;
 - por transferência, para candidatos procedentes de outras escolas;
 - independentemente de escolarização anterior, mediante avaliação feita pela escola que defina o grau de desenvolvimento e experiência do candidato e que permita a sua inscrição na série ou etapa adequada, conforme regulamentação do respectivo sistema de ensino;
 - nos estabelecimentos que adotam a progressão regular por série, o Regimento Escolar pode admitir formas de progressão parcial, desde que preservada a seqüência do currículo, observadas as normas do respectivo sistema de ensino;

- classes ou turmas com alunos de séries distintas, com níveis equivalentes de adiantamento na matéria, poderão ser organizadas para o ensino de línguas estrangeiras, artes ou outros componentes curriculares;

3. a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

- a avaliação contínua, cumulativa e processual do desempenho do aluno, com predominância dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- a possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
- a possibilidade de avanço nos cursos e nas séries, mediante verificação do aprendizado;
- o aproveitamento de estudos concluídos com êxito;
- a obrigatoriedade de estudos de recuperação, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos de preferência, paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar;
- o controle de frequência fica a cargo da escola, sendo exigida a frequência mínima de setenta e cinco por cento do total de horas letivas para aprovação;
- cada instituição de ensino expedirá históricos escolares, declarações de conclusão de séries e diplomas ou certificados de conclusão de cursos, com as especificações cabíveis.

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases) institui como meta a obtenção de uma adequada relação entre o número de alunos e professor, carga horária e condições materiais do estabelecimento.

Outro aspecto importante, constante da LDB, é o que estabelece que os currículos do ensino fundamental e do ensino médio devem ter uma base nacional comum a ser complementada, nos sistemas e nos estabelecimentos escolares, **por uma parte diversificada exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.**

Deve ser observado que os currículos abrangerão, obrigatoriamente, o estudo da Língua Portuguesa e da Matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente, do Brasil e que o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

A disciplina Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da educação básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.

Por fim, na Base Nacional Comum, é destacado que o ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes: indígena, africana e européia.

É bom lembrar que os conteúdos curriculares da educação básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes:

- difusão de valores fundamentais ao interesse social e aos direitos e deveres dos cidadãos, e de respeito ao bem comum e à ordem democrática;
- consideração das condições de escolaridade dos alunos em cada estabelecimento;
- orientação para o trabalho;
- promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não formais.

Já quanto à oferta de educação básica para a população rural, a LDB prevê, no artigo 28, adaptações necessárias, de acordo com suas especificidades, destacando:

- os conteúdos curriculares e as metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- a organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- a adequação à natureza do trabalho na zona rural.



1. Sistematize os questionamentos propostos:

- Por que é importante enfatizar na educação básica as aprendizagens indicadas no texto anterior?
- Que atividades concretas estou desenvolvendo em minha escola para aplicar os princípios da educação básica?



1. Liste seus principais questionamentos, pois estes serão utilizados na primeira reunião de equipe e posteriormente encaminhados para serem tema de debate do primeiro microcentro.



2. Avaliem o trabalho realizado e, após a sistematização, utilizem sua criatividade para a produção de um cartaz.



3. Apresentem na oficina o cartaz produzido em seu grupo.



1. Relate ao seu formador o que aprendeu no estudo deste módulo, para o registro em sua FAP.

Módulo 2



Princípios do ensino fundamental



Leiam o texto abaixo:

Princípios do ensino fundamental

Depois de estudar as regras gerais da educação básica, você estudará agora os princípios específicos do ensino fundamental, que é obrigatório e gratuito na escola pública, tem duração mínima de oito anos e objetiva a formação básica do cidadão, mediante:

- o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meio básico o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- o fortalecimento dos vínculos da família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social;
- o desdobramento, facultado pela LDB, do ensino fundamental em ciclos e a adoção, pelos estabelecimentos que utilizam progressão regular por série no ensino fundamental, do regime de progressão continuada, sem prejuízo para a avaliação do processo de ensino-aprendizagem, observadas as normas do respectivo sistema de ensino;
- o ensino fundamental regular ministrado em português, estando assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem;

- o ensino fundamental presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais.

Já no que concerne à jornada escolar, o ensino fundamental incluirá pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo progressivamente ampliado o período de permanência na escola.

Outro aspecto que merece destaque é o fato de que o ensino fundamental será ministrado progressivamente em tempo integral, a critério dos sistemas de ensino.

São ressalvados os casos do ensino noturno e das formas alternativas de organização autorizadas na lei.

Depois de publicada, a LDB teve o seu art. 33 alterado pela Lei nº 9.475, de 22/7/97, passando o Ensino Religioso a ter matrícula facultativa, a ser parte integrante da formação básica do cidadão e a constituir disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, sendo assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil e vedadas quaisquer formas de proselitismo.

Ficou estabelecido, ainda, que os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do Ensino Religioso, estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores e ouvirão a entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos da disciplina.

A leitura que fazemos da legislação, no que tange aos estados e municípios e o que eles devem proporcionar às escolas do campo, diz respeito basicamente:

- **aos aspectos sócio-políticos** – apesar dos avanços observados nos últimos anos em termos qualitativos de acesso e cobertura, a população rural e a população das periferias dos centros urbanos só podem ver melhorada a qualidade de seu ensino básico se for adotado um novo tipo de escola com metodologia adequada à sua organização;
- **à situação do professor** – o professor das classes multisseriadas precisa receber formação adequada para lidar com a organização escolar em que trabalha. Além disso, para melhorar a gestão de sua escola, ele precisa contar com a participação de outros agentes;
- **à clientela da escola do campo** – a adequação do currículo, livros didáticos respeitando a cultura e a forma de organização comunitária e a produção valorizando as reais necessidades desta clientela são preocupações constantes;
- **à participação da comunidade no processo escolar** – a gestão da escola perpassa pela participação da comunidade nas atividades e decisões escolares;

- **à ação didático-pedagógica** – estratégias metodológicas vivenciais favorecem mudanças no ensino tradicional e incentivam a aprendizagem;
- **às instalações físicas da unidade escolar** – a adequação do ambiente escolar, tornando-o propício para o desenvolvimento dos conteúdos e das atividades, melhora a auto-estima do aluno e favorece a participação comunitária para a preservação da escola;
- **à política educacional do campo** – a identidade do campo, sua cultura e sua forma de organização devem ser preservadas e valorizadas.

A implementação de inovações como a Escola Ativa demonstra a existência de uma estratégia metodológica que não pode ser desconsiderada no momento da definição de políticas e projetos de educação do campo. É desse conjunto que temos recriado o sentido do campo, educação do campo e dos seus sujeitos.



1. Discutam sobre o texto lido e elaborem um resumo para estudos posteriores.



2. Registre, em seu diário de capacitação, o resumo elaborado por seu grupo.



1. Faça um relato ao formador da oficina sobre as atividades que você desenvolveu neste módulo, para registro do seu progresso em sua FAP.

Módulo 3



Educação básica e diretrizes do campo



Leiam com atenção o texto abaixo:

Fundamentos e princípios da educação do campo

Uma política pública de educação deve respeitar todas as formas e modalidades de educação que considerem o campo como um espaço que é, ao mesmo tempo, produto e produtor de cultura. É essa capacidade produtora de cultura que o constitui como um espaço de criação do novo e do criativo e não, quando reduzido meramente ao espaço da produção econômica, como um lugar de atraso, de não cultura. O campo é, acima de tudo, o espaço da cultura.

Dessa forma, a estratégia metodológica Escola Ativa vem, ao longo dos últimos anos, desenvolvendo ações para assegurar a aprendizagem significativa, a valorização da cultura do campo e de sua população.

A Escola Ativa valoriza as mudanças nos processos de trabalho e de produção do conhecimento que afetam toda a prática social, facultando a construção de novos “mapas culturais”, novos valores e referências, configurando múltiplos padrões de sociabilidade e de subjetividades e trazendo a exigência do desenvolvimento de novas competências por parte da instituição educacional, tendo em vista a emergência constante de novos conhecimentos.

Tais competências se constroem nos diversos espaços de aprendizagem que configuram a trajetória da vida cotidiana de todas essas crianças. Aos espaços responsáveis pela escolarização compete possibilitar a construção de lastros de conhecimento e habilidades como sujeito autor, gestor e produtor de sua ação, notadamente no desenvolvimento de suas atividades e co-participante da construção do conhecimento.

Vejamos agora os fundamentos metodológicos e os princípios da educação do campo:

FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS E PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO¹

1. A educação do campo de qualidade é um direito dos povos do campo

Educação é um direito social e não uma questão de mercado. A educação, enquanto organizadora e produtora da cultura de um povo e enquanto produzida por uma cultura – a cultura do campo –, não pode permanecer seguindo a lógica da exclusão do direito à educação de qualidade para todos e todas.

A educação recria o campo porque por meio dela se renovam os valores e as atitudes, os conhecimentos e as práticas de pertencimento a terra. Ela instiga a recriação da identidade dos sujeitos na luta pela terra como um direito social, porque possibilita a reflexão na práxis da vida e da organização social do campo, oferecendo saídas e alternativas ao modelo de desenvolvimento rural.

Uma política de educação do campo precisa conceber que a cidade não é superior ao campo e, a partir desta compreensão, precisa criar relações de horizontalidade e não de verticalidade entre campo e cidade, nas formas de poder, de gestão das políticas e de produção econômica e de conhecimento.

2. A educação do campo e o respeito às organizações sociais e o conhecimento por elas produzido

A educação do campo pode ocorrer tanto em espaços escolares quanto fora deles. Envolve saberes, métodos, tempos e espaços físicos diferenciados. Acontece na organização das comunidades e dos seus territórios que se distanciam de uma lógica meramente produtivista da terra e do seu próprio trabalho. Nas formas de organização, se vivencia o direito de relacionar-se com a terra como cultura por meio de diferentes conhecimentos e raízes históricas.

3. A educação do campo no campo

Enquanto direito, a escola precisa estar onde os sujeitos estão. Por isso, a escola tem que ser construída e organizada no campo. O fato de estar no campo também interfere na produção dos conhecimentos, porque não será uma escola descolada da realidade dos sujeitos.

Construir educação do campo significa também construir uma escola do campo, significa estudar para viver no campo, ou seja, inverter a lógica de que se estuda para sair do campo.

4. A educação do campo enquanto produção de cultura

A educação do campo deve estar vinculada a uma cultura que se produz por meio de relações mediadas pelo trabalho na terra, entendendo-se trabalho como produção

¹ Texto extraído do Caderno de Subsídios – Ministério da Educação, Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo – referências para uma política nacional de educação do campo – outubro/2003.

cultural de existência humana. Para isto, a escola precisa investir em uma interpretação da realidade que possibilite a construção de conhecimentos potencializadores, de modelos alternativos de agricultura, de novas matrizes tecnológicas, de produção econômica e de relações de trabalho e da vida a partir de estratégias solidárias.

A educação do campo produz cultura a partir das especificidades do campo, mas sem perder de vista a sua inter-relação com o que a cidade produz.

Esta idéia confronta a lógica distorcida colocada por uma concepção de campo subjugada à lógica urbana e destituidora do sentido do campo como espaço vivido.

5. A educação do campo na formação dos sujeitos

A educação do campo deve compreender que os sujeitos possuem história, participam de lutas sociais, sonham, têm nomes, rostos, lembranças, gêneros e etnias diferenciadas. Cada sujeito, individual e coletivamente, se forma na relação de pertencimento a terra e nas formas de organização solidária. Portanto, os currículos precisam se desenvolver a partir das formas mais variadas de construção e reconstrução do espaço físico e simbólico, do território, dos sujeitos, do meio ambiente. O currículo não pode deixar ausentes as discussões sobre os direitos humanos, questões de raça, gênero e etnia, produção de sementes, patenteamento das matrizes tecnológicas e das inovações na agricultura, justiça social e paz.

O elemento que transversaliza os currículos nas escolas do campo é a terra. Além dela, elementos como: as relações com o cosmo, a democracia, a resistência e a renovação das lutas e dos espaços físicos, assim como as questões ambientais, políticas, de poder, científicas, tecnológicas, sociais, culturais e econômicas.

Os que vivem no campo podem e têm condições para pensar uma educação que traga como referências as suas especificidades para incluí-los na sociedade sem ser de forma hierarquizada ou subordinada. Para isso, a educação que se realiza na escola precisa ser no campo e do campo e não para o campo.

6. A educação do campo como formação humana para o desenvolvimento sustentável

Políticas de educação como formação humana pautam-se pela necessidade de estimular os sujeitos da educação pela sua capacidade de criar com outros um espaço humano de convivência social desejável.

A formação humana é todo o processo educativo que possibilita ao sujeito se constituir enquanto ser social responsável e livre, capaz de refletir sobre sua atividade, capaz de ver e corrigir erros, capaz de cooperar e de possuir um comportamento ético, porque tudo isso importa em suas relações com os outros. Portanto, a educação como formação humana é também uma ação cultural.

A educação como estratégia fundamental para o desenvolvimento sustentável do campo deve se constituir nas políticas públicas como uma ação cultural comprometida com o projeto de reinvenção do campo brasileiro.

7. A educação do campo e o respeito às características do campo

Para implementar políticas públicas que fortaleçam a sustentabilidade dos povos do campo, os sujeitos devem estar atentos para o fato de que existem diferenças de ordens diversas entre estes povos. O campo é heterogêneo e muito diverso.

Esta heterogeneidade possui duas implicações: a primeira é que não se pode construir uma política de educação idêntica para todos os povos do campo; a segunda é que, por ser heterogênea, esta política deve ser articulada às políticas nacionais e estas devem articular-se de acordo com as demandas e com as especificidades de cada região ou de cada espaço ou território que se diferencie dos demais.

Isto inverte a relação entre poder público e os sujeitos sociais. Não cabe, nesta vertente, que o poder executivo decida sobre os destinos das comunidades, como também não cabem atitudes corporativas de grupos organizados na definição das prioridades. A sustentabilidade do campo exige uma inversão nessa relação. É preciso que as pessoas estejam organizadas; que participem ativamente e pensem no desenvolvimento para além do seu espaço, da sua comunidade próxima; que pensem localmente, partindo também da sua região e da relação desta região com o desenvolvimento nacional.

É com esse espírito que os sujeitos poderão pensar em um desenvolvimento integral, onde faça parte a busca da resolução para problemas de saneamento, de saúde, de educação, de trabalho, da fome, de moradia, de abastecimento de água, entre outros.



1. Liste seus principais questionamentos sobre a educação do campo.



1. Socialize seus questionamentos com o grupo.
2. Respondam a estes questionamentos.



1. Apresentem os seus trabalhos ao orientador da oficina para registro de seus progressos.



1. Apresente suas atividades ao formador da oficina, que registrará o seu progresso se você tiver desenvolvido todas as atividades desta unidade adequadamente e se você tiver alcançado o objetivo de aprendizagem esperado.

Unidade 2

A ESTRATÉGIA METODOLÓGICA ESCOLA ATIVA

“A prática educativa é algo muito sério. Lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para o seu fracasso. Mas podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra injustiças, contribuir para que os educandos vão-se tornando presenças marcantes no mundo.”

Paulo Freire

A estratégia metodológica Escola Ativa

Tempo estimado de estudo desta unidade: 4 horas

Módulo 1 – Fundamentos metodológicos da estratégia Escola Ativa

Módulo 2 – Princípios básicos que norteiam a Escola Ativa

Módulo 3 – Principais fatores que contribuem para uma prática pedagógica eficaz

Avaliação da unidade

A escola precisa ser vista como uma unidade fundamental para a implementação de mudanças e para tanto é essencial uma transformação nas práticas de construção do conhecimento em sala de aula.

As avaliações¹ realizadas com os alunos brasileiros comprovam a baixa qualidade da educação, razão pela qual torna-se necessária a revisão das práticas pedagógicas em sala de aula e fora dela. Isto implica:

- mudar o papel do professor, de um repassador de informações para um arquiteto de percurso, um articulador de pensamentos;
- oferecer atividades que desafiem os alunos, possibilitando-lhes desenvolver experiências pertinentes de aprendizagem;
- organizar trabalhos cooperativos em pequenos grupos;
- promover a participação ativa dos alunos como protagonistas da construção de sua aprendizagem e da sua formação como cidadãos autônomos;
- planejar oportunidades para que os alunos coloquem seus conhecimentos prévios em prática, ampliando-os e aplicando-os às novas experiências;
- avaliar, no processo, o desempenho dos alunos;
- realimentar permanentemente os conteúdos em um ritmo adequado;
- explicitar aos alunos o que se espera deles.

A escola onde o professor não considerar estas e outras práticas eficazes limitará a possibilidade de enfrentamento dos persistentes problemas da baixa qualidade da educação.

¹ SAEB e PIZA.

A estratégia metodológica Escola Ativa tem como princípios norteadores a valorização do aluno como ser livre, ativo e social, a valorização do professor como facilitador no processo de aprendizagem do aluno e a valorização da comunidade como parceira na transmissão de saberes culturais, sociais e nas atividades empreendidas pela escola.

Possui como objetivos:

- ofertar às escolas multisseriadas uma metodologia adequada e com custos mais baixos do que a nucleação;
- atender o aluno em sua comunidade, conforme prescreve a RESOLUÇÃO Nº 1, Art. 6º do CNE² de 03 de abril de 2002, que institui Diretrizes Operacionais para a educação básica nas escolas do campo;
- promover a equidade;
- reduzir as taxas de evasão e de repetência nas escolas multisseriadas;
- corrigir a distorção idade/série dos alunos;
- promover a participação dos pais nos aspectos pedagógicos e administrativos da escola;
- melhorar a qualidade do ensino fundamental – 1ª a 4ª séries – ofertado nessas escolas.

Sua implementação e vivência proporcionam:

- *Ao aluno:* acesso ao conhecimento prático; ampliação e acesso a novos conhecimentos; aprendizagem cooperativa; desenvolvimento de seu senso crítico e de sua autonomia; aplicação dos conhecimentos no meio social em que vive.
- *Ao professor:* oportunidade de refletir sobre sua formação, individualmente ou em grupo; acesso a novas metodologias com orientação e assessoramento pedagógico.
- *Ao técnico pedagógico:* oportunidade de refletir sobre sua formação e atuação, visando intervenções pedagógicas eficazes junto ao professor; oportunidade de compreender a metodologia aplicada; oportunidade de identificar dificuldades diagnosticadas na aprendizagem dos discentes e na prática e formação dos docentes.

² Art. 6º – O Poder Público, no cumprimento das suas responsabilidades com o atendimento escolar e à luz da diretriz legal do regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, proporcionará Educação Infantil e Ensino Fundamental nas comunidades rurais, inclusive para aqueles que não o concluíram na idade prevista, cabendo em especial aos Estados garantir as condições necessárias para o acesso ao Ensino Médio e à Educação Profissional de Nível Técnico.

- *À comunidade:* oportunidade de participar da gestão da escola como co-responsável no processo de ensino-aprendizagem de seus filhos, interagindo na construção do conhecimento.

Ressalta-se que esta estratégia está fundamentada em princípios que valorizam:

- a educação voltada para a transformação social e a valorização do campo;
- a educação voltada para o desenvolvimento de valores éticos, morais, cívicos e democráticos;
- a educação voltada para o fortalecimento do vínculo escola-família-comunidade.

Para atender a estas especificidades, a Escola Ativa é estruturada de acordo com os seguintes componentes:

Curricular

Componente relacionado à oferta dos conteúdos que são trabalhados na sala de aula a partir de cada elemento da estratégia Escola Ativa. Os elementos são estratégias vivenciais utilizadas para desenvolver competências relacionadas aos conteúdos previstos para as aulas. O componente curricular é formado pelos elementos: Guias de Aprendizagem, Cantinhos de Aprendizagem, Governo Estudantil e Comunidade.

Formação e Acompanhamento

Componente voltado para o planejamento e para a promoção de encontros, cursos ou reuniões para a formação continuada dos técnicos e professores, fortalecendo as experiências de sucesso e intervindo nas distorções detectadas. É responsável pela realimentação dos conteúdos vistos nos encontros de formação e pelo assessoramento pedagógico ao professor, em sua sala de aula e na escola, no que diz respeito à orientação e à correção das ações que se fizerem necessárias para a valorização do avanço observado e para a motivação da continuidade das ações.

Comunitário

Componente voltado para o fortalecimento das relações escola-família-comunidade, objetivando a valorização comunitária e o resgate cultural.

Administrativo

Componente voltado para a organização da documentação escolar e para a legalização e institucionalização da estratégia metodológica Escola Ativa junto aos conselhos de educação.

Os componentes que estruturam a metodologia da Escola Ativa possuem estratégias vivenciais chamadas de *elementos*. Estes elementos da estratégia são

voltados para a formação de valores democráticos, participativos e que, quando combinados, favorecem a aprendizagem efetiva dos conteúdos escolares.

Nesta unidade, você conhecerá os fundamentos, princípios básicos que norteiam a estratégia metodológica Escola Ativa, e os principais fatores que contribuem para uma prática pedagógica eficaz.

Bom estudo!

Módulo 1



Fundamentos metodológicos da Escola Ativa



1. Reflitam sobre os seguintes aspectos:

- Que papel nós, professores de classes multisseriadas, temos desempenhado tradicionalmente na escola?
- Como estamos desenvolvendo nossas atividades em sala de aula?
- Qual é a participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem em nossa sala de aula?



2. Aproveitem agora para ler o texto a seguir, que trata das diferenças fundamentais entre uma escola multisseriada que não adota nenhuma metodologia voltada para esta organização específica e uma escola que adota a estratégia Escola Ativa.

Na escola tradicional, o professor detinha o conhecimento. Era ele quem achava que sabia tudo e transmitia este conhecimento sem estabelecer um diálogo com o aluno, sem perceber o que este já sabia. Ao aluno cabia o lugar de mero receptor de informações. Ele devia ouvir, armazenar e decorar. A avaliação nada mais era que a devolução ao professor daquilo que ele mesmo havia ensinado. Servia para classificar o aluno entre bom ou mau aprendiz. Bom aluno era o que conseguia ser o mais fiel possível na reprodução dos conteúdos.

O raciocínio pessoal e o desenvolvimento crítico eram artigos dispensáveis. Os livros transmitiam informações para serem decoradas sem a menor crítica. O aluno fazia o que o professor ensinava sem questionar nada e quase sempre, carregava o ônus por não ter aprendido. Os alunos se sentavam em suas carteiras, uns atrás dos outros, copiando as matérias em seus cadernos e escutando o professor ou repetindo em desabado coro frases que este lhes solicitava que repetissem. Trabalhavam individualmente, e o quadro negro era o recurso mais eficaz para o desenvolvimento das atividades.

Mesmo com toda a crítica que hoje podemos fazer, a escola tradicional não deixou de dar a sua contribuição. Nesse período, o professor era muito valorizado e muitos cresceram e tornaram-se verdadeiros profissionais graças a ela. Hoje a educação agrega novos valores e inovações subsidiando os profissionais da educação com estratégias que possam assegurar a aprendizagem dentro das expectativas dos alunos do século XXI.

Mas afinal o que é essa tal Escola Ativa?

Escola Ativa é uma estratégia metodológica voltada para a gestão de classes multisseriadas, que combina, em sala de aula, uma série de elementos e de instrumentos de caráter pedagógico/administrativo, cuja implementação objetiva aumentar a qualidade do ensino oferecido naquelas classes.

As concepções que fundamentam a Escola Ativa são baseadas na compreensão de que: para se obter mudanças no ensino tradicional e melhorar a prática dos docentes e conseqüentemente a aprendizagem dos alunos, deve-se levar em conta:

- a aprendizagem ativa e centrada no aluno;
- a aprendizagem cooperativa;
- a avaliação contínua e no processo;
- a recuperação paralela;
- a promoção flexível;
- a periodicidade de cursos de formação para os professores e técnicos pedagógicos estaduais ou municipais.

Partindo destas concepções, a proposta Escola Ativa é estruturada levando em conta estratégias vivenciais que objetivam a aprendizagem; a participação, estimulando hábitos de colaboração, companheirismo, solidariedade e participação na gestão da escola pelos alunos; a melhoria da atuação dos professores em sala.

Essas estratégias são chamadas de elementos. São eles:

Guias de Aprendizagem

Livros didáticos específicos para utilização nas classes multisseriadas adotantes da estratégia Escola Ativa, elaborados de forma modular e auto-instrucional e permitindo a cada aluno caminhar no seu próprio ritmo.

Cantinhos de Aprendizagem

Espaços montados pelos alunos, professores e comunidade com pequeno acervo de livros, plantas, objetos ou animais relacionados a cada área do conhecimento: Língua Portuguesa, Ciências, Matemática, História e Geografia.

Governo Estudantil

Este elemento viabiliza e legitima, por meio do voto, a participação ativa e democrática dos alunos na gestão da escola, quer na parte administrativa, quer na parte pedagógica.

Escola e Comunidade

Promove relações estreitas com a comunidade, objetivando a formação integral do aluno, com atividades curriculares relacionadas à sua vida diária e ao seu ambiente natural e social.

Todos esses elementos combinados entre si têm por finalidade colocar em prática e incorporar à sala de aula, à escola, à família e à comunidade os princípios norteadores que influenciam diretamente a aprendizagem significativa, tais como:

- a) o acesso dos alunos à diversidade textual dos Guias de Aprendizagem e de outros materiais didáticos;
- b) a prática e aplicação da aprendizagem às situações do cotidiano do educando;
- c) a participação da família e da comunidade nas atividades desenvolvidas na escola;
- d) a avaliação processual, formativa e acolhedora proporcionando o *feedback* permanente para o aluno;
- e) a elaboração de planos de aula adequados e contextualizados às necessidades e características do aluno;
- f) a eficiência das práticas pedagógicas.

Os Manuais Instrucionais e os Guias de Aprendizagem integram sistematicamente processos de ensino e de aprendizagem:

- a) currículo pertinente e intensamente relacionado com a vida da criança, contendo atividades desafiadoras, interessantes, não só para a formação integral do educando, mas também do professor;
- b) sistema de avaliação processual e contínuo;
- c) formação continuada, monitoramento/acompanhamento sistemático dos professores;
- d) relações sócio-comunitárias;
- e) gestão escolar, partindo da premissa de que a melhoria da educação exige uma intervenção simultânea e coerente junto aos discentes, docentes, demais membros da comunidade escolar, família e sociedade; e a formação de valores democráticos e participativos por meio de estratégias vivenciais.



3. Agora que vocês conhecem mais sobre a estratégia Escola Ativa, comentem com seus colegas de grupo sobre as diferenças identificadas a partir da leitura realizada, priorizando os seguintes aspectos:

- organização dos alunos;
- participação;
- processo de avaliação.



4. Agora leiam com muita atenção o estudo de caso a seguir:

Joana era professora de uma escola multisseriada que ficava a cerca de três horas da sede do município de Almirante. A sua casa e a escola, bem como todas as casas do vilarejo, que não passavam de vinte, ficavam às margens de um rio muito belo, e a paisagem era realmente encantadora.

Joana havia deixado a vida da cidade grande para poder realizar seu maior sonho: tornar-se professora. Sonhava em provocar mudanças na educação, por isso a escolha da localidade.

Cheia de idéias, quando fazia seu plano de aula, imaginava como seria útil desenvolver uma atividade às margens daquele rio, onde poderia trabalhar a unidade do livro didático adotado pela Secretaria de Educação, o qual tratava basicamente da importância da natureza, dos rios e de sua conservação. Um projeto que envolvesse os alunos, que os fizesse refletir sobre a conservação do rio para o bem da comunidade.

No entanto, pensava: *“Como quebrar as convenções estabelecidas, no que se refere aos conteúdos a serem seguidos? O que poderia pensar a comunidade observando os alunos fora da sala de aula? Não, isso não daria certo!”*

Ao mesmo tempo em que Joana acreditava na importância da contextualização, da utilização do concreto como forma de construção do conhecimento, se via totalmente desmotivada.

Certa manhã, movida por um ímpeto que não sabia explicar, ao abordar um conteúdo da área de ciências – tipos de vegetação –, resolveu que dividiria a turma em grupos de quatro alunos e estes, por série, planejariam um roteiro, pois iriam mapear os tipos de vegetação (plantas) da localidade.

Desta forma, foi organizado o roteiro do trabalho a ser realizado, e os alunos partiram rumo à aventura.

Logo no início da trilha, Joana percebeu o tamanho da diversidade de vegetação. Muitas das plantas e ervas do local ela jamais tinha tido a oportunidade de ver nem mesmo nos livros e enciclopédias que havia consultado para a elaboração de seu plano de aula. “E agora?”, pensou.

No entanto, as crianças corriam, apontavam, anotavam, discutiam e falavam com muita propriedade sobre tudo. Todos participaram e se posicionaram, comportamento que, em sala de aula, dificilmente existiria, principalmente por parte daqueles que ela considerava mais introvertidos e arredios. É, mas ali não eram assim. As crianças a cercavam, mostravam as plantas e falavam para o que elas serviam, desenhavam a trilha, comentavam entre si, anotavam e muito mais.

Quando voltou para casa, naquela noite, Joana demorou a acreditar no que realmente aconteceu durante aquela atividade e, após um bom tempo de reflexão, chegou à conclusão de que uma atividade vivencial como a daquela manhã era diferente das que ela adotava em sua sala de aula, e que sua postura muitas vezes limitava a participação efetiva das crianças, pois só ela falava, só ela se expressava, e as crianças limitavam-se a responder monossilabicamente.

Joana chegou à conclusão, também, de que o trabalho grupal favoreceu a participação e a interação, além da troca de experiências significativas, onde cada um apresentava suas contribuições, seus conhecimentos e nem se importavam com a sua presença ou se estavam sendo observados, pois era algo realmente espontâneo.

Quanto às anotações, estas ao final foram todas entregues.

“Olha só,” pensou, “criança, quando envolvida no processo, se sente parte integrante da atividade e assume e cumpre compromissos!”

Não havia outro jeito senão repensar sua prática pedagógica como uma professora facilitadora do processo de aprendizagem de seus alunos.

Deparou-se, preocupada, com as várias diferenças existentes entre os alunos quando estão em sala de aula e quando estão fora dela, com a capacidade de liderança que demonstravam e com a forma de lidar com o inusitado e com o estímulo proporcionado. Do ponto de vista metodológico, Joana percebeu sua capacidade e coragem para explorar a criatividade dos alunos, para estimulá-los na construção de conceitos a partir da experiência deles mesmos, utilizando todos os recursos disponíveis e possíveis para serem explorados na atividade, na organização e participação grupal, sua segurança e, principalmente, sua motivação para o trabalho docente.

É, se queria inovar, precisaria arregaçar as mangas! Só então ela notou que já raiava o dia e que tinha passado uma noite inteira refletindo e registrando suas descobertas. Sabia que não seria apenas uma atividade, que muitas outras viriam a partir desta e que agora tinha mesmo é muito o que fazer!



5. Após a leitura do estudo de caso, discutam em grupo:

- Quantas vezes nos vimos na mesma situação de Joana?
- Quais são as características identificadas por Joana que mais chamaram a sua atenção?
- Podemos afirmar que a turma de Joana era ativa? Por quê?



1. Sistematize todas as respostas na ordem solicitada em seu diário de formação.
2. Estabeleça um paralelo entre a forma como você vem atuando e como deve passar a atuar a partir da implantação da estratégia Escola Ativa em sua escola.



1. Com o grupo, confeccione um painel que represente a síntese do trabalho proposto.



1. Solicitem a presença do orientador da oficina para que este veja os trabalhos que foram realizados. Ele fará suas avaliações e registrará seus progressos.

Módulo 2



Princípios básicos que norteiam a estratégia metodológica Escola Ativa



1. Façam um breve comentário sobre tudo o que nos foi apresentado até o presente momento sobre a estratégia Escola Ativa.



2. Agora leiam o texto que se segue com total atenção:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) têm colocado, em consonância com uma tendência mundial, a necessidade de se centrar o ensino e a aprendizagem no desenvolvimento de competências e habilidades por parte do aluno, em lugar de centrá-lo no conteúdo conceitual. Isto implica promover uma mudança educacional de nossas práticas, de nossa maneira de organizar o currículo, planejar nossas aulas e de elaborar a proposta pedagógica de nossas escolas.

As idéias aqui apresentadas têm um ponto comum: deslocam o eixo central para o aluno. Ele passa a ser o centro da ação. Isso não quer dizer que vai se diminuir a importância do educador. Pelo contrário: ao se mudar a forma de interação, de transmissor de conhecimentos, o professor passa para o papel de provocador de situações e de agente motivador para que os alunos aprendam conceitos, cada um no seu ritmo.

Vejamos então a seguir os princípios da Escola Ativa:

AFETO: A base da formação humana é o afeto, a afetividade consciente e inconsciente, a motivação, o interesse, a boa disposição, a transferência, os estímulos positivos, a empatia, características que são variações pedagógicas do princípio que vincula a cabeça ao coração, a razão ao sentimento, o cognitivo ao afetivo. Eu e o outro, eu e o mundo.

Desde a Grécia Antiga, a escola sempre privilegiou os ensinamentos cognitivos e científicos. Na concepção humanista, buscamos na emoção humana, que nunca foi vista como um conhecimento a ser explorado e desenvolvido nas crianças e nos jovens, subsídios para proporcionar o saber, que precisa ter “sabor”, precisa ter “gosto”, precisa agradar e despertar desejos de quero mais.

EXPERIÊNCIA NATURAL: A natureza espontânea da criança e suas necessidades, interesses e talentos que se manifestam a partir de sua condição sócio-cultural são levados em consideração. O professor deve estimular os alunos para que estes gerem novas experiências. As áreas dos conteúdos precisam relacionar-se com o objetivo principal de promover o desenvolvimento global e harmonioso de cada uma das crianças, com base em experiências naturais já vivenciadas. Admitir que a criança desempenha um papel ativo na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem supõe encará-la como sujeito e não como objeto do processo educativo. Neste sentido, acentua-se a importância de a educação partir do que as crianças sabem, da sua cultura e dos seus saberes próprios. Respeitar e valorizar as características individuais da criança e suas diferenças constituem a base da aprendizagem efetiva.

ADAPTAÇÃO DO AMBIENTE: O ambiente que circunda o educando pode e deve ser adaptado para a estimulação da aprendizagem, estabelecendo-se pontes entre a ciência e a realidade, entre o descobrimento e a técnica, entre a pergunta e a criação. O importante é que as crianças se sintam “bem”, em um ambiente prazeroso e propício à aprendizagem.

ATIVIDADE: O educando constrói suas próprias ferramentas conceituais e morais a partir da própria atividade consciente. A experiência da sua própria atividade sobre as coisas ou sobre a linguagem forma e enriquece o pensamento. Este, por sua vez, deve ser estimulado de forma agradável pelo professor, que estabelece uma parceria e, mais do que isso, possibilita que a criança seja o verdadeiro agente da ação que irá, de forma progressiva e produtiva, transformá-la.

A aprendizagem se dá pela apropriação e pela elaboração de conceitos que são processos ativos. Ninguém aprende se não agir na direção do aprender. A apropriação e a elaboração de conceitos são dois processos que, mesmo possíveis de serem compreendidos em separado, ocorrem de forma tão imbricada que um não acontece sem o outro. Assim, é correto afirmar que alguém se apropriou de determinado conceito, se tiver, também, elaborado em nível mental este mesmo conceito.

Assim, é condição para uma atividade de aprendizagem que aquele que aprende tenha um motivo para aprender, veja uma finalidade em aprender e sinta uma relação do aprendido com a sua vida. Vale ressaltar que, por mais motivos que o professor tenha, por mais que ele veja uma finalidade e por mais sentido que faça para ele o que quer ensinar aos alunos, se estes não entenderem o porquê de aprender aquilo, não ocorre uma atividade de aprendizagem. Pode tornar-se uma atividade de ensino porque atende a finalidades e motivos do professor, mas não é atividade de aprendizagem, porque não atende a motivos e finalidades dos alunos.

O BOM PROFESSOR: O profissional que reflete sobre sua prática constantemente, se auto-avaliando no processo para alcançar os objetivos que planeja para um bom desempenho de seus alunos, reflete o perfil do educador que a Escola Ativa busca. Este professor serve de modelo para outros professores e para seus alunos como exemplo de profissional e pessoa.

INDIVIDUALIZAÇÃO E FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE: As diferenças não são apenas orgânicas, são também, de cunho intelectual, cognitivo, considerando as experiências de cada um, o desenvolvimento mental, os estímulos de enfrentar e resolver problemas, os ritmos de aprendizagem, as motivações e variedades de projetos e metas pessoais e oportunidades de interação sócio-cultural dos alunos.

Todas essas diferenças devem ser levadas em consideração pelos professores visando facilitar o ensino individualizado que possibilite a noção clara do que cada aluno pensa, sente e acredita, permitindo que este esclareça suas dúvidas e se prepare para o trabalho em grupo.

ANTIAUTORITARISMO E CO-GESTÃO: O aluno não aprende e nem se forma passivamente somente sob a autoridade do professor. O desenvolvimento da sua inteligência e autonomia envolve sua participação ativa e deliberativa na definição das regras de convivência da comunidade escolar, por meio de experiências de co-gestão. Além disso, inclui a construção de seu mundo de valores, atitudes, direitos, deveres, vivência e de relações. Nosso desafio é o da construção e gestão de uma escola que se apóie, em seu cotidiano, nos sujeitos da comunidade escolar para participar das decisões tomadas.

Uma escola precisa ter, para o desenvolvimento de sua ação, respeito aos direitos humanos, aos valores de justiça, ao diálogo e ao respeito mútuo. Este é um trabalho que se constrói a partir de pequenas, porém, fundamentais modificações no comportamento do professor no cotidiano escolar.

ATIVIDADE GRUPAL: Além de favorecer a socialização e o trabalho em equipe, a atividade e o desenvolvimento de projetos em pequenos grupos de alunos favorecem também o desenvolvimento intelectual e moral destes, à medida que a interação, a cooperação e o diálogo sobre seus diferentes pontos de vista permitem o avanço para estágios superiores de desenvolvimento.

Nos grupos, a necessidade de se respeitar os direitos e cumprir obrigações é essencial. Além disso, esses grupos estimulam a participação e favorecem a troca de experiências e a aprendizagem significativa e coletiva.

ATIVIDADE LÚDICA: As brincadeiras e os jogos são atividades fundamentais para a formação do ser humano em relação às outras pessoas, à natureza e a si próprio na medida em que propicia equilíbrio entre o seu interior e o meio com o qual interage. Brincar transforma-se em um fator muito importante para o aluno aprender a produzir, respeitar e aplicar regras, pois o ajuda a preparar-se para a vida com criatividade e com sentido de curiosidade e exploração. As atividades lúdicas são exercícios sérios e prazerosos. É essencial que os alunos as desenvolvam.



3. Reflitam e discutam sobre a aplicação dos princípios apresentados, bem como sobre a necessidade de maior dedicação ao estudá-los.



4. Façam a leitura e o estudo do caso a seguir:

Compartilhando uma experiência

Ansiosa para melhorar o desempenho de seu trabalho pedagógico, Joana, que já tinha ouvido falar da estratégia metodológica Escola Ativa, visitou a escola de Ana Sueli, que adotava a metodologia. Queria ver de perto os diferentes aspectos do trabalho escolar.

Ao chegar na escola, de pronto encontrou um ambiente muito diferente: os alunos estavam organizados em grupos por séries, cada grupo tinha um monitor, todas as crianças estavam identificadas por crachás confeccionados por elas mesmas e, sobre as mesas dos grupos, havia fichas que identificavam cada grupo, seus membros, a série, seu monitor, um símbolo e, além disso, um lema que os caracterizava e dava-lhes identidade. Compartilhavam o trabalho e os materiais e discutiam os temas propostos pela atividade, expressando seus diferentes pontos de vista.

A disciplina trabalhada era a mesma, ciências, mas os conteúdos e as atividades estavam de acordo com o Guia de Aprendizagem de cada série. Alguns alunos estavam fazendo experimentos no cantinho de ciências e, embora o professor estivesse em outro lugar, iam tirando suas conclusões e anotando em seus cadernos os pontos que consideravam importantes.

Ana havia lhe explicado que circulava pelos grupos orientando, avaliando, observando e participando das discussões, porém, as crianças, que já conheciam os Guias por meio de seu uso e dos ícones, os quais lhes asseguravam uma autonomia na condução e na realização dos exercícios, executavam as atividades facilmente.

De quando em vez, Joana percebia que apenas um elemento do grupo se dirigia aos espaços organizados na sala de aula por área do conhecimento e pegava materiais. Só depois ela descobriu que se tratava do monitor do grupo.

Eram tantas as novidades. Havia aprendido muito naquela manhã!

Então se dirigiu a Ana Sueli e perguntou:

– Como é que eu posso trabalhar assim?

– Não é tão difícil – respondeu Ana. O mais importante é você querer mudar, ficar atenta para melhorar as práticas pedagógicas, gostar de crianças, acreditar que todas elas, sem exceção, têm potencialidades e podem melhorar seu rendimento,

despertando nelas próprias o prazer de estarem na escola, respeitar seus ritmos e diferenças e perceber que só por meio da descoberta diária, de um plano de estudo sistemático, daremos os primeiros passos na busca da melhoria do nosso trabalho.

– Tem razão – respondeu Joana. Espero que você possa vir visitar minha escola, além de contar com o seu apoio para colocar em prática o que aprendi aqui. Você foi muito importante nesse meu processo de descoberta. E..., já ia me esquecendo, parabéns! Quero poder, num tempo muito próximo, servir de referência para meus alunos e comunidade, assim como você.



5. Identifique os princípios que Joana observou na visita à escola de Ana Sueli e relate, em seu diário da formação, suas principais conclusões.



1. Para cada princípio da estratégia Escola Ativa, item 2 da atividade básica, elabore uma atividade concreta que possa ser desenvolvida por você em sua escola.



2. Comparem seus trabalhos e apresentem ao formador da oficina a atividade realizada.



1. Elabore um roteiro a ser desenvolvido em uma reunião que você terá com os pais de seus alunos. Cite as mudanças e as atividades que você terá que realizar na implementação da estratégia Escola Ativa em sua comunidade. Registre, em seu diário da formação, o roteiro elaborado.



1. Solicite a presença do orientador da oficina para que este veja os trabalhos que foram realizados. Ele fará a avaliação e registrará o progresso na FAP.

Módulo 3



Principais fatores que contribuem para uma prática pedagógica eficaz



1. Em sua opinião, que medidas concretas você tem tomado para melhorar o resultado da aprendizagem de seus alunos.



2. Em seguida, realizem a leitura do texto que retrata fatores que contribuem para uma prática pedagógica eficaz, objeto das ações desenvolvidas na Escola Ativa.

Atualmente, chegou-se à conclusão de que, para melhorar e promover a aprendizagem baseada na compreensão e não na memorização, são necessárias as seguintes práticas em sala de aula:

- a) **Estimular a participação ativa dos alunos.** Para que aprendam por meio de situações reais, nas quais possam manipular objetos, observar diretamente, interagir com seus companheiros, com o professor e com a comunidade, analisar, comparar e finalmente construir novos conhecimentos. Os planos de aula devem ser apresentados aos alunos de forma seqüenciada e gradativa, com Guias de Aprendizagem que respeitem o nível e o desenvolvimento dos alunos e sua participação efetiva e suas diferenças individuais. Para cada dificuldade apresentada, deverá ser elaborada uma atividade complementar que desafie o aluno na construção das habilidades e conhecimentos necessários ao cumprimento da atividade proposta. Estas atividades, além de promoverem a complementaridade dos conhecimentos, servem para a efetivação da recuperação paralela.
- b) **Oferecer aos alunos oportunidades para praticarem o que aprendem e para aplicarem sua aprendizagem às suas experiências.** Por isso, é importante proporcionar-lhes situações e condições que os ajudem a seguir um processo que parta do concreto para o abstrato.

No decorrer deste processo, recomenda-se que o aluno desenvolva diversas atividades e utilize materiais adequados e diversificados.

Uma das técnicas que oferecem maiores possibilidades é o trabalho em grupo, já mencionado anteriormente, visando garantir ações interativas, além da utilização da monitoria, oportunidade em que os próprios alunos se ajudam na construção de conceitos e práticas.

- c) **Observar e avaliar o desempenho dos alunos.** Para obter resultados melhores, recomenda-se que os alunos sejam informados a respeito do que se espera deles e que os avaliem frequentemente. Isso permite a verificação do que os seus alunos aprenderam e do que eles ainda precisam aprender. Para tanto, são necessárias a análise diagnóstica, assegurando a avaliação processual, e a recuperação paralela, já referendada e que visa corrigir em tempo hábil as distorções ocorridas no desenvolvimento do processo de construção da aprendizagem.
- d) **Proporcionar retorno adequado sobre o desempenho dos alunos.** A eficácia desta prática depende, acima de tudo, da presteza com que os resultados alcançados na avaliação e seus registros na FAP sejam repassados aos alunos. Cabe ressaltar que tal registro sempre deverá ocorrer na presença do aluno, buscando com tal ação motivá-lo, independentemente do resultado, pois a presente ação visará desafiá-lo a melhorar o seu desempenho e a buscar a construção dos conceitos desejados.

Quatro princípios didáticos que definem uma boa situação de aprendizagem:

- Alunos refletindo sobre o que sabem e pensando sobre o conteúdo em questão.
- Alunos tendo problemas a resolver e decisões a tomar, em função do que se propõem a produzir.
- Conteúdo trabalhado mantendo suas características de objeto sócio-cultural real.
- Organização da tarefa garantindo a máxima circulação de informações entre os alunos – por isso, as situações propostas devem prever o intercâmbio e a interação entre eles.



4. Aproveite para analisar quais dos fatores mencionados na atividade acima você vem utilizando e como eles contribuem para a prática pedagógica eficaz e para o melhoramento de seus resultados.



5. Leiam, com muita atenção, o seguinte estudo de caso:

A aprendizagem das crianças deve basear-se na compreensão

João Libânio era um professor que vivia questionando sua própria prática pedagógica. Considerava que impor às crianças informações prontas minava sua criatividade.

Se sentia muito feliz, porque estava podendo vivenciar tudo o que havia estudado durante toda a sua formação pedagógica. Mas, por mais que tentasse, sempre achava que havia um grande distanciamento entre a teoria e sua prática.

Como era muito aplicado, havia guardado todos os seus apontamentos, textos nos quais constavam os pressupostos teóricos que colecionou em seus estudos, durante os anos de sua formação; e resolveu então que iria revê-los. Claro que estavam meio amarelados pelo tempo, mas ao folheá-los descobriu um que dizia o seguinte: “a criança deve aprender brincando e trabalhando e é necessário proporcionar-lhe condições, situações concretas que a ajudem em um processo que parta do concreto para a ação” – era um trecho de um livro que um professor havia lhe ditado, mas que a turma nunca havia compreendido muito bem.

Em seus pensamentos e devaneios, percebeu que ele mesmo havia aprendido da mesma forma: “ditavam e ele copiava”, mas raramente compreendia bem o que escrevia e quase nunca colocava em prática os seus conhecimentos.

Ora, se ele, um adulto, não tinha desenvolvido a compreensão do que havia aprendido nos longos anos de formação pedagógica, o que dizer de suas crianças?

Mais do que ninguém, elas precisavam de fatos concretos e precisavam desenvolver a capacidade de observar, questionar, manusear, pois assim seus conhecimentos perdurariam por toda a vida, pois passariam a fazer parte do seu contexto, das suas ações futuras.

Então resolveu solicitar a seus alunos que dividissem uma folha em quatro partes e que desenhassem, nos retângulos que se formavam, em segredo total, na ordem sugerida por eles mesmos: uma árvore, uma casa, uma flor e, finalmente, um gato.

Fez o mesmo e ao final percebeu que dos seus trinta e cinco alunos, a maioria fez desenhos iguais, sem se permitir o direito de inovar, de sair dos padrões.

João analisou com os alunos os desenhos, refletindo como se dá a reprodução de conhecimentos em série; pessoas diferentes, idades diferentes, mas que reproduzem o conhecimento adquirido da forma como este lhes foi repassado.

Ainda bem que ele já havia iniciado o seu processo de mudança e disse às crianças que, num futuro próximo, elas, ao serem solicitadas a realizar um desenho, pensariam que suas árvores deveriam fazer parte do contexto da sua região, pois em Manaus

não existem macieiras, mas açaizeiros; as casas são adequadas à região e não têm chaminés; as flores são as mais variadas possíveis e não aquelas de seis ou mais pétalas; e o gato poderia ser alguém do sexo masculino que, no linguajar das crianças, jovens e até mesmo de pessoas com mais idade, representa a beleza e o fato de ser atraente.

À noite, relendo mais uma anotação de seu tempo de estudante, deparou-se com o seguinte trecho há muito esquecido: “para que as crianças aprendam a pensar, elas devem ter uma aprendizagem baseada na compreensão. É necessário propor-lhes atividades que elas possam vivenciar, usando materiais e inúmeros recursos didáticos que possam tocar e, tocando, crer”.

João sabia que a formação na estratégia metodológica Escola Ativa havia lhe proporcionado esse processo de busca, de reflexão e, por que não dizer, de quebra de paradigmas, pois o que ela propunha dava-lhe a oportunidade de exercer sua profissão com entusiasmo, criatividade, responsabilidade, e a cada nova descoberta se sentia mais e mais motivado para continuar buscando, recapitulando conhecimentos há muito guardados e, portanto, adormecidos e que precisavam ser restaurados, reavivados e vividos.



1. Você, como o professor João Libâneo, deve ter muitos apontamentos guardados, além de livros que se reportam à importância de procedimentos didáticos eficazes.

No entanto, agora, analise particularmente a parte do texto lido que se refere às anotações de João e responda as questões no seu diário da formação:

- Você concorda com o conteúdo contido nos trechos? Justifique.
- As mudanças introduzidas pela estratégia Escola Ativa estão de acordo com as anotações? Por quê?
- E você, já conseguiu sair do quadrado que é a reprodução em série de conhecimentos?



1. Aproveite esse momento para planejar uma reunião com os pais dos seus alunos, na escola onde você irá realizar a atividade de desenho proposta no estudo de caso lido anteriormente. Você deverá ter o cuidado de preparar todo o material, além de explicar o objetivo da atividade. Registre o que planejou em seu diário da formação.



1. Ao concluir as atividades com êxito, mostre ao formador, que registrará o seu progresso na FAP.



1. Faça um esquema listando todos os conhecimentos vivenciados na unidade. Este esquema vai garantir que você chegue em sua escola e apresente à sua comunidade as vantagens da Escola Ativa.



2. Redijam um texto no qual o grupo de trabalho possa sistematizar o que ficou compreendido e vivenciado nesta unidade e definam a melhor técnica, usando toda a criatividade que lhes é peculiar para explicitar os fundamentos e princípios básicos da Escola Ativa. Este texto deverá ser apresentado em plenária para a turma da oficina.



3. Entregue suas atividades ao formador, para que este realize o registro na FAP. A partir daí, você poderá passar para o desenvolvimento da unidade seguinte ou, caso ainda necessite complementar seus conhecimentos, poderá ser submetido a uma atividade complementar.

Unidade 3

O GOVERNO ESTUDANTIL

“Nada, por certo, salvo a educação universal, pode contrabalançar a tendência à dominação do capital e a servilidade do trabalho. Se uma classe possui toda a riqueza e toda a educação, enquanto o restante da sociedade é ignorante e pobre, pouco importa o nome que dermos à relação entre uns e outros: em verdade e de fato, os segundos serão dependentes servis e subjugados dos primeiros. Mas, se a educação for difundida por igual, atrairá ela, com a mais forte de todas as forças, posses e bens, pois nunca aconteceu e nunca acontecerá que um corpo de homens inteligentes e práticos venha a se conservar permanentemente pobre.”

Horace Mann

O Governo Estudantil

Tempo estimado de estudo desta unidade: 8 horas

Módulo 1 – A Gestão Escolar

Módulo 2 – O Governo Estudantil como fator importante para o desenvolvimento afetivo, social e para a construção da cidadania

Módulo 3 – Como organizar o Governo Estudantil

Módulo 4 – Responsabilidades e funções dos alunos no Governo Estudantil

Módulo 5 – Como garantir o bom andamento dos comitês

Módulo 6 – Instrumentos que os alunos utilizam no Governo Estudantil

Avaliação da unidade

A Convenção dos Direitos da Criança, adotada pelas Nações Unidas em 20/11/1989 e ratificada por vários países em Portugal em 21/09/1990, deu ênfase à sobrevivência, ao desenvolvimento, à proteção e à participação como principais direitos da criança.

Foi assegurado que todas as crianças e adolescentes devem aprender a participar de tudo o que afete as suas vidas.

A escola, cujo propósito é a formação integral do indivíduo, deve desempenhar um papel importante nesse sentido. Além de instruir, a escola deve desenvolver aptidões e habilidades e promover valores e atitudes, como o comportamento cívico e democrático, entre outros. Para cumprir esta finalidade, é importante adotar estratégias adequadas de gestão escolar que promovam a formação cidadã e a participação de meninos e meninas no processo educacional.

Pensar em gestão escolar é pensar em redirecionamento de ações e não só no que concerne à estrutura organizacional da escola. É pensar sobre os novos desafios que a sociedade demanda e em como a escola responde a eles com suas ações.

A sociedade se democratiza e se transforma. Vemos essas transformações chegando cada vez mais perto da escola e cobrando que ela lhe dê respostas.

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96) propõe que a escola tenha autonomia para gerenciar suas ações administrativas e financeiras, adequar seu calendário escolar e elaborar sua proposta pedagógica a partir da realidade da sua comunidade.

A estratégia metodológica Escola Ativa, a partir de seus componentes e elementos, demanda uma ação efetiva de gestão da comunidade escolar por meio do elemento Governo Estudantil.

Nesse enfoque, não se trata de uma modalidade à parte, mas de uma contribuição adaptável à clientela, ao contexto, à contemporaneidade e à modernidade. Esse modelo de educação formativa, participativa e cooperativa nos remete aos pilares básicos definidos pela UNESCO, no relatório de Jacques Delors para a educação deste século – “o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a viver juntos e o aprender a ser formam a via essencial que integra as demais aprendizagens”.

Nessa perspectiva, o objetivo principal da presente unidade é contribuir para que os professores absorvam, em oficinas vivenciais, os fundamentos conceituais e práticos que regem a gestão escolar por meio do elemento Governo Estudantil, assim como a sua finalidade, os processos adotados em sua organização, os instrumentos utilizados pelos alunos, como orientar o funcionamento dos comitês de trabalho, e a participação ativa da comunidade.

Após as oficinas, é importante que os professores continuem estudando estratégias para melhorar e dinamizar o funcionamento da gestão em suas escolas, em círculos pedagógicos ou microcentros.

Um abraço!

Módulo 1



A Gestão Escolar



1. Reflita sobre o seu conceito de gestão escolar.
2. Leia com atenção o texto abaixo:

A gestão escolar não pode ser entendida somente como: práticas administrativas para um bom funcionamento da escola. É mais do que isso. É uma quebra de paradigma; é possuir visão sistêmica de todos os processos que envolvem a comunidade escolar; é acreditar que, por meio da escola, pode-se promover mudanças sociais, garantindo melhor qualidade de vida para as pessoas da comunidade do campo.

Uma escola que compreende a necessidade de se desenvolver um trabalho consciente e comprometido, não só com os resultados de aprendizagem no final do ano, mas também com o uso dessas informações integradas com o desenvolvimento social, avança significativamente. É preciso contextualizar as escolas democraticamente, civicamente, contribuindo para que esse processo participativo gere um movimento que mude o sentido da educação por si só.

Gestão escolar, como organização da escola, deve primar pela formação de cidadãos participativos na sociedade.

A escola que adota a estratégia metodológica Escola Ativa deve ter autonomia. Entenda-se autonomia como liberdade para adotar práticas e procedimentos que almejem o envolvimento integral dos alunos e da comunidade, gerando uma mobilização social em prol de uma educação de qualidade.

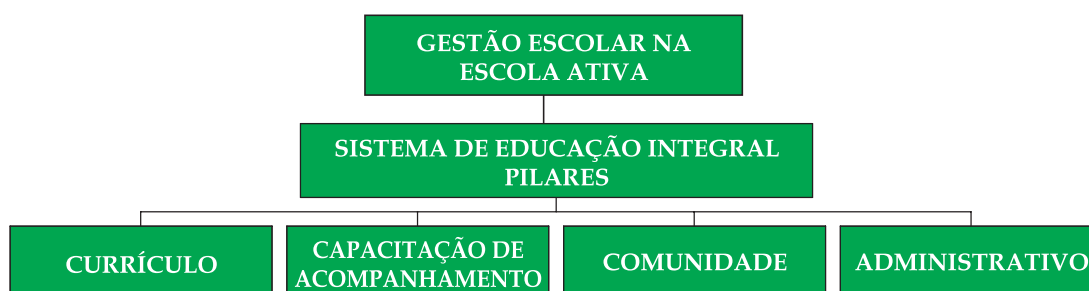
A descentralização de ações reporta para a participação de todos os sujeitos da comunidade escolar nos processos decisórios e nas atividades da escola.

Em uma escola unidocente, onde geralmente só existe o professor para decidir administrativamente e pedagogicamente as diretrizes que devem ser seguidas, é importante o envolvimento de todos no processo educacional. Isto garantirá o estabelecimento de mecanismos de gestão do cotidiano escolar, de seus recursos e de suas relações sociais da maneira como almejamos, ou seja, vislumbrando a Escola Ativa como um sistema de educação integral.

A autonomia deve ser, então, parte da gestão escolar no que concerne à capacidade de se tomar decisões compartilhadas e comprometidas para a resolução dos problemas e desafios educacionais e administrativos que a escola enfrenta.

E o que é mais importante: compartilhar decisões que, por envolverem várias instâncias, geram a responsabilização e a formação democrática dos alunos.

Abaixo, apresentamos um esquema do que entendemos sobre a gestão escolar desenvolvida na estratégia Escola Ativa:



1. Faça um resumo do texto que leu, destacando as principais idéias.



1. Compartilhe o seu resumo com o grupo. Se precisar, amplie o seu resumo com novas idéias e depois as registre em seu diário da formação.



1. Relate ao formador os conhecimentos que adquiriu no estudo deste módulo e peça para que ele faça o registro em sua FAP.

Módulo 2



O Governo Estudantil como fator importante para o desenvolvimento afetivo e social e para a construção da cidadania



1. Recorde:

- Quais são os conflitos e problemas mais frequentes nas relações aluno-aluno e aluno-professor?
- O que o professor de uma escola multisseriada pode fazer para atender simultaneamente às diversas séries, orientar as aulas e desenvolver outras atividades próprias da escola, como cuidar da limpeza, esportes, eventos culturais e organização da escola e da sala de aula?



2. Leiam o seguinte texto:

O Governo Estudantil é um elemento curricular que favorece o desenvolvimento afetivo, social, moral e cívico dos alunos por meio de situações vivenciais. Trata-se de uma organização dos alunos e para os alunos, que garante sua participação ativa e democrática na vida escolar, estimula-os a participar, impulsiona-os a se envolverem em atividades comunitárias e ajuda-os na satisfação de suas necessidades e na solução de problemas da escola. Promove a participação e o trabalho cooperativo entre eles e os inicia na vida comunitária. Educa-os para a liberdade, a paz, a tolerância, o respeito mútuo, a convivência sadia, a solidariedade, a cooperação, a tomada de decisões e a autonomia, entendida como liberdade para agirem livremente, assumindo as responsabilidades necessárias. Forma as crianças para o cumprimento de deveres e para o exercício dos seus direitos, para que, no futuro, desempenhem com responsabilidade o papel de adultos.

A inclusão de diversas atividades no Governo Estudantil permite que essas crianças exercitem suas capacidades e contribui para promover sua auto-estima. Um aluno com sua auto-estima elevada tem mais possibilidades de participar com sucesso de diferentes atividades.

Por meio do Governo Estudantil, o aluno se acostuma a participar ativamente de diferentes atividades em benefício da escola, da comunidade e do seu próprio desenvolvimento, envolvendo cuidados de higiene e saúde, cooperação grupal, programação e execução de atividades culturais, sociais e recreativas, promoção de campanhas ecológicas, prevenção de acidentes e vinculação a conselhos e comitês de gestão e solidariedade social. Tudo isso contribuirá para a formação integral do aluno.

É necessário facilitar a participação dos alunos, proporcionando-lhes diferentes situações para a demonstração e o desenvolvimento das suas capacidades. O Governo Estudantil favorece o desenvolvimento sócio-afetivo dos alunos e melhora sua auto-estima por meio do trabalho cooperativo, participativo e democrático, da co-gestão na organização da escola, da interação cotidiana e de outras situações que promovem esta estratégia curricular.

Para operacionalizar o Governo Estudantil, além de promover a organização de comitês e a realização de projetos, é indispensável a adoção de mecanismos que facilitem o diálogo e a participação.



3. Leiam atentamente o seguinte estudo de caso:

Compartilhando experiências

Numa reunião de professores, Ana Cristina, uma professora de classe multisseriada, comenta com sua companheira professora Lúcia, que já trabalha com a estratégia metodológica Escola Ativa, sobre as dificuldades enfrentadas em sua escola.

– Tenho que planejar aulas para quatro séries, organizar os materiais didáticos, fazer e distribuir a merenda e ainda me preocupar com a limpeza da sala de aula, com a disciplina e com os problemas sociais e culturais que envolvem os alunos e seus pais. Não sei o que poderia fazer para que todas essas atividades fossem adequadamente desenvolvidas.

Lúcia compreendeu bem a situação de Ana Cristina porque passou pelas mesmas preocupações quando começou a trabalhar em uma escola com essas características e onde era a única professora.

Há um ano, no entanto, foi capacitada na estratégia metodológica Escola Ativa e aprendeu como esse trabalho poderia ser realizado mais eficientemente, proporcionando aos alunos experiências boas e necessárias ao seu desenvolvimento sócio-afetivo e fomentando seu sentido de responsabilidade e cooperação. Ela disse que isso podia ser feito mediante a organização de atividades que permitissem aos alunos: exercitar procedimentos democráticos pelo estabelecimento de comitês, grupos de trabalho e pela eleição de seus representantes; tomar decisões responsáveis pela elaboração e execução de planos de trabalho; e adquirir melhor comportamento cívico,

social e de convivência, trabalhando em pequenos grupos, no desenvolvimento tanto das aulas como do trabalho no comitê.

Lúcia lembrou-se das palavras da supervisora que prestava assessoramento pedagógico à sua escola: “é necessário desenvolver o Governo Estudantil oferecendo, aos alunos e a seus pais, oportunidades de participarem ativamente em tudo o que se relaciona ao bom funcionamento da escola. As crianças podem colaborar em diversas atividades: na disciplina, na organização da sala de aula e em outras atividades dirigidas à comunidade. O aspecto mais importante do Governo Estudantil é o de permitir que os alunos se preparem vivencialmente para a vida cívica e democrática, além de contribuir para o seu desenvolvimento sócio-afetivo e para a formação de valores e atitudes positivas”.

Lúcia relatou suas constatações a Ana Cristina e decidiu que ajudaria a companheira a organizar e dinamizar o Governo Estudantil em sua escola.



4. Discutam o estudo de caso e respondam às seguintes perguntas:

- Alguém do grupo já passou pelas mesmas dificuldades de Ana Cristina?
- Que medidas Ana Cristina tomou para eliminar as dificuldades e resolver os problemas que estava enfrentando?
- Levando em consideração as palavras que a supervisora dirigiu a Lúcia, como a gestão escolar contribui para a formação do aluno?



1. Prepare uma lista das vantagens oferecidas pelo Governo Estudantil para a formação do aluno e para a organização e gestão de uma escola.
2. Escreva sobre o que você pensa ser a gestão escolar e qual seria a sua finalidade na escola.
3. Prepare uma lista com cinco atividades que os alunos poderiam desenvolver na escola, cinco atividades que os pais poderiam desenvolver no âmbito do Governo Estudantil e cinco atividades que não devem ser delegadas aos alunos.



4. Analisem e comparem suas conclusões.



1. Registre, em seu diário da formação, uma lista de cinco valores que a gestão escolar promove e, para cada um, assinale duas atividades que contribuem para que os alunos os absorvam.



1. Relate ao formador os conhecimentos que você adquiriu no estudo deste módulo e peça para que ele faça o registro em sua FAP.

Módulo 3



Como organizar o Governo Estudantil



1. Discutam suas experiências relacionadas a uma organização semelhante ao Governo Estudantil. Que procedimentos foram adotados?
2. Para conhecer procedimentos para implantar o Governo Estudantil em suas escolas, leiam com atenção o texto que se segue:

O Governo Estudantil requer um trabalho sistemático e organizado. É assim que o professor deverá proceder: orientando os alunos e discutindo com eles sobre a importância, a função, a finalidade e a organização deste elemento.

É de suma importância que a comunidade seja convidada para vivenciar melhor esta prática – exercício de cidadania – trabalhada na escola.

Para implantar o Governo Estudantil, os professores, alunos e a comunidade precisam seguir algumas fases abaixo elencadas:

SENSIBILIZAÇÃO: fase em que o professor incentivará os alunos a pesquisarem sobre conteúdos voltados para os sistemas e tipos de governo, os poderes neles constituídos, a função dos seus representantes, o papel do eleitor, o voto, dentre outras informações necessárias.

A partir desta compreensão, deve-se discutir a organização e as funções do Conselho Diretor do Governo Estudantil. Poderão ser realizados encontros para a abordagem dos temas estudados, envolvendo toda a comunidade escolar.

MOTIVAÇÃO: nesta fase, o professor motiva seus alunos para organizarem:

- O TREE (Tribunal Regional Eleitoral Escolar), que será formado pelos seguintes membros: presidente, 1º mesário e 2º mesário. O TREE ficará responsável pela condução do processo eleitoral e deverá continuar organizado para atuar em momento oportuno (cassação de mandatos, impeachment).

- Edital de eleição, que deverá conter todos os itens pertinentes ao processo de eleição: perfil do candidato, inscrição e plano de governo.
- Material a ser utilizado no processo de eleição do Governo Estudantil – cabine, urna eleitoral, cédulas, lista de eleitores, título de eleitor, ata de eleição, dentre outros. Estes documentos devem ser produzidos pelos alunos com a orientação do professor.
- Músicas da campanha, slogan, faixas, panfletos, cartazes, etc.

É de fundamental importância que as eleições sejam realizadas quando os alunos demonstrarem conhecimento sobre o G.E. (Governo Estudantil).

INSCRIÇÃO: nesta fase, o TREE, já organizado, se encarregará de inscrever as chapas concorrentes, a partir de critérios já estabelecidos no edital, perante a apresentação do plano de governo, momento em que será preenchido formulário próprio.

CAMPANHA: nesta fase, os alunos devem iniciar os comícios, debates, visitas aos colegas e à comunidade. A participação do professor é de fundamental importância, pois este deve orientar os alunos no sentido de haver respeito, ética e senso crítico, quando da análise das propostas de trabalho das chapas inscritas.

Cabe ressaltar que o processo eleitoral é organizado pelos alunos, professores, pais e representantes de instituições da comunidade que participarão apenas orientando e colaborando.

ELEIÇÃO: fase em que deverá ocorrer a votação, sendo que apenas os alunos têm o direito de votar. As eleições serão disputadas pelo voto direto e livre dos alunos.

Realizada a eleição, será considerada eleita a chapa (presidente, vice-presidente e secretário) que tiver o maior número de votos válidos computados.

O TREE será o responsável pela mesa excludinadora, que procederá a contagem dos votos válidos, nulos e brancos, registrando em ata todos os procedimentos.

De acordo com cada realidade escolar, deverá ser marcada a data da posse, oportunidade em que os alunos serão diplomados e receberão suas faixas. A partir desse momento, estará instaurado o Governo Estudantil.

Depois da posse, os alunos serão convocados para uma Assembléia Geral que deverá contar com a participação do professor e terá a finalidade de compor os comitês. Além da composição, serão designados os membros e as funções de cada comitê.

Devem participar da reunião todos os alunos da escola.

Para melhor esclarecer as fases do Governo Estudantil, observe o quadro a seguir, lembrando que cada escola tem autonomia para adequar as fases de acordo com o seu contexto:

FASES PARA A IMPLANTAÇÃO DO GOVERNO ESTUDANTIL NAS ESCOLAS

FASES	PERÍODO	ATIVIDADES	RESPONSÁVEIS	PARTICIPANTES	RECURSOS	AVALIÇÃO
SENSIBILIZAÇÃO	25 dias	Visitas às famílias. Sensibilização de alunos e pais. Reunião para discutir sobre: Função do Governo, Assembleia, Campanha, Liderança, Práticas Democráticas, Comitês, Elaboração de Ata, Plano de Governo.	Professores, alunos.	Alunos, pais, professores, funcionários, técnicos e líderes comunitários.	Diálogos, cartazes, textos, entrevistas, questionários, dramatização.	A compreensão dos alunos e da comunidade no que concerne ao Governo Estudantil.
MOTIVAÇÃO	05 dias	Organização das chapas e do TREE. Debates entre os candidatos. Orientação quanto à função de cada grupo.	Professores, alunos, candidatos, comunidade, funcionários, equipe técnica.	Comunidade escolar	Organização das chapas.	As chapas inscritas e participação dos vários segmentos.
INSCRIÇÃO	05 dias	Inscrições das chapas.	Professores, membros do TREE, alunos.	Toda a escola.	Organização de formulários de inscrição, títulos eleitorais e cédulas.	Discutir os compromissos assumidos.
CAMPANHA	10 dias	Campanha propriamente dita.	Alunos, candidatos.	Comunidade, professores, autoridades.	Debates, panfletos, cartazes, faixas, distribuição de títulos eleitorais, proposta de trabalho.	O nível de responsabilidade.
ELEIÇÃO DO GOVERNO	01 dia	Eleição: apuração dos votos e posse do Governo Estudantil.	Professores, coordenadores, alunos, funcionários, pais e autoridades.	Alunos.	Eleição, solenidade de posse.	Formação do Governo Estudantil e dos comitês.

Inúmeros são os comitês que poderão ser formados, de acordo com a necessidade da escola.

Abaixo listamos os comitês mais comuns existentes em nossas escolas:

- de esporte;
- de recreação;
- de relações públicas;
- de jardinagem;
- de horticultura;
- de meio ambiente;
- de pais;
- de cultura;
- de leitura;
- de higiene e saúde.

Os comitês serão formados pelos alunos de todas as séries, e cada aluno deverá ter a oportunidade de escolher o comitê com o qual melhor se identificar. Cada comitê deve ter um líder eleito democraticamente por seus membros.

Este líder assume a responsabilidade de zelar pelo cumprimento das funções de seu comitê e deve apresentar um relatório quinzenal das ações realizadas.

Os trabalhos dos comitês, que vão ser avaliados na Assembléia Geral (quinzenal), serão coordenados pelo Governo Estudantil, que deverá contar com a participação do professor e de todos os alunos, para reestruturarem ou darem continuidade às ações por eles desenvolvidas.

Objetivando nortear o trabalho do professor, vejamos um modelo de Plano de Ação de um comitê:

Plano de Ação

Comitê: Relações Públicas

Líder: _____

Componentes: _____

O QUE FAZER?	PARA QUE FAZER?	COMO FAZER?	QUANDO?	COM QUEM?
1 - Criação e elaboração do jornal da escola.	1 - Promover a interlocução entre escola, família e comunidade.	1 - Realizar uma reunião para definir como será feito o jornal.	1 - Dia xx/xx/xx.	1 - Alunos do comitê e alunos da escola.
2 - Criação da rádio comunitária (simulação).	2 - Propiciar articulação entre a escola e os órgãos públicos ou entidades não governamentais.	2 - Realizar uma reunião para definir a rádio comunitária .	2 - Dia xx/xx/xx.	2 - Alunos do comitê e alunos da escola.
3 - Criação de eventos sociais, religiosos e culturais na escola e na comunidade.	3 - Favorecer a melhoria da comunicação interna da escola entre seus atores.	3 - Planejar quais eventos sociais, religiosos ou culturais serão promovidos na escola.	3 - Dia xx/xx/xx.	3 - Alunos do comitê, alunos da escola e membros da comunidade.
4 - Criação e monitoramento do correio da amizade .		4 - Formação do grupo que ficará responsável pelo correio da amizade.	4 - Dia xx/xx/xx.	4 - Alunos do comitê.

Outro exemplo que se segue é o do modelo de uma ata:

ATA DAS ELEIÇÕES DO GOVERNO ESTUDANTIL

ESCOLA _____

COMUNIDADE _____

MUNICÍPIO _____

GOVERNO ESTUDANTIL

Aos _____ dias do mês de _____, do ano de _____, ocorreram, na comunidade _____, eleições para o Governo Estudantil da Escola _____ em cinco etapas: registro de candidatura, propagandas e divulgação das Cartas de Intenções dos candidatos, votação, apuração dos votos e empossamento dos candidatos. Foram registradas as candidaturas dos alunos: _____, _____ anos, _____ série, turno _____, _____ anos, _____ série, turno _____, _____ anos, _____ série, turno _____.

Após o registro de suas candidaturas, os candidatos fizeram propagandas e apresentação de seu Plano de Trabalho, se comportando como bons cidadãos civilizados. Às _____ horas e _____ minutos, iniciou-se a votação em que, dos _____ alunos aptos a votar, _____ votaram e _____ se absteve(tiveram). A apuração dos votos teve início às _____ horas e _____ minutos, tendo o seguinte resultado: _____ votos válidos, _____ votos brancos e _____ votos nulos. Para Presidente, foi eleito o candidato _____ com _____ votos. Para Vice-presidente, foi eleito o candidato _____ com _____ votos e para Secretário, foi eleito o candidato _____ com _____ votos. Para a conclusão de todo o processo, houve o empossamento dos candidatos eleitos, que assumem, a partir da presente data e por todo o pleito do ano _____, o Governo Estudantil desta escola. A presente ata foi lavrada e assinada pelos seguintes membros da Comissão Eleitoral: _____, _____, orientados pelo(a) professor(a) _____ e apoiados pelo supervisor municipal da Escola Ativa _____ e _____ todos abaixo assinados:

Comissão Eleitoral: _____

Professor(a): _____

Supervisor(a) Municipal: _____

Testemunhas: _____



3. Preparem uma lista das dificuldades que se podem enfrentar na organização da gestão escolar e identifique possíveis medidas para superá-las.



4. Leiam com atenção o seguinte estudo de caso:

Como Lúcia organizou o Governo Estudantil em sua escola

Para organizar o Governo Estudantil em sua escola, Lúcia convidou pais, alunos e a companheira Ana Cristina para uma reunião. Para enfatizar a importância dessa reunião, ela visitou pessoalmente, casa por casa, e explicou aos pais o que estava disposta a fazer, contando com a colaboração deles para beneficiar a escola.

Quase todos os pais vieram para a reunião com seus filhos. Lúcia ratificou as razões pelas quais considerava conveniente estabelecer o Governo Estudantil e como esta organização escolar contribuiria para a educação dos alunos. Destacou que promoveria os hábitos de responsabilidade e colaboração, o desenvolvimento sócio-afetivo, a participação de alunos e alunas e a formação de líderes e de atitudes cívicas e democráticas.

Na semana seguinte à reunião, Lúcia trabalhou com os alunos vários conceitos relacionados ao Governo Estudantil e seu processo. Avaliou se os alunos compreenderam bem as etapas que teriam que desenvolver. Os alunos, com muita seriedade, inscreveram suas chapas e apresentaram suas propostas.

Em seguida, Lúcia revisou com seus alunos as funções do presidente, do vice-presidente, do secretário e dos comitês.

Após os dias acordados para a campanha, chegou o grande dia da eleição.

Neste dia, as famílias foram prestigiar seus filhos, apesar das fortes chuvas que caíam na Paraíba. Estavam todos muito eufóricos e se envolviam com as últimas providências.

Foi um dia muito especial para a escola, o dia da eleição do Governo Estudantil. Cada uma das famílias levou um prato típico da região: pamonha, canjica, pipoca, cocada, queijo, entre outros e colaborou com o processo das eleições, ajudando na organização do evento.

Os alunos votaram no candidato escolhido, na cabine eleitoral, e posteriormente depositaram a cédula na urna eleitoral, assinaram seu nome na folha de votação e retiraram-se da sala. Terminada a votação, houve a contagem dos votos pelo TREE. A chapa vencedora foi muito aplaudida e a não eleita prometeu ajudar o Conselho Diretor em sua gestão.

O presidente, o vice-presidente e o secretário foram empossados diante da Secretária de Educação do município, da Coordenação Estadual do Projeto Escola Ativa, da supervisora, da professora, de familiares, de representantes da comunidade e de alunos da escola. No discurso de posse, os eleitos agradeceram pela confiança depositada e comprometeram-se a cumprir as propostas estabelecidas no plano de governo.

Para comemorar o resultado da eleição, foram apresentadas atividades folclóricas da comunidade e servidas as iguarias trazidas pelas famílias.

No dia seguinte ao da eleição, os alunos realizaram a 1ª Assembléia Geral para organizar os comitês de sua escola. O presidente eleito coordenou a reunião e foram organizados os seguintes comitês: de recreação, de ecologia, de higiene e saúde, de horticultura e de organização.

Os alunos tiveram, então, a oportunidade de escolher qual comitê gostariam de compor, segundo seus interesses e habilidades, de modo que cada comitê tivesse representantes de todas as séries.

Uma vez formados os comitês, cada grupo de alunos se reuniu para eleger seu líder e elaborar seu plano de trabalho. Lúcia explicou a seus alunos que o líder deveria ser o responsável por coordenar o cumprimento das ações do comitê e que, para tanto, precisaria contar com a colaboração de seus companheiros.

Quinze dias depois, o Conselho Diretor (presidente, vice-presidente e secretário), com a colaboração de Lúcia, convocou outra assembléia com os alunos e seus pais, na qual foram apresentados relatórios sobre o progresso dos comitês e das ações desempenhadas. Diversos pais fizeram perguntas que foram orgulhosamente respondidas pelos alunos.

Nesta oportunidade, os alunos realizaram o rodízio dos participantes dos comitês e uma nova escolha de líderes, de forma muito democrática, dando oportunidade a todos de participarem de novos comitês. Os alunos que haviam ficado responsáveis pelo comitê de horticultura foram desempenhar outras atividades em outros comitês. Desta maneira, todos tinham a oportunidade de participar das diversas funções dos comitês da escola, de líder a membro.

Ao deixarem a escola, os pais estavam muito satisfeitos, pois agora participavam efetivamente das atividades e apreciavam muito o trabalho realizado pela professora com seus filhos. Lúcia também estava muito feliz, porque poderia se comunicar melhor com os pais e contar com a sua colaboração.



5. Analisem e discutam o estudo de caso:

- Quais das medidas tomadas por Lúcia poderiam ser adotadas nas suas comunidades para iniciar a organização da gestão escolar?
- Que medidas não dariam bons resultados em suas comunidades?
- Na opinião de vocês, Lúcia poderia ter utilizado uma estratégia melhor para organizar a gestão escolar com a participação dos pais?



1. Reflita sobre as seguintes perguntas e responda:

- O que o professor precisa fazer de antemão para garantir a realização de uma boa reunião de pais e organizar a gestão escolar?
- Que orientações especiais o professor deve dar aos alunos em relação à gestão escolar?

2. Escreva as respostas no seu diário da formação.



3. Comparem suas respostas.



1. Preparem uma agenda de trabalho, no diário da formação, que inclua a organização do Governo Estudantil em sua instituição, assinalando os seguintes aspectos:

- Atividades que precisam ser desempenhadas.
- Tempo estimado para cada uma delas.
- Estratégias e recursos materiais.
- Formas de avaliar a implementação do Governo Estudantil.



1. Chame o seu formador e apresente suas atividades para avaliação e registro em sua FAP.

Módulo 4



Responsabilidades e funções dos alunos no Governo Estudantil



1. Discutam:

- Já estabeleceram alguma outra organização administrativo-escolar em sua escola? Que responsabilidades e funções os alunos tiveram?

2. Leiam com atenção como se compõem os diferentes órgãos do Governo Estudantil, suas responsabilidades e funções:

I. ASSEMBLÉIA GERAL

Participantes: Alunos, professor e, se necessário, pais, comunidade e outros.

Órgão responsável pelo processo decisório do planejamento, da execução e do desenvolvimento das ações, dos planos e dos compromissos estabelecidos pelo Governo Estudantil.

A assembléia deverá ser realizada mensalmente para que os representantes do Governo Estudantil e os líderes dos comitês coloquem em pauta os assuntos a serem discutidos, analisados e aprovados pela comunidade escolar. O Conselho Diretor e/ou o professor poderá convocar os alunos para uma assembléia extraordinária.

É necessário lembrar que esta reunião não poderá estar desvinculada do currículo trabalhado e dos projetos pedagógicos desenvolvidos pela escola, ou seja, deve constar no planejamento do professor.

II. CONSELHO DIRETOR DO GOVERNO ESTUDANTIL

Integrantes: Presidente, vice-presidente, secretário.

Forma de eleição: Voto direto e secreto de todos os alunos.

Responsabilidades e funções:

- coordenar o trabalho dos comitês e dos grupos de estudo (séries) por meio dos líderes e monitores;
- dinamizar, participar e controlar as ações estabelecidas pela escola, com a orientação do professor;
- cooperar nas ações pedagógicas e administrativas da escola junto ao professor;
- dinamizar a participação dos alunos nas ações comunitárias;
- buscar o apoio e a participação dos pais de alunos nas atividades da escola.

III. COMITÊS DE TRABALHO

Os comitês devem ser organizados a partir das necessidades da escola. O professor deve orientar a formação dos comitês.

Participantes: Todos os alunos da turma e das diferentes séries, sob a coordenação de um líder.

Formação: Decisão voluntária de cada aluno de participar do comitê que mais lhe interesse, e designação do líder por votação.

Responsabilidades e funções dos comitês:

- a. identificar as necessidades da escola na formação dos comitês;
- b. estabelecer as funções dos membros de acordo com as ações planejadas;
- c. cumprir as ações do plano de trabalho.

Responsabilidades e funções do líder do comitê:

- a. monitorar o desenvolvimento das ações com a colaboração do professor e dos demais integrantes;
- b. coordenar a atribuição e a responsabilidade de cada membro do comitê;
- c. preparar relatórios quinzenais sobre o trabalho desenvolvido pelo comitê, para apresentação na Assembleia Geral;
- d. zelar pelo cumprimento das funções do comitê;
- e. dirigir democraticamente as reuniões do comitê;
- f. solicitar orientação ao professor, quando necessário;
- g. avaliar o desempenho do Governo Estudantil.

IV. GRUPOS DE ESTUDO

Composição: São formados por alunos de cada série, denominados monitores. O monitor deve ser escolhido pelo grupo de cada série.

Responsabilidades e funções do monitor:

- a. proporcionar aos alunos do grupo os materiais necessários para o desenvolvimento das atividades em sala de aula (Guias de Aprendizagem e materiais didáticos dispostos nos Cantinhos de Aprendizagem e em outros locais);
- b. coordenar e orientar os alunos na execução das atividades escolares, dentro ou fora da sala de aula, e no manejo dos materiais didáticos, ajudando-os, segundo as orientações do professor;
- c. compor os comitês, cumprir suas atribuições e avaliar seu trabalho.

V. ORIENTADORES E COLABORADORES

Participantes: Professores, pais, autoridades e a comunidade.

Responsabilidades e funções:

- a. orientar, coordenar e assessorar os planos estabelecidos pelo Governo Estudantil, projetos escolares, ações pedagógicas e administrativas da escola;
- b. participar das atividades e da gestão da escola.



3. Analisem as responsabilidades apresentadas, de acordo com suas experiências:

- Seria necessário introduzir alguma mudança em suas escolas? Que mudanças?
- Que problemas poderiam enfrentar em suas comunidades?

4. Listem cinco atividades concretas que os membros do Governo Estudantil podem desenvolver permitindo que o professor dedique mais tempo para orientar o aluno em sua aprendizagem.

5. Leiam com atenção o seguinte estudo de caso:

Visita à Escola Ativa

Ana Cristina pediu permissão para a sua supervisora para continuar aprendendo mais sobre o funcionamento do Governo Estudantil na sala da professora Lúcia.

Quando chegou à escola, Ana Cristina viu que os alunos estavam em fila para entrar na sala de aula. “Que coisa mais curiosa!”, ela pensou.

Enquanto eles não entravam, Lúcia escrevia no quadro-negro a pauta que seria trabalhada com as diferentes séries.

Os alunos estavam se comportando muito bem sob a orientação dos monitores. Cantaram o hino da cidade, sob a liderança do presidente do G.E., e depois se dirigiram para a sala de aula. Sentaram-se rapidamente, leram o roteiro no quadro com a orientação da professora, pegaram seus cadernos e começaram a trabalhar com empenho.

Os monitores trouxeram os materiais para as mesas de trabalho e deram algumas orientações de acordo com o que Lúcia lhes havia explicado antes.

Um grupo saiu para o pátio para trabalhar ao ar livre e outro foi organizar uma coleção de folhas para a aula de Ciências Naturais. Todos estavam muito ativos. Ana Cristina teve a sensação de que aquelas eram crianças que sabiam trabalhar com muita autonomia.

Naquela dia, Lúcia tinha planejado uma hora exclusivamente dedicada a atividades do Governo Estudantil e dos comitês, como costumava fazer quinzenalmente. Inicialmente, o presidente e o vice-presidente apresentaram um relatório sobre o funcionamento dos comitês de forma geral e sobre o trabalho dos líderes. Depois, alunos e alunas se separaram em seus respectivos comitês e começaram a trabalhar, revendo ações ainda a serem realizadas e replanejando-as.

Ana Cristina foi observar o comitê de organização de sala de aula. Seu líder dizia:

— Na semana passada, decidimos que Carla iria organizar os livros de acordo com os temas, que Beatriz e Elizabete iriam encapá-los e que Miguel e André iriam forrar a estante. Eu me comprometi a consertar as folhas rasgadas de todos os livros.

O comitê de horticultura convidou Ana Cristina para conhecer a horta. Foi explicado que o pai de Paulo veio orientá-los no plantio das sementes. A horta estava muito bem cuidada.

Após a visita ao comitê de hortas, os alunos dos comitês, em assembléia, apresentaram um relatório de todos esses trabalhos para mostrar que cumpriram as

tarefas, expondo as dificuldades que tiveram. Relataram o que haviam feito durante toda a semana, os problemas que enfrentaram e o que iriam fazer na semana seguinte.

Antes do término da aula, o líder do comitê de organização pediu que os monitores devolvessem os materiais didáticos e os Guias aos respectivos Cantinhos de Aprendizagem e que os alunos juntassem os restos de papéis e esvasiassem as caixinhas de lixo dos grupos.

Chegou a hora do almoço, e os alunos voltaram para as suas casas.

Ana Cristina pensou que estava sozinha com Lúcia, quando viu três crianças.

— O que estão fazendo aqui? — Ana Cristina perguntou.

Uma delas explicou que faziam parte do comitê de organização da sala e que estavam observando se todos os materiais estavam nos locais corretos.

— Parabéns! — Ana Cristina disse — Vejo que todos vocês são alunos muito sérios e responsáveis.

Lúcia esclareceu que as atividades realizadas faziam parte dos conteúdos previstos em seu planejamento de Língua Portuguesa, pois assim ela estava trabalhando de forma diferente a oralidade e a escrita, com produção de textos que eram os planos de trabalho.

Ana Cristina pensou: “Que coisa maravilhosa! Como esses alunos e alunas participam!” Decidiu então que, tão logo voltasse para a sua escola, iria dar continuidade na organização do Governo Estudantil.



6. Discutam o estudo de caso:

- Na sua opinião, as experiências de Lúcia poderiam ser aplicadas em suas escolas? Por quê?
- Que dificuldades na sua opinião, Lúcia pode ter enfrentado no início do funcionamento do Governo Estudantil?
- O que podemos fazer para evitar essas dificuldades?
- Como podemos articular os conteúdos e as disciplinas planejados com as ações do Governo Estudantil?



1. Desenvolvam, por escrito, as orientações que vocês dariam a um aluno eleito para o cargo de monitor e a outro designado como líder do comitê de organização da sala de aula.
2. Apresentem os seus trabalhos e elaborem um painel com as orientações sugeridas.



1. Escrevam cinco idéias sobre o que deve conter em uma circular dirigida aos pais, explicando-lhes as funções dos alunos na gestão escolar.



1. Relate ao formador da oficina para avaliação os conhecimentos construídos durante o estudo do módulo.

Módulo 5



Como garantir o bom andamento dos comitês



1. Procure lembrar das recomendações que você faz a seus alunos sempre que eles realizam atividades em grupo.



2. Compartilhem as recomendações feitas por cada um.
3. Leiam o texto abaixo:

Para que o trabalho dos comitês tenha bons resultados, é preciso que os alunos sintam que são eles que estabelecem a disciplina e as normas. No entanto, é muito importante desenvolver novos mecanismos para que os alunos façam seus trabalhos com prazer e satisfação. Eis aqui algumas sugestões:

- Introduzir o sistema de rotação de funções, para que os alunos tenham a oportunidade de vivenciar, em todos os comitês, a prática das tarefas a serem desenvolvidas sem constrangimento ou insatisfação.
- Dialogar com os alunos, estabelecendo os compromissos que eles deverão assumir e o prazo a ser cumprido, principalmente compromissos assumidos nos comitês. Cabe ao professor observar o desempenho dos alunos e orientá-los quando necessário.

Outras estratégias que facilitam o bom funcionamento do Governo Estudantil e dos comitês e que garantem participação, compromisso e articulação comunitária são as seguintes:

A. REUNIÕES DOS COMITÊS: Reuniões, geralmente semanais, para avaliar como as atividades programadas estão se desenvolvendo. Essas reuniões permitem a identificação dos objetivos alcançados e das dificuldades enfrentadas no cumprimento dos planos e na definição de soluções. Se necessário, esses planos podem ser modificados e novos compromissos podem ser assumidos. Os assuntos discutidos devem ser registrados em ata do comitê.

B. ATIVIDADES CONJUNTAS: Atividades normalmente desempenhadas no começo do dia. Podem ser desempenhadas na sala de aula, ao redor da escola ou na comunidade.

Nas atividades conjuntas, os alunos normalmente trocam idéias, apresentam sugestões, assumem compromissos, analisam e resolvem problemas. O professor motiva e amplia as situações levantadas pelos alunos e faz recomendações gerais.

C. DIA DAS CONQUISTAS: Reuniões organizadas pelo professor e pelos líderes do Governo Estudantil, com a participação de pais, comunidade e autoridades, para intercambiar, avaliar e promover as atividades acadêmicas, organizacionais, sociais, culturais e recreativas da escola e da comunidade.

Nesse dia, são divulgados os progressos de cada aluno e são desenvolvidas atividades culturais com a comunidade.

D. ASSEMBLÉIA GERAL: Reunião coordenada pelos membros do Governo Estudantil, com a supervisão do professor, para relatar e avaliar as práticas dos comitês e dos grupos de trabalho, bem como para discutir e analisar questões pedagógicas e administrativas. Desta reunião podem participar, também, pais e membros da comunidade.



4. Leiam o seguinte estudo de caso:

Gestão Escolar: trabalho cooperativo e democrático

Carmem tinha muitas perguntas para fazer a Rosa no dia da sua visita. Estava especialmente interessada em saber como ela havia orientado seus alunos a trabalharem cooperativa e democraticamente. Rosa lhe disse que havia enfrentado muitas dificuldades no início, porque todos os alunos queriam falar e não escutavam seus companheiros nas reuniões dos comitês. Além disso, no início do trabalho, os líderes agiam como “pequenos ditadores” que mandavam nos demais integrantes, ordenando autoritariamente o que deveria ser feito e em que prazo.

— Percebi então — explicou Rosa — que eles não tinham a menor idéia de como trabalhar de uma maneira realmente cooperativa e democrática e, para acabar com esse problema, estabelecemos três princípios básicos:

- a. para falar nas reuniões, os membros dos comitês deveriam pedir a palavra a seu líder;
- b. os membros deveriam escutar seus companheiros respeitosamente, sem interrompê-los;
- c. o líder não poderia impor tarefas a seus companheiros; seriam os próprios membros dos comitês que, em conjunto, decidiriam sobre quais seriam suas responsabilidades e de que forma as cumpririam.

— Depois de vários meses de tentativas, obtivemos resultados muito bons, mas descobri que poderia fazer muitas coisas para melhorar o funcionamento da gestão. Quando soube, por exemplo, que muitos alunos não compreendiam bem suas responsabilidades, comecei a conversar individualmente com eles, para ter certeza de que estavam aptos a desempenhá-las. Comecei também a tomar mais cuidado para que os trabalhos dos alunos estivessem de acordo com suas capacidades e recursos. Um dia, por exemplo, vi um aluno da primeira série trabalhando sozinho com um facão na horta. Achei que poderia ser perigoso.

— Em outra ocasião, um aluno, de uma família bastante pobre, comprometeu-se a oferecer um almoço a todos os seus companheiros numa sexta-feira cultural. Tive que intervir e sugerir que o almoço fosse preparado por todos, para que não pesasse para a criança e sua família.

— Uma outra coisa que procurei fazer foi proporcionar o tempo necessário para os alunos desenvolverem os projetos de seus comitês.

Carmem ficou em silêncio por um momento, perguntando-se se algum dia chegaria a ser uma professora tão boa quanto Rosa.



5. Analisem o estudo de caso. Que procedimentos foram adotados por Rosa para garantir a participação democrática e participativa nos comitês?

- São todos pertinentes?
- Alguns deles não lhes servem? Quais?



1. Prepare uma lista de outros procedimentos que considere pertinentes.



1. Em algumas Escolas Ativas existe o Comitê de Pais, que conta com a participação de outros membros da comunidade e que freqüentemente organiza atividades na escola. Em sua escola seria possível organizar um comitê assim? Se for possível, escreva os principais aspectos que teria que considerar, ao conversar com os membros para motivá-los a formar um comitê. Registre em seu diário da formação.



1. Solicite a presença do formador para a avaliação do módulo que estudou.

Módulo 6



Instrumentos que os alunos utilizam no Governo Estudantil



1. Pense se você já utilizou alguns recursos didáticos que proporcionassem autonomia e estimulassem a participação de seus alunos nas atividades administrativas e pedagógicas em sua escola. Que resultados pedagógicos obteve com ele?



2. Leiam o seguinte texto:

Os instrumentos pedagógicos da Escola Ativa

Na Escola Ativa, o aluno dispõe de instrumentos relacionados a cada elemento da estratégia metodológica.

Os instrumentos permitem ao professor orientar o desenvolvimento de habilidades e competências relacionadas às áreas do conhecimento e podem, de forma lúdica, trabalhar os conteúdos curriculares. Além disso, permitem, também, a percepção das potencialidades, das inquietações, dos interesses, das relações de cooperação, ajuda mútua e desejo de pertencer ao grupo de sua turma.

O professor precisa planejar a confecção destes instrumentos, esclarecer sobre suas funcionalidades e estimular todos os alunos para o uso rotineiro.

Os instrumentos do elemento Governo Estudantil são os seguintes:

A. LIVRO DE CONFIDÊNCIAS:



Pode ser confeccionado pelo aluno, ser uma agenda ou simplesmente um caderno. Na capa, o aluno escreve “Minhas Confidências”, seu nome e o ano em questão e o decora como quiser. Este instrumento é essencial para que o aluno desenvolva a percepção que tem de sua vida, pois descreve suas inquietações, desejos, problemas e preferências. Ou pode simplesmente fazer um relato das atividades de

seu dia. Além disso, o instrumento exercita a escrita e a compreensão do que se escreve. Os alunos que ainda não dominam a escrita devem ser estimulados a escrever ou desenhar o que estão sentindo.

O professor deve deixar seus alunos se expressarem livremente, respeitando sua sinceridade, não tornando públicas suas confidências e nem lendo-as, exceto com autorização deles.

B. FICHA DE CONTROLE DE PRESENÇA:

ESCOLA: _____																															
SÉRIE: _____										MÊS: _____																					
	DIAS																														
ALUNO	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
Ana																															
Carlos																															
Claudia																															
Eliane																															
Joana																															
Lidiane																															

Esta Ficha é utilizada para registrar a presença ou a ausência do aluno na escola.

Deve ser confeccionada com o auxílio dos alunos e consiste em um cartaz mensal, com os dias escritos horizontalmente e com os nomes dos alunos, em ordem alfabética, em uma disposição vertical.

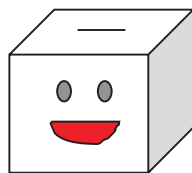
Os alunos, assim que chegam na sala, registram sua presença e podem optar por usar símbolos escolhidos por eles mesmos.

No final do mês, os monitores contabilizam a presença dos alunos e apresentam um relatório ao professor.

A Ficha de Controle de Presença é importante porque:

- estimula a pontualidade do aluno e seu senso de responsabilidade;
- leva-o a conscientizar-se da necessidade de ir à escola pelo prazer de estar lá e não por exigência;
- tem função pedagógica ao contribuir como estratégia de leitura e escrita do próprio nome e dos demais colegas e proporciona atividades como elaboração de planilhas e tabelas.

C. CAIXA DE SUGESTÕES



Instrumento confeccionado pela turma onde são colocadas as sugestões de cunho administrativo, pedagógico e pessoal para a melhoria do desenvolvimento da gestão da sala de aula.

O professor deve planejar um momento diário da aula para ler as sugestões e buscar, junto com os alunos, satisfazer as demandas.

Neste momento, deverá ser trabalhado com os alunos o respeito às opiniões, sem aborrecimentos e sem represálias.

A Caixa de Sugestões é importante porque:

- serve como meio de comunicação entre o professor e seus alunos para a melhoria da gestão da sala de aula;
- oferece aos alunos tímidos um meio para que expressem suas inquietações e desenvolvam o hábito de assumir suas propostas ao assiná-las.

D. LIVRO DE PARTICIPAÇÃO:



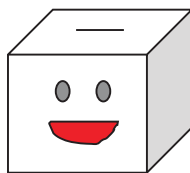
Cada aluno tem um caderno ou uma ficha escolar, onde são registrados os seus avanços nos campos sócio-afetivo e cognitivo e as suas habilidades e competências.

Deverá ser indicada a área onde o aluno mais se destacou (lingüística, lógico-matemática, ciências naturais ou sociais, artes, etc.), sendo feito um breve relato de como foi alcançado este resultado, além do dia da semana e do mês.

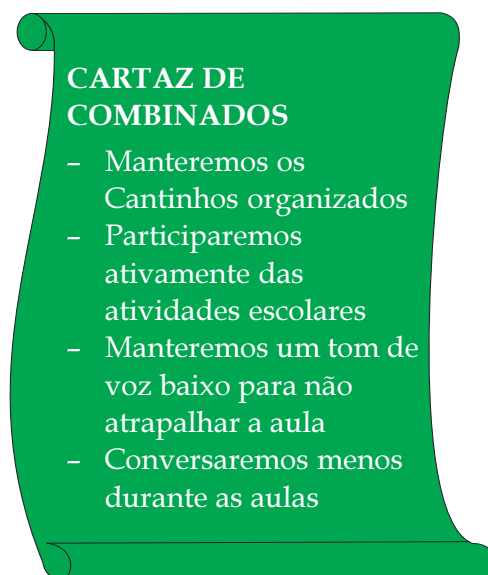
Além de estimular e motivar o aluno a sempre estar progredindo, o Livro poderá valorizar cada aluno, destacando suas habilidades no “Dia das Conquistas”, reunião onde estarão presentes pais, membros da comunidade e autoridades educacionais.

O Livro de Participação é importante porque:

- pode ser utilizado para identificar e desenvolver as habilidades pessoais dos alunos;
- estimula no aluno a vontade de superar obstáculos;
- ajuda a evitar a evasão por falta de motivação em alguma área ou aspecto específico.

E. CAIXA DE COMPROMISSOS:

Caixa confeccionada pelos alunos. Neste recurso pedagógico, os alunos indicam, por escrito e voluntariamente, as atividades que decidiram desempenhar e os compromissos que assumiram. O professor estimula, orienta e valoriza os esforços e as decisões tomadas pelos alunos, lendo diariamente, em momento oportuno, os compromissos individuais assumidos.

F. CARTAZ DE COMBINADOS:

Cartaz elaborado pelos alunos, com a ajuda do professor, onde constam os combinados (regras, normas) estabelecidos entre ambos para uma relação de convivência harmoniosa; e as responsabilidades da turma para o sucesso do processo ensino-aprendizagem.

Deve ficar exposto na sala de aula, em local visível para a turma, e deve ser retomado pelo professor sempre que os combinados não forem cumpridos ou quando forem acrescentados outros.

O Cartaz de Combinados é importante porque:

- oportuniza a prática dos direitos e dos deveres, valorizando questões que propiciam a vivência da cidadania;
- serve como registro dos acordos feitos pelos alunos e pelo professor para assegurar boas relações interpessoais.



3. Analisem a viabilidade de utilizar esses instrumentos em suas escolas. Como poderiam implementá-los?
4. Leiam com atenção o seguinte estudo de caso:

A utilização dos instrumentos do Governo Estudantil

Na escola de Lúcia, tudo estava transcorrendo como o esperado. Ela só tinha dúvidas em relação ao que os alunos compreendiam sobre a importância dos instrumentos e demais aspectos que dinamizavam o Governo Estudantil. Por isso, planejou uma atividade diferente, utilizando fantoches.

Envolvendo os alunos na atividade, leu para eles o texto preparado e descreveu os papéis de cada “artista”, para que decidissem quem iria participar e escolhessem suas falas. Depois, orientou como cada um deveria manusear os fantoches. Disse que gostaria de realizar a apresentação dali a oito dias, no Dia das Conquistas, quando estariam presentes membros e autoridades da comunidade.

Depois de tudo organizado, começou o ensaio, e os papéis e as falas foram divididos da seguinte forma:

O Fantoche 1 seria o Livro de Confidências.

O Fantoche 2 seria a Caixa de Sugestões.

O Fantoche 3 seria o Livro de Participação.

O Fantoche 4 seria a Ficha de Controle de Presença.

O Fantoche 5 seria a Caixa de Compromissos.

O Fantoche 6 seria o Cartaz de Combinados.

Fantoche 1: Sou o Livro de Confidências. Tenho várias funções: estimulo a sinceridade nos alunos e, além disso, permito que eles desabafem suas angústias, inquietações, problemas, etc. Sou um grande confidente! Não torno público o que escrevem em mim.

Espere aí, pessoal! Não pensem que eu sou um confidente apenas de coisas ruins não, hein! Confidenciam também coisas boas. Ah! eu sei de cada história! De cada sonho! De cada conquista! Opa! Quase ia esquecendo: comigo os alunos cultivam o hábito da leitura, da escrita e do desenho livre. Percebem como sou importante para a sua formação?

Fantoche 2: Me chamo Caixa e meu sobrenome é Sugestões. Meu papel é tão importante quanto o do Livro de Confidências. Sou o meio de comunicação entre o professor e os alunos. Comigo, eles têm a oportunidade de expressar suas idéias e de vencer a timidez. Ah! tenho um outro grande motivo para que vocês não me deixem

esquecida num canto da sala: ajudo no desenvolvimento da escrita e da leitura, pois os alunos escrevem as suas sugestões em pedacinhos de papel e os depositam em mim.

Fantoche 1: Por que os alunos assinam o nome nas sugestões?

Fantoche 2: Para estimular neles a responsabilidade pelo que dizem.

– Viva! Que bom! — exclamam os alunos.

Fantoche 3: – Meu nome é Livro de Participação. Para que sirvo? Escutem com atenção: em mim, o professor registra atitudes, habilidades e competências dos alunos nos aspectos cognitivos e sócio-afetivos.

Fantoche 2: Mas como são revelados?

Fantoche 3: Ora, no Dia das Conquistas, onde os pais e toda a comunidade ficam sabendo, por meio do professor, sobre os aspectos em que cada aluno se sobressaiu.

Fantoche 4 : Ora veja, o Livro de Participação é muito metido!

– Por quê? — perguntam os alunos.

Fantoche 4 : Porque todos nós somos importantes. Vou lhes contar minha história: se não fosse por mim, vocês não seriam tão pontuais e responsáveis. Sou a Ficha de Controle de Presença. Em mim, vocês registram de forma autônoma sua presença. Eu os ajudo a sentir a necessidade de permanecerem na escola e os ajudo a fazer as coisas porque querem e não porque alguém manda.

Presidente do Governo Estudantil: A Ficha de Controle de Presença tem toda a razão.

Fantoche 5: Me chamo Caixa de Compromissos. Dou-lhes a oportunidade de fazerem coisas voluntariamente, além das atividades normais da sala de aula. Comigo, vocês se sentem úteis e estimulados a continuarem trabalhando, porque tomam decisões. O que vocês acham? Sou ou não sou importante também?

– Siiiiiiiiim! — os alunos respondem em coro.

Fantoche 6: Oi! Vocês não podem se esquecer de mim. Eu sou o Cartaz de Combinados. Comigo, vocês decidem os comportamentos que terão na sala de aula, para que o bem-estar coletivo reforce suas aprendizagens. Sou ou não muito importante?

– Todos são importantes – respondem os alunos.

Fantoche 6: Ah! mas eu sirvo, também, para o exercício da reflexão, da leitura e da escrita. Sou tão querido por vocês e pela professora que aqui e acolá todos discutem

o que existe escrito em mim, refletem sobre o que combinaram e, quando descobrem que não estão cumprindo, voltam atrás e avaliam suas práticas de convivência democrática, para crescerem no exercício da cidadania. Sou ou não sou importante?

Alunos: É importante sim, mas os outros instrumentos do Governo Estudantil também o são, vocês não concordam?

Todos os fantoches: Concordamos mesmo! Mas vocês não esquecerão nossa importância, não é mesmo?

Alunos: De jeito nenhum!

Acabou-se a estória e quem quiser que conte outra!



1. Redijam uma pauta a ser utilizada em uma reunião com os pais dos alunos para explicar-lhes sobre a importância dos instrumentos usados no Governo Estudantil.



1. Construam um dos instrumentos do Governo Estudantil para utilização durante a formação e apresentem em plenária para o grupo. Discutam suas funções e contribuições para a formação cidadã do aluno.



1. Peça ao formador que o avalie.



1. Atentos ao estudo que acabaram de realizar, organizem o Governo Estudantil em sua turma, sob a orientação do formador da oficina.

Importante!

Sabendo que vivenciarão todas as fases da implantação do Governo Estudantil neste momento, mas em pequeno espaço de tempo, lembrem-se de que em suas escolas deverão respeitar todos os prazos sugeridos no manual.

Unidade 4

GUIAS DE APRENDIZAGEM

“Mire e veja:
O importante e bonito do mundo é isto:
que as pessoas não são sempre iguais, ainda não foram
terminadas, mas que elas vão sempre mudando.”

Guimarães Rosa

Guias de Aprendizagem

Tempo estimado para estudo: 8 horas

Módulo 1 – O que são os Guias de Aprendizagem

Módulo 2 – Estrutura metodológica dos Guias de Aprendizagem

Módulo 3 – Planejando com os Guias de Aprendizagem

Módulo 4 – Os Guias e a avaliação da aprendizagem

Módulo 5 – Aprovação flexível, um estímulo para o sucesso escolar do aluno

Módulo 6 – A utilização dos Guias de Aprendizagem no ambiente escolar

Avaliação da unidade

Caro cursista,

Nesta unidade, você conhecerá um elemento fascinante: os Guias de Aprendizagem, que são os livros didáticos da Escola Ativa.

Quase sempre, na divulgação dos resultados de pesquisas educacionais, nos deparamos com dois aspectos sempre referendados para a melhoria do ensino fundamental: a elaboração de livros didáticos adequados a cada clientela escolar – que tenham textos instigantes e interessantes e que prendam a atenção dos alunos – e a promoção de mudanças das práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula.

Os livros didáticos sempre foram o apoio dos professores para o planejamento e o desenvolvimento de suas aulas, pois constituem um recurso de grande importância para o desenvolvimento dos programas curriculares.

Os Guias de Aprendizagem da estratégia Escola Ativa são elaborados de forma a permitir a seqüênciação e a graduação dos conteúdos para atender aos níveis de desenvolvimento do aluno. Podem ser adaptados, ampliados e modificados por professores para atender às necessidades e à realidade dos alunos. Eles permitem que o professor melhore a sua prática pedagógica e a qualidade do seu trabalho, pois incentiva a pesquisa, o estudo e a atualização permanente. É, para o professor, um elemento de capacitação continuada e em serviço.

Os Guias estimulam a auto-aprendizagem, o que facilita a centralização do processo de aprendizagem do aluno, valoriza seus conhecimentos prévios, promove o pensamento lógico e a construção social do conhecimento por meio do trabalho de grupo.

Em classes multisseriadas, é comum a existência de alunos com idades diferentes e com defasagem de série. Por isso, os Guias permitem que estes alunos desenvolvam seus conhecimentos e avancem, após uma aprendizagem significativa. Desta forma,

cada aluno realizará suas atividades de acordo com o seu ritmo e dará, assim, seu próprio passo. É o chamado “o passo eu faço”, da estratégia metodológica Escola Ativa.

Em classes multisseriadas, nas quais o professor precisa atender alunos e preparar aulas para quatro ou mais séries diferentes e em todas as matérias, essa estrutura é fundamental. Por isso, foram elaboradas atividades que estimulam a autonomia e a aprendizagem cooperativa. Além disso, há uma interação dinâmica com os outros elementos da Escola Ativa como os Cantinhos de Aprendizagem, o Governo Estudantil e as relações escola-comunidade.

Por tudo o que foi exposto, os Guias de Aprendizagem constituem um recurso valiosíssimo para escolas multisseriadas que buscam redefinir suas práticas, tornando-as envolventes, dinâmicas e inovadoras.

Módulo 1



O que são os Guias de Aprendizagem



1. A partir das suas experiências e das experiências vivenciadas neste manual, discutam o seguinte:
 - Com quais livros didáticos trabalhamos em nossa escola? Eles atendem às necessidades da multisseriação?
2. Leiam com muita atenção o seguinte texto:

Os Guias de Aprendizagem

Os Guias de Aprendizagem são livros didáticos elaborados para o atendimento de classes multisseriadas. São estruturados em unidades, módulos e seções, que correspondem às atividades básicas, práticas e de aplicação e compromissos. Possuem textos que facilitam a autonomia do aluno e do processo de aprendizagem centrado no aluno. Com os Guias de Aprendizagem, é possível desenvolver os conteúdos fundamentais dos componentes curriculares básicos, enfatizando os relacionados às necessidades e características das comunidades para as quais se dirigem. Os Guias permitem adequações aos currículos municipais e estaduais.

Os Guias procuram, por meio de atividades interativas, dinamizar a aula, levando à participação dos alunos, reflexões em grupo, discussões de conceitos e conhecimentos prévios para melhorar os resultados da aprendizagem.

Fornecem instruções passo a passo, por meio de ícones que orientam como as atividades devem ser executadas. Além disso, comparam os conhecimentos adquiridos com os novos, a partir de questionamentos e problematizações, e propõem atividades que o aluno desenvolve individualmente, com a sua família ou com membros da comunidade.

Promovem a utilização dos materiais didáticos dos Cantinhos de Aprendizagem e de recursos disponíveis na comunidade. Com eles, são proporcionadas fontes adicionais para aquisição e ampliação de conhecimentos.

Com os Guias, os alunos de classes multisseriadas, os quais têm uma maior autonomia, lêem e podem orientar seus colegas de grupo e contam com um maior tempo efetivo de aprendizagem, já que a utilização do Guia não exige que eles esperem que o professor passe informações ou instruções rotineiras para todas as séries. Os próprios alunos podem agilizar o desenvolvimento das atividades a partir das informações contidas em cada seção (atividade) e dos ícones do Guia.

Dentre as vantagens dos Guias de Aprendizagem, destacamos as seguintes:

- centralizam o processo de aprendizagem no aluno;
- possibilitam que os alunos avancem no seu próprio ritmo de aprendizagem e sejam aprovados com flexibilidade;
- integram conteúdos, processos e a prática pedagógica;
- promovem a aprendizagem cooperativa mediante a interação permanente dos alunos com seus companheiros, com professores e com seu ambiente físico e social;
- promovem o desenvolvimento da capacidade de pensar, de raciocinar criticamente e de se comunicar;
- promovem uma aprendizagem significativa, estimulando o aluno a colocá-la em prática e aplicá-la em situações cotidianas, particularmente com sua família e com a comunidade;
- promovem uma relação mais estreita entre a comunidade e a escola e o estímulo e apoio dos pais às atividades desenvolvidas pelo aluno;
- promovem a avaliação diagnóstica, processual e formativa e a retroalimentação permanente;
- levam em consideração os conhecimentos dos alunos e seus interesses;
- promovem a construção social de conhecimentos;
- dinamizam a utilização de diversos recursos de aprendizagem, de portadores de textos diversos e de materiais didáticos dos Cantinhos de Aprendizagem;
- desenvolvem temas fundamentais dos planos e programas de estudo, permitindo que estes sejam adequados em nível regional, municipal e estadual e às condições, características, recursos e necessidades de cada comunidade;
- permitem a seqüenciação adequada do plano de estudo e de conteúdos e processos, de acordo com o nível de desenvolvimento dos alunos;

- facilitam a gestão da classe multisseriada, o planejamento e o desenvolvimento das aulas pelo professor;
- favorecem a atualização permanente dos conhecimentos dos professores, colocando-os na postura de eternos aprendizes;
- qualificam o papel do professor como orientador e avaliador da aprendizagem e evitam que ele se limite a passar instruções rotineiras aos alunos;
- articulam a capacitação em serviço com a prática na sala de aula;
- equilibram o trabalho personalizado com a aprendizagem cooperativa;
- estimulam o desenvolvimento da capacidade de pensar.



3. Responda:

- Qual é a diferença entre o Guia de Aprendizagem dirigido ao aluno e o Manual de Capacitação do professor?
- Há diferença entre o Guia de Aprendizagem do aluno e o livro que utilizamos em nossa escola?



4. Leiam com atenção o seguinte estudo de caso:

Na minha escola, trabalhamos com Guias de Aprendizagem

Certo dia, dois alunos da quarta série, que estudavam em escolas diferentes, se encontraram. Um deles estava preocupado e cabisbaixo.

Depois de se cumprimentarem, começaram o seguinte diálogo:

- O que você tem, Raul? Parece preocupado – perguntou um deles.
- Nada de grave, Antônio. É que preciso decorar estas páginas para uma prova amanhã. O professor ditou uma porção de coisas, mas, na verdade, não entendi quase nada.
- Como assim? Por acaso a sua escola não usa Guias de Aprendizagem?
- Não sei o que são Guias de Aprendizagem. Diga-me o que são.

– Agora, o professor não fica mais ditando coisas na sala de aula. Aprendemos a trabalhar em grupos com Guias de Aprendizagem. Não ficamos mais sentados uns atrás dos outros como nas outras escolas. Vamos fazendo as atividades indicadas nos Guias, ajudando uns aos outros e, assim, compreendemos melhor as coisas. Quando não entendemos alguma coisa, chamamos o professor para nos explicar. Os Guias têm também atividades que devemos desenvolver individualmente ou com a nossa família ou comunidade. Uma das muitas vantagens desses Guias é que eles não prejudicam um aluno que não pode vir à escola por alguma razão justificada. Quando ele volta, continua a partir do ponto onde parou quando precisou se ausentar. Isto é muito bom, porque assim não acumulamos grandes atrasos, como ocorria quando alguém faltava por vários dias. Além disso, nem todos os alunos precisam avançar no mesmo ritmo. As diferenças de cada um são respeitadas. Gosto muito dos Guias, que sugerem atividades variadas, brincadeiras, leituras, consulta em outros livros que temos na escola, trabalhos com materiais didáticos e trabalhos para fazer com os meus pais. Diferentemente dos livros escolares convencionais, os Guias não têm muitos conteúdos informativos para decorar e sim muitas atividades de processo. A verdade é que com os Guias o estudo é diferente e mais divertido do que antes. Uma outra coisa bem interessante é que o trabalho com os Guias pode ser feito tanto na sala de aula quanto nos arredores da escola, na comunidade, aproveitando todos os recursos disponíveis. Agora, aprendemos tanto na sala de aula quanto fora dela.

Antônio continuou falando dos Guias animadamente, e Raul parecia muito interessado.

– Para o professor, os Guias facilitam a orientação, pois ele precisa atender a diferentes séries e, com os Guias, não se descuida de nenhuma. Além disso, o professor não precisa mais passar um tempo enorme planejando as aulas porque os Guias facilitam esse trabalho. Agora, ele pode dedicar esse tempo a nós, explicando as coisas e nos orientando. Os Guias se tornaram seu principal instrumento de capacitação e de preparação das suas aulas, porque as instruções que eles contêm são úteis para ele também. Por isso, os Guias são usados em círculos de professores ou em oficinas pedagógicas.

Raul se despediu do amigo e saiu refletindo sobre como seria enriquecedor estudar em uma escola como a de Antônio.



5. Discutam:

- O que poderia ser acrescentado na fala de Antônio para que Raul entendesse melhor o que são os Guias de Aprendizagem?



1. Observem atentamente o Guia de Aprendizagem dirigido aos alunos. Verifiquem se ele apresenta essas vantagens e se existem outras que não foram aqui explicitadas. Discutam o trabalho da dupla com os demais colegas e escrevam as conclusões da análise no seu diário da formação.



2. Respondam as seguintes perguntas:

- Que papel desempenha o professor no processo de ensino com os Guias? Que papel desempenha o aluno?
- Concordamos com a afirmação de que os Guias propiciam mudanças nas práticas pedagógicas frontais? Por que ou por que não?
- Como se desenvolve uma aula com Guias?



1. Escrevam uma carta explicando a um Secretário de Educação sobre os Guias de Aprendizagem dirigidos aos alunos, de que modo podem ser usados como instrumentos de apoio e porque com eles podemos descartar a prática de dar instruções rotineiras às turmas.



1. Solicitem a presença do formador para a avaliação do módulo que estudaram.

Módulo 2



A estrutura metodológica dos Guias de Aprendizagem



1. Observem a estrutura metodológica deste Guia de Formação:

- Que seções/atividades encontraram?
- A que os remete cada uma das seções/atividades?

2. Leiam com atenção o seguinte texto:

A estrutura metodológica dos Guias de Aprendizagem

Os Guias de Aprendizagem são constituídos de unidades, módulos e seções que promovem a aprendizagem significativa.

Um conjunto de atividades (básicas, práticas e de aplicação e compromisso) forma um módulo; uma série de módulos integra as unidades.

Os Guias, esquematizados desta forma, integram processos e conteúdos que remetem à pesquisa e à discussão. Esta é a principal diferença em relação aos livros didáticos que se caracterizam principalmente por textos longos, com muita informação e que geralmente oferecem poucas atividades de processo.

A estrutura dos Guias, apresentando atividades sequenciais, estimula questionamentos e pesquisas que favorecem a construção de conhecimentos de forma cooperativa, coletiva e individual, e leva em consideração os estágios pelos quais os alunos passam para a aquisição do conhecimento.

Os estágios são trabalhados por cada uma das seções/atividades propostas nos módulos, a saber:

1 - Atividades Básicas - compreendem os seguintes aspectos:

- O convite que procura despertar o interesse do aluno pelo tema a ser abordado. Pode ser uma ilustração atraente, uma pergunta ou um título sugestivo. Este interesse deve ser mantido ao longo de todo o módulo.
- A exploração e/ou socialização do saber, para que os alunos compartilhem entre si seus interesses e experiências, a partir do tema abordado.

- A construção de conhecimentos: este é um passo importante das atividades básicas. É composto por uma série de atividades didaticamente estruturadas que abordam situações reais, conhecidas, imediatas, simples, particulares, concretas e do cotidiano do aluno, bem como situações problemáticas. Pela observação, manipulação, análise, reflexão, discussão, interação com o texto, com seus companheiros e com o professor, as atividades da seção levam o aluno a novas aprendizagens.
- O fortalecimento ou reforço lúdico: permite que o aluno reforce o conhecimento adquirido e as atitudes e valores a serem desenvolvidos ou fomentados. É utilizado, para este fim, um estudo de caso muito relacionado com suas vivências ou uma história, uma leitura agradável ou peça literária muito relacionada com o objetivo e que estimule o gosto pela leitura, pela literatura e pela brincadeira. Nas séries mais adiantadas do ensino fundamental, alguns professores substituem a atividade lúdica por textos informativos relacionados ao objetivo do módulo e escritos em linguagem técnica. Esse estágio favorece o estabelecimento de uma relação estreita entre o texto e as vivências do aluno, mediante sua identificação com personagens e situações do cotidiano. É um momento propício para transmitir lições aos alunos, a fim de que estes possam melhorar seus comportamentos e atitudes.

2 – Atividades Práticas – têm fundamentalmente o objetivo de consolidar a aprendizagem pela prática, pelo exercício, visando desenvolver habilidades e aptidões para promover um desempenho ágil e eficaz. Nesta etapa, o aluno é preparado para agir com base em novos conhecimentos, atitudes ou valores; por isso, as atividades individuais são muito importantes.

As atividades práticas permitem a integração entre a teoria e a prática, fase em que o aluno confronta os saberes, por meio de questionamentos e investigações, e elabora a construção e a reconstrução do conhecimento. Neste momento, o professor comprova que o aluno efetivamente adquiriu uma nova aprendizagem.

3 – Atividades de Aplicação e Compromissos – estas atividades permitem que o professor comprove que o aluno está apto a aplicar o que aprendeu numa situação concreta de sua vida diária com sua classe, sua família e a comunidade, dando um sentido real à aprendizagem e contribuindo para a melhoria da vida familiar e comunitária.

Estas atividades estimulam o aluno a aprofundar seus conhecimentos, recorrendo a outras fontes como os Cantinhos de Aprendizagem, os vizinhos de sua comunidade, a família e outras instituições, e a formular problemas ou situações pessoais.

Uma boa forma de alcançar o objetivo é permitir que o aluno proponha suas próprias tarefas, como projetos simples, consultas, explorações do seu ambiente, pequenas pesquisas, entrevistas, diálogos, etc.

Os Guias seguem processos lógicos de aprendizagem.

- partem dos conhecimentos do aluno:
 - ⇒ esquema existente
- permitem a comparação de conhecimentos:
 - ⇒ entre os alunos
 - ⇒ dos alunos com o professor, com a família e com a comunidade
 - ⇒ dos alunos em relação a outras fontes de pesquisa
- possibilitam que o aluno assimile um novo conhecimento por meio de:
 - ⇒ problematizações e /ou questionamentos
 - ⇒ assimilação
 - ⇒ conflito – desequilíbrio
- incentivam a tomada de soluções em grupo
- dinamizam consultas em outras fontes:
 - ⇒ outros livros existentes na escola
 - ⇒ Cantinhos de Aprendizagem
 - ⇒ família
 - ⇒ comunidade
- permitem que o aluno valide, confronte ou complemente os novos conhecimentos com o professor
- estimulam o gosto pela:
 - ⇒ leitura
 - ⇒ escrita
- possibilitam que o aluno aplique os conhecimentos em situações práticas de sua vida a partir de:
 - ⇒ necessidades
 - ⇒ interesses
 - ⇒ características da comunidade.



3. Faça um resumo ou elabore um esquema em seu diário da formação sobre a estrutura metodológica dos Guias, indicando as finalidades de cada seção.

4. Compare o seu resumo com os de seus companheiros.



5. Leiam o seguinte texto:

O encontro do livro escolar com o Guia de Aprendizagem

Certo dia, um livro escolar convencional e um Guia de Aprendizagem se encontraram numa estante. O livro escolar, muito orgulhoso de sua espessura e grande conteúdo, olhou para o Guia com um certo ar de desdém e disse:

– Vejo que você é novo por aqui e que os alunos estão usando-o com muita frequência. Por acaso tem algo especial ou diferente de mim?

– Acho que sim, porque, embora ambos tenhamos sido elaborados para transmitir aprendizagens, fui estruturado de outra maneira.

– Mas você quase não tem grandes trechos para leitura e nem é muito volumoso – disse o livro escolar.

– Tenho alguns trechos para leitura, com conteúdos informativos e explicativos, mas sou principalmente composto por atividades que facilitam o processo de aprendizagem – respondeu o Guia – fui escrito para orientar o aluno e permitir que ele elabore sua aprendizagem, a pratique e a aplique. Por isso, minha estrutura apresenta módulos que contêm três partes: uma constituída por atividades básicas que permitem que os alunos compartilhem seus conhecimentos, desenvolvam sua aprendizagem e sejam ludicamente reforçados; outra composta por atividades de prática que permitem a exercitação e a interiorização da aprendizagem; e uma terceira parte que consiste em atividades de aplicação e compromisso do que foi aprendido. Ah! Quase ia me esquecendo: em todas as três partes ou seções, o professor faz uma avaliação formativa, e os alunos têm realimentação permanente. Uma característica muito importante que tenho é a de permitir que os alunos aprendam autonomamente e quase sempre em pequenos grupos, mas com a orientação permanente do professor. Estimulo a aprendizagem cooperativa, a educação personalizada, a participação dos meninos e das meninas em seu processo de aprendizagem e a interação permanente. Outro aspecto muito importante é que promovo a utilização de outros livros e recursos didáticos.

- Estou vendo – afirmou o livro escolar – que, embora transmita conhecimentos, não o faço de maneira tão didática quanto você. Às vezes, observo com tristeza que os alunos me lêem mas não entendem o que quero dizer. Talvez não tenham desenvolvido o gosto pela leitura e não compreendam a sua importância. Agora entendo porque trabalham com você, mas também recorrem a mim quando precisam ampliar informações ou contar com outra fonte para adquirir conhecimento.

- Claro. E é por isso que você também é muito importante.



6. Dramatizem o encontro entre o livro escolar e o Guia de Aprendizagem. Enriqueçam o diálogo, se quiserem.



1. Observe um Guia de Aprendizagem para o aluno:

- Qual é a sua estrutura metodológica?
- Que seções existem?
- Quais seriam as diferenças entre a estrutura metodológica de um livro escolar convencional e a de um Guia de Aprendizagem?



2. Compare a estrutura metodológica deste módulo com a estrutura de um módulo de aprendizagem dos Guias dos alunos. Responda:

- Em que aspectos coincidem?
- Que seções ou passos propostos na leitura das atividades básicas não aparecem no módulo observado neste manual ou que seções aparecem naquele módulo e que não foram contempladas neste?



1. Escolha qualquer módulo do Guia de Aprendizagem do aluno. Analise como o autor elaborou sua estrutura metodológica. Escreva quais seriam, na sua opinião, os principais acertos e desacertos nesta elaboração. Leve em consideração, principalmente, se cada seção cumpre com sua função, se as atividades propostas em cada uma são adequadas e se é possível alcançar o objetivo proposto mediante o desenvolvimento adequado do módulo.



1. Solicite a presença do formador para a avaliação do módulo que acabou de estudar e ele, caso julgue que você aprendeu corretamente, o autorizará a avançar para o próximo módulo.

Módulo 3



Planejando com os Guias de Aprendizagem



1. Reflitam e comentem sobre as seguintes questões:

- O que fariam se as suas escolas ganhassem, em um sorteio, uma poupança significativa em moeda nacional?
- Estimem o valor da poupança e elaborem um orçamento para utilizá-lo nas questões de infra-estrutura física e pedagógica.
- Reflitam: Será que planejaram corretamente o uso desta poupança em benefício dos alunos?
- É importante prever objetivos, períodos, ações, estimar recursos e avaliar para a realização de um determinado projeto? Por quê?



2. Leiam com atenção o seguinte texto:

Planejar é antecipar mentalmente uma ação a ser realizada e agir de acordo com o previsto; é buscar fazer algo incrível, essencialmente humano: o real sendo comandado pelo ideal.

Ao longo dos anos, constatamos uma ambigüidade nos professores: ao mesmo tempo em que aceitam a importância do planejamento, têm também sérias desconfianças. Concordam com a idéia de planejamento, mas estão marcados pela experiência de elaboração de planos burocráticos, formais, controladores. Uma coisa é certa: se o professor não vê objetivo em planejar, ele não irá se envolver significativamente nesta atividade. O professor que vê o seu trabalho como atividade política e transformadora de nossa sociedade, não poderá jamais se fazer valer somente do “ativismo pedagógico”, mas sim tornar suas aulas um espaço privilegiado de construção dos conhecimentos pesquisados a partir de estudos acumulados pela humanidade.

Sendo assim, planejar se torna um ato político e reflexivo do educador, pois é por meio desta prática que ele estará avaliando seu trabalho e trazendo modificações

que possam atingir os objetivos por ele traçados. É a ação/reflexão/ação, dialética e dialógica que fazem da tarefa do professor “ algo como extrema vida, tendo a necessidade de realimentá-la a todo instante...” (Ana Márcia/2003).

Segundo Celso Vasconcelos, o planejamento apresenta as seguintes finalidades:

- possibilita a reflexão e a (re) significação do trabalho;
- resgata o espaço da criatividade do educador;
- favorece a pesquisa sobre a própria prática;
- organiza adequadamente o currículo, racionalizando as experiências de aprendizagem, objetivando tornar a ação pedagógica mais eficaz e eficiente;
- estabelece a comunicação com outros professores e alunos;
- ajuda a resgatar o movimento conceitual e a organizar o fluxo da expressão sobre o objeto de conhecimento;
- resgata o saber docente e a cultura pedagógica do grupo;
- supera a expropriação a que o professor foi submetido em relação à concepção e ao domínio do seu fazer, resgatando sua condição de sujeito de transformação.

Na estratégia Escola Ativa, o planejamento é um instrumento de autoformação do professor e possibilita o pensar mais sistemático sobre a realidade, sobre a proposta, diminuindo a distância entre a teoria e a prática, evitando a rotina viciada e a improvisação. É, pois, a apropriação mais plena do seu fazer; é fazer acontecer, para transformar sonhos em realidade, para transformar o trabalho de cada um e a relação com os alunos, com a escola, com a comunidade, e, no limite, com a própria sociedade.

Vale ressaltar que, na estratégia metodológica Escola Ativa, o planejamento é realizado diariamente e mensalmente.

O planejamento mensal tem como finalidade fazer com que o professor preveja as atividades a serem desenvolvidas durante um período determinado, proporcionando uma maior segurança para a conquista de novas experiências e promovendo integração entre toda a equipe social educativa. Este planejamento contempla todos os componentes formadores da estratégia, como:

1. Curricular – desenvolve ações que estimulam a socialização e a formação do cidadão crítico, capaz de contribuir para a construção de uma sociedade mais solidária.

Integrando o componente curricular temos os seguintes elementos:

- Gestão Escolar
- Cantinhos de Aprendizagem
- Guias de Aprendizagem
- Comunidade

2. Comunitário – neste componente, professores e alunos planejam ações que favoreçam o estreitamento das relações entre escola e comunidade, tendo em vista a realização de projetos que oportunizem a melhoria da qualidade de vida da comunidade.

3. Administrativo – trata das questões legais da estratégia, que deve estar em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, nº 9394/96), com o Plano Nacional Decenal de Educação e com os Parâmetros Curriculares Nacionais.

4. Formação e Acompanhamento – são contempladas as ações relacionadas à formação continuada dos corpos docente, técnico e administrativo da escola, formação esta que poderá acontecer sob a forma de oficinas, sessões de estudo, microcentros, seminários, palestras, etc; e ações de acompanhamento sistemático do desempenho do professor e do aluno durante o processo de desenvolvimento da ação pedagógica no ambiente escolar.

O planejamento ou roteiro diário, como o próprio nome enseja, é construído ao final de cada dia de trabalho, com a participação dos alunos.

Para realizar esta tarefa pedagógica, o professor, enquanto mediador do processo, reúne-se com cada grupo de estudo e verifica em que estágio de desenvolvimento do Guia cada aluno se encontra. Assim, é respeitado o ritmo de aprendizagem do aluno, o que poderá favorecer que um ou outro aluno se encontre em uma atividade diferenciada. A partir deste contexto, professor e alunos estimam as atividades a serem trabalhadas no dia seguinte, os recursos necessários e os conteúdos que vão ser estudados.

Esta ação conjunta será sistematizada e organizada pelo professor, o qual terá a responsabilidade e o compromisso de planejar, ao final de cada módulo, uma atividade complementar que terá o objetivo de reforçar e/ou ampliar o tema trabalhado neste módulo.

A cada atividade concluída pelo aluno, o professor desenvolverá a avaliação processual por meio de questionamentos ou de outra forma que lhe possibilite perceber os avanços ou dificuldades de cada aluno. No final de cada módulo, o professor

preencherá a Ficha de Acompanhamento e Progresso (FAP) do aluno para, posteriormente, replanejar sua rotina diária. Neste roteiro diário, professor e alunos devem planejar as ações do Governo Estudantil a serem trabalhadas, considerando o plano de ação dos comitês.



2. Discutam as seguintes questões:

- Quais as maiores dificuldades do professor na elaboração do planejamento?
- Por que, para que e para quem o professor planeja?

3. Leiam com atenção os seguintes diálogos:

SITUAÇÃO 1

– Professor, onde está o seu planejamento?

– Confesso que está pronto de acordo com as orientações fornecidas pelo supervisor que acompanhava a escola onde eu trabalhava nos anos anteriores, porém deixei-o em casa. Prometo que amanhã o trarei e o deixarei aqui no armário, embora ele não faça muita falta, pois já sei o que e como trabalhar na sala com os meus alunos.

SITUAÇÃO 2

– Professor, onde está o seu planejamento?

– Veja, está aqui! Foi construído com os alunos. Eles participaram ativamente na identificação das atividades que iriam desenvolver no dia seguinte e já sabem com maestria levantar os recursos necessários para a sua solução. Preocupado com o aprofundamento do tema que está sendo abordado por este módulo, elaborei uma atividade complementar que será resolvida em grupo. Sabe, a cada dia fico mais entusiasmado em elaborar o meu roteiro diário, pois sempre tenho a necessidade de estudar e pesquisar algum assunto para enriquecer o trabalho dos meninos.



4. Analisem as duas situações e façam comentários sobre a postura de cada professor.

5. Pensem e respondam a seguinte questão: Onde e como vocês têm planejado as suas ações pedagógicas?



1. A partir das informações apresentadas nas atividades básicas, analise, reflita e busque formular conceitos e expressar sua opinião acerca do que é planejamento e a sua importância para o bom desempenho do trabalho pedagógico.



2. Socializem as respostas dadas.
3. Apresentem, em plenária, as conclusões do grupo.



1. Enumerem os recursos e métodos que facilitam e/ou dificultam a elaboração do planejamento com os Guias de Aprendizagem.



2. Socializem o resultado da atividade proposta e apresentem em plenária.
3. Façam o esboço de um planejamento de um módulo do Guia de Aprendizagem de qualquer área do conhecimento.
4. Apresentem em plenária o trabalho do grupo.
5. O orientador da oficina registrará o progresso do grupo e, se forem alcançados os objetivos deste módulo, autorizará sua passagem para o módulo seguinte.



1. Solicitem a presença do formador para a avaliação do módulo que estudaram.

Módulo 4



Os Guias e a avaliação da aprendizagem



1. Discutam como avaliam o processo de aprendizagem de seus alunos:

- Reflitam sobre o porquê, para que e como avaliam seus alunos.
- Identifiquem os momentos em que avaliam seus alunos.

2. Leiam o seguinte texto:

Historicamente a avaliação tem feito parte do processo educacional.

Desde os tempos da educação jesuíta, no século XVI, com exames escolares que mediam o volume do conhecimento que os alunos conseguiam absorver, passando pelas famosas sabatinas e chegando até as provas, enquanto instrumentos disciplinadores e de medição do conteúdo aprendido.

Hoje, não é mais cabível pensar a avaliação nesses modelos. A avaliação deve, sobretudo, cumprir a sua função pedagógica que é a de regulação do processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, aluno e professor tomam consciência dos pontos que necessitam ser (re)ajustados para que haja de fato uma aprendizagem significativa.

Não se pode pensar na avaliação como um fato estanque, isolado, para a “verificação” de conteúdos aprendidos, mas, sobretudo, como um processo contínuo que se coloca a serviço do aluno, para que este alcance o êxito necessário no seu desempenho escolar.

Portanto, a avaliação deve se dar desde o início de todo o processo de ensino-aprendizagem, durante a sua consecução e ao final do processo.

Na Escola Ativa, a avaliação deve estar presente em todas as atividades: ações dos comitês, desenvolvimento dos Guias, atividades cívicas, religiosas e culturais, participação da família e comunidade, prática pedagógica do professor.

Pensar em avaliação na Escola Ativa é ter consciência de que este processo deve contar com a participação de toda a equipe social educativa da escola, a qual, de forma coletiva, proporcionará ao aluno as condições necessárias para que ele alcance o sucesso escolar.

O fundamental é, portanto, que todos, juntos, tenham um mesmo juízo sobre o papel da avaliação na escola e sistematicamente realizem reflexões sobre essa temática, para que os “erros” cometidos sejam sempre transformados em situações de aprendizagem. Assim, não haverá derrotados e sim um grupo capaz de acertar, errar, aprender, assumir riscos e alcançar os objetivos a que se propuseram.

Pensando assim, o professor da Escola Ativa deve garantir uma avaliação dos Guias de Aprendizagem que atenda à formação de um novo homem, capaz de pesquisar e experimentar, desenvolver aptidões e a capacidade de pensar e adotar atitudes positivas de cooperação, companheirismo, solidariedade e participação.

Para tanto, o professor deve adotar alguns passos de forma ordenada que vão contribuir para o correto desenvolvimento dos Guias por parte do aluno, tais como:

- Explicar o que se espera dele ao término de cada módulo, ou seja, que aprendizagem ele deve adquirir. Alguns sistemas de avaliação indicam condições por unidade que permitem ao aluno saber com antecedência as atividades que deverá desenvolver e que aprendizagem deverá alcançar para obter uma determinada qualificação. Por exemplo: um nível excelente, bom ou aceitável em cada unidade (avaliação formativa).
- Ao iniciar cada unidade, verificar se o aluno mantém a Ficha de Acompanhamento e Progresso, que consiste em um quadro em que o número do módulo é disposto verticalmente e cada uma das seções que compõem este módulo é disposta horizontalmente. O aluno indica em cada quadro a data na qual desenvolveu as atividades de cada seção, e o professor, após revisão insere um visto de qualidade.
- Antes de cada módulo, determinar, por meio de perguntas ou outras atividades, os conhecimentos e experiências do aluno em relação ao tema abordado no módulo (avaliação diagnóstica, sondagem ou identificação de conhecimentos).
- Ao avaliar as atividades básicas, explorar a percepção que os alunos adquiriram dos novos conceitos e das experiências que realizaram.
- Nas atividades práticas, explorar o domínio e a profundidade com que os alunos desenvolveram a aprendizagem por meio dos exercícios realizados.
- Nas atividades de aplicação e compromisso, identificar a capacidade e a compreensão dos alunos na aplicação da aprendizagem e sua projeção para a comunidade escolar. Este processo exigirá, também, a colaboração dos pais e da comunidade de modo geral.

- Após cada atividade:
 - ⇒ Verifique se o que os alunos registraram em seus cadernos está correto (avaliação formativa de cada atividade).
 - ⇒ Verifique se a atividade levou efetivamente à aprendizagem, ao reforço ou à aplicação dos conceitos e habilidades almejados (avaliação formativa das atividades básicas, práticas e de aplicação e compromisso).
 - ⇒ Coloque seu visto de qualidade na Ficha de Acompanhamento e Progresso, após efetivamente confirmar que as atividades propostas foram desenvolvidas e que as observações dos alunos estão corretas (avaliação formativa de cada módulo).
 - ⇒ No final de cada módulo, é necessário fazer uma avaliação que permita a identificação de avanços e dificuldades (avaliação global); se o aluno der respostas incorretas, ajude-o a compreender porque sua resposta não está certa e promova atividades de recuperação, se necessário. Uma vez superadas as dificuldades e garantida a aprendizagem desejada, o aluno é autorizado a seguir para o módulo seguinte.
 - ⇒ Verifique o que está determinando uma aprendizagem maior ou menor de cada aluno. Proponha atividades que permitam ao aluno recuperar a aprendizagem que porventura não tenha desenvolvido.
 - ⇒ Estimule o aluno a se auto-avaliar, a analisar criticamente, não só o resultado de seu trabalho, mas, sobretudo, o caminho que percorreu para concluí-lo.
 - ⇒ Elabore, ao final de cada módulo, atividades complementares que contribuam para reforçar ou ampliar o tema estudado.

Observe agora o modelo da Ficha de Acompanhamento e Progresso (FAP) utilizada em nossas Escolas Ativas.

PARECER DO DESEMPENHO DO ALUNO

Nome da Escola: _____
Aluno: _____ Professor: _____
Área do conhecimento: N° do Guia: _____

Nº da Unid.	Parecer
01	
02	
03	
04	
05	
06	
07	

Parecer final da utilização do Guia:



3. Preparem uma lista das vantagens de se fazer uma avaliação correta.
4. Leiam com atenção o seguinte estudo de caso:

Devemos verificar o que as crianças fazem

Rosária, professora da Escola Ativa do Monte, encontrou-se com sua companheira Rebeca, que trabalha numa escola próxima, e comentou:

– Estou preocupada porque meus alunos não estão aprendendo como deveriam. Entrego-lhes os Guias para trabalharem e, como são simples, não acho necessário ficar na sala de aula o tempo todo. Os alunos parecem entender bem o que lêem.

Rebeca ficou surpresa e comentou:

- Mas você tem certeza de que eles compreendem o que lêem? Verificou bem?
- Às vezes verifico – respondeu Rosário.
- Deixe-me dar uma olhada em alguns cadernos dos seus alunos. Vou verificar se suas anotações estão corretas em relação ao que o módulo solicita.

Rebeca pegou um caderno de Língua Portuguesa da terceira série e o Guia da mesma série e área. Após ler algumas folhas, comentou com Rosário:

– Estou percebendo que as atividades realizadas não correspondem ao que o Guia solicita. Como você verifica se o aluno está desenvolvendo cada módulo corretamente? Sem um controle individual do progresso do aluno, você dificilmente saberá como cada aluno está indo ou se está desenvolvendo cada módulo corretamente. Além disso, você (e não o próprio aluno) precisa colocar seus vistos. Vejo também um erro nas anotações deste aluno. Aqui, por exemplo, ele não escreveu orações com sentido completo. Como você deixou passar este erro? Se um aluno faz anotações equivocadas, continua errando depois. Perdoe-me, Rosária, mas você não está fazendo uma boa avaliação da aprendizagem das crianças.

– Eu sei, Rebeca. Estou consciente disso. Foi por isso que resolvi expor-lhe minhas dúvidas sobre a aprendizagem dos alunos.

– Aposto que também não revisa as partes mais importantes. Você faz perguntas orais para verificar se as crianças alcançaram a aprendizagem desejada? Essa verificação não precisa aparecer nos cadernos das crianças, mas é muito importante. Ela é feita por meio de perguntas-chave que um bom professor sabe fazer.

Rosária ficou confusa. Estava efetivamente limitando a aprendizagem dos alunos por não avaliá-los e nem orientá-los corretamente.

– Acontece, Rebeca – disse Rosária – que é muito complicado verificar se cada aluno entendeu as lições.

- Sejam sinceras, Rosária – retrucou Rebeca – o trabalho que temos a fazer agora é essencialmente verificar se os alunos estão aprendendo e orientá-los. Antes de termos os Guias para as crianças, falávamos muito, ditávamos uma porção de coisas. O tempo que gastávamos com isso, agora, pode ser usado para acompanharmos a aprendizagem dos alunos e para orientá-los melhor.

- Os Guias dão as explicações principais e nós, os professores, as complementamos. Agora temos conteúdos desenvolvidos e distribuídos por unidades e módulos sequenciados, temos atividades já planejadas e também os materiais didáticos necessários. Temos capacitação, acompanhamento, enfim, tudo o que anteriormente nós mesmos precisávamos fazer. Acontece que temos uma resistência natural a mudanças. Assusta-nos mudar.

- É verdade – respondeu Rosária – pensando bem, os Guias aliviam muito o nosso trabalho. Agora cabe a nós, principalmente, avaliar e orientar. São duas ações de um mesmo processo.

- Rosária, deixe-me continuar olhando o caderno. Outra coisa que não vejo é o seu visto nas atividades de aplicação. Como você sabe se os alunos as fizeram e se foram bem feitas? Você deve verificar também se os alunos fizeram a sua auto-avaliação corretamente. Esta parte é muito importante. Se você não lhes proporcionar realimentação oportuna e não corrigir seus erros, eles vão continuar repetindo os mesmos erros, como um disco riscado. É importante também estimulá-los quando desenvolvem suas atividades adequadamente. Sugiro que você estude todos os passos para se fazer uma avaliação correta. Se falharmos num desses passos, falharemos em todos.

Embora Rosário tivesse ficado muito deprimida com as suas falhas, disse para Rebeca:

- Tenho que reconhecer que realmente cometi erros, mas pode ter certeza que, de agora em diante, vou me preocupar muito mais em avaliar corretamente todas as seções dos módulos e das unidades para verificar se os alunos estão compreendendo bem os conteúdos. Obrigado por você ter sido sincera comigo, por apontar minhas falhas e, acima de tudo, por ajudar-me a solucioná-las.



5. Analisem quais ações Rosária empreendia normalmente na escola do Monte em relação ao trabalho com os Guias. Por que seus alunos não estavam aprendendo bem?
6. Preparem uma lista com os passos que Rebeca sugeriu a sua amiga. Por que ela recomendou os passos?



1. Relacione as principais atividades a serem desenvolvidas para se fazer uma avaliação correta de um grupo de alunos que está trabalhando com os Guias. Registre as atividades em seu diário da formação.



1. Explique aos seus companheiros, como se eles fossem pais de alunos, a nova forma de avaliação. Ilustre sua explicação com um cartaz previamente elaborado.



1. Solicitem a presença do formador para a avaliação do módulo estudado.

Módulo 5



Aprovação flexível, um estímulo para o sucesso escolar do aluno



1. Relembrem seus tempos de estudantes e pensem sobre as seguintes questões:

- Como se comportava o colega que concluía suas atividades em menor espaço de tempo? Qual era a atitude do professor em relação a ele?
- Como o professor trabalhava com os alunos que demoravam mais a concluir as atividades?
- E os colegas que trabalhavam e que faltavam muito, conseguiram concluir a série?
- Lembrem de algum colega que repetiu a mesma série mais de uma vez.



2. Leiam o seguinte texto:

O processo de construção da aprendizagem na Escola Ativa se dá de forma cooperativa e coletiva. Em grupos, os alunos socializam os saberes acumulados e adquirem novos saberes. Os alunos, ao socializarem seus conhecimentos, favorecem, mediados pelo professor, o confronto de idéias, maneiras de ver e agir sobre um determinado tema.

Essa ação de interagir verdadeiramente em grupo sobre questões educativas provoca atitudes que devem estar alicerçadas por regras que estimulem a cultura da solidariedade, da tolerância, da paciência, da reciprocidade e de uma prática regular do Governo Estudantil. Este, enquanto órgão autogestor do processo administrativo e pedagógico da escola, deve se preocupar com o sucesso de cada aluno de sua classe.

Esse sucesso só será alcançado à medida que a ação educativa ocorra de fato nestes moldes e que a avaliação seja um instrumento integrador da prática pedagógica interativa, ou seja, que se constitua um indicador para que o aluno tenha consciência sobre seus avanços, dificuldades e possibilidades, para que o professor pense e reflita sobre a sua ação sócio-educativa e para que pais, família e comunidade tomem

conhecimento e participem deste processo avaliativo para, juntos, mediar mudanças e inovações necessárias para a melhoria da qualidade da educação.

Esses princípios permitem aos alunos desenvolverem suas atividades de acordo com seu tempo pedagógico, com seu próprio ritmo de desenvolvimento cognitivo, pois um determinado aluno não precisa “correr” para ficar “junto” do colega no Guia de Aprendizagem.

A estrutura do Guia, organizada de forma seqüenciada, permite que cada aluno faça o seu próprio passo – é o “passo eu faço” da Escola Ativa. Cada menino ou menina impõe a sua trajetória educativa, considerando-se aqui também os fatores sócio-econômicos que influenciam nessa caminhada.

É comum, nas escolas do campo, os alunos se afastarem do ambiente escolar para auxiliarem os pais nas tarefas domésticas ou para ajudarem nas atividades de agropecuária, piscicultura, avinocultura, caprinocultura, dentre outras ações que venham a cooperar com a renda familiar. Essas e outras situações levam a uma elevada taxa de evasão e repetência. Esta última contribui para o insucesso escolar, na medida em que o aluno se acha incapaz e é rotulado de culpado pelo seu próprio fracasso escolar.

A Escola Ativa, para solucionar o problema, adota o regime de aprovação flexível e progressão continuada, por meio do qual as escolas desenvolvem seu currículo de forma contínua, sem mecanismo de retenção. Este dispositivo é garantido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Nº 9394/96, conforme preconiza seu artigo 32, parágrafo 2º.

Assim, embora o plano de estudos de uma área de conhecimento seja elaborado para períodos de um ano letivo, seu desenvolvimento pode levar mais ou menos tempo, dependendo das situações vivenciadas por cada aluno. A aprovação de um aluno ou de uma aluna para a série seguinte depende de suas conquistas em cada uma das áreas curriculares e vai variar de acordo com o seu ritmo e com as suas responsabilidades frente à família. Isto significa que, em qualquer época do ano letivo, este aluno ou aluna pode ser aprovado. Desta forma, ele pode frequentar, no mesmo ano, séries diferenciadas. Ou seja, ele pode estar na 2ª série em Matemática e na 3ª série nas demais matérias. Ou ainda pode estudar Ciências e Língua Portuguesa da 3ª série e as demais matérias da 4ª série. O aluno ou a aluna deverá matricular-se para cursar a série na qual estudará a maioria das disciplinas.

Quando um aluno da Escola Ativa precisa ser transferido para uma escola que adota metodologia diferente, emite-se um certificado de transferência que inclui informações sobre as unidades que ele desenvolveu e sobre as que ainda devem ser desenvolvidas. Este certificado inclui também explicações sobre suas conquistas e dificuldades.

De acordo com a estratégia de aprovação flexível e progressão continuada, o professor orienta os alunos em relação a como podem desenvolver as diferentes unidades, esclarece suas dúvidas, ajuda-os a encontrar caminhos, promove seu progresso e, o que é mais importante, fortalece sua auto-estima, por mostrar-lhes que podem desenvolver a aprendizagem necessária se tiverem tempo suficiente.



3. Discutam e reflitam sobre as seguintes questões:

- A pedagogia interativa que concebe o estudo cooperativo contribui para a sistemática da aprovação flexível ?
- De que forma a avaliação se constitui em um instrumento integrador da prática pedagógica interativa?
- O que é de fato a aprovação flexível e como ela ocorre na prática?



4. Leiam com atenção o seguinte estudo de caso:

Aqui cada aluno progride no seu próprio ritmo

Alexandre é um aluno que sempre teve dificuldades em sua vida escolar. Sua auto-estima é baixa porque ele está convencido de que é um menino retardado. Isto limita a sua capacidade de aprender.

Começou a estudar com sete anos, e, ao completar a primeira série, seu professor informou a seus pais que ele não havia passado de ano. Na segunda vez que cursou a primeira série, Alexandre não repetiu e foi aprovado para a segunda série. Infelizmente, ele enfrentou na segunda série os mesmos problemas que teve na primeira, e, no final do ano letivo, seus pais receberam a notícia de que o filho havia sido reprovado pela segunda vez.

No ano seguinte, quando já tinha dez anos de idade, cursou a segunda série outra vez.

Ele estava convencido de que era uma criança retardada e conversou com seus pais sobre a possibilidade de interromper seus estudos e começar a trabalhar na chácara, mas eles não permitiram que Alexandre abandonasse os estudos, e ele continuou na escola.

Após quatro anos de estudo, Alexandre foi aprovado para a terceira série e teve uma grande surpresa: chegou, na escola, Marta, uma nova professora, que disse aos alunos que iria adotar uma nova estratégia metodológica chamada Escola Ativa.

Explicou-lhes, entre outras coisas, que a metodologia adotava um regime de aprovação flexível e progressão continuada e que os alunos trabalhariam em pequenos grupos, organizados por série.

Entregou, então, alguns Guias a cada grupo. Explicou-lhes que os Guias estavam divididos em unidades que, por sua vez, dividiam-se em módulos que eram compostos por atividades e que possuíam figuras chamadas de ícones que orientavam o desenvolvimento das matérias fundamentais.

Alexandre começou a terceira série com muito entusiasmo e com uma alegria que jamais experimentara em toda a sua vida escolar. Pelas explicações da professora, ficou sabendo que jamais teria que repetir o ano, mesmo que demorasse a avançar de uma série para a outra. Entendeu isso quando ouviu a professora dizer: “Aqui, cada aluno progride de acordo com o seu próprio ritmo. Tão logo aprende e domina uma unidade, pode passar para a seguinte e, quando completar todas as unidades correspondentes a uma série numa determinada matéria, pode passar para a série seguinte. Isto significa que todos têm o tempo necessário para aprender”.

Além disso, a professora preparou um quadro para os alunos para mostrar-lhes quantas unidades de cada matéria eles teriam que desenvolver para passar à série seguinte.

O progresso de Alexandre foi um pouco lento, mas, pela primeira vez, estava gostando de estudar. Sentia-se seguro com a possibilidade de poder aprender as matérias lenta ou rapidamente, sem correr o risco de repetir o ano e tornar a estudar o que já compreendia. A Escola Ativa animou também Júlia, uma colega de Alexandre, que sempre captava muito rapidamente tudo o que lhe ensinavam. Júlia freqüentemente ficava muito entediada na escola, porque, embora entendesse tudo imediatamente, precisava esperar até que os seus colegas aprendessem o que ela já havia aprendido. Com o novo sistema, no entanto, Júlia pôde adiantar-se.

Os pais ficaram contentes porque seus filhos não perderiam anos como no antigo sistema. Um deles, o Sr. Argemiro, disse ao Sr. Pedro:

– Estou muito contente porque meu filho, que tem uma saúde frágil e costumava se atrasar nos estudos quando precisava ir ao médico, não vai mais ficar atrasado, já que com os Guias ele pode, ao retornar à escola, recomeçar do ponto onde estava quando precisou se ausentar.

– Muito bem – respondeu Sr. Pedro – mas a única coisa que eu não entendo é o que acontece se meu filho precisar ser transferido para uma outra escola que não adota o mesmo sistema.

– Não tem problema, porque, como a professora nos explicou, a escola dá um certificado aos alunos, que relaciona as unidades que eles estudaram e em quais foram aprovados e quais ainda precisarão estudar para serem aprovados para a série seguinte. O certificado explica também o tipo de desempenho que tiveram.

– É, Argemiro – disse Sr. Pedro – parece que esse sistema é muito bom! Se tivesse estudado numa escola desse tipo quando garoto, não a teria abandonado, como fui forçado a fazer por precisar me ausentar freqüentemente para trabalhar.

– É isso aí, Pedro. Tomara que o mesmo não aconteça com nossos filhos e que eles permaneçam na escola até concluírem os estudos. E, acima de tudo, tomara que aprendam de verdade.



5. Reflita sobre o seguinte:

- O que acontecia com Alexandre na sua escola antes desta adotar o sistema de aprovação flexível da Escola Ativa?
- De que maneira a nova metodologia permitiu que ele superasse suas dificuldades?
- Que medidas a professora adotou para introduzir o sistema de aprovação flexível e progressão continuada na escola?
- Por que o regime de aprovação flexível e progressão continuada diminui as taxas de repetência e evasão escolar?



6. Comparem suas respostas e preparem um relatório das conclusões a que chegaram.



1. Enumere três vantagens e três desvantagens que, na sua opinião, o regime de aprovação flexível e progressão continuada apresenta.
2. Compare a sua lista com as de seus companheiros.



1. Enumere algumas estratégias que lhe permitem atender as crianças com diferentes ritmos de aprendizagem na sua escola. Especifique como as organizaria e registre tudo em seu diário da formação.



1. Solicitem a presença do formador para proceder à avaliação e ao registro na FAP.

Módulo 6



A utilização dos Guias de Aprendizagem no ambiente escolar



1. Discutam:

- Que medidas geralmente são tomadas quando orientam o desenvolvimento de uma aula com seus alunos?
- Que medidas um professor deve tomar quando orienta o desenvolvimento de uma aula usando Guias com os alunos?

2. Leiam o seguinte texto:

Embora os Guias facilitem muito, o professor deve reconhecer que, para que cumpra sua função, é necessário orientar o seu desenvolvimento por meio das seguintes ações:

- Dirigir comentários aos alunos para motivá-los a desenvolver os Guias, proporcionando-lhes uma oportunidade de socializarem suas experiências e conhecimentos anteriores.
- Fazer com que os alunos das séries superiores façam uma leitura completa de cada seção do módulo (atividades básicas, atividades de prática, atividades de aplicação e compromisso) ou do conjunto de instruções que orientam uma atividade, para que tenham uma visão global do que irão fazer antes de começarem a desenvolvê-la.
- Ler e explicar aos alunos das primeiras séries o que eles têm que desenvolver, em termos gerais, com cada grupo de atividades do módulo.
- Ampliar, sempre que necessário, as orientações dos Guias para o desenvolvimento de uma atividade.
- Motivar os alunos a sugerirem mudanças nas atividades propostas pelos Guias, se considerarem que existem outras mais adequadas.
- Definir, junto com os alunos, mudanças nas atividades propostas nos Guias, com base em suas sugestões e em uma análise prévia da conveniência das modificações.

- Garantir a disponibilidade dos materiais necessários, nos Cantinhos de Aprendizagem, para o desenvolvimento das atividades propostas nos Guias.
- Estimular o diálogo permanente, para que todos possam expor seus pontos de vista e para que se busque consenso ou sejam identificadas diferenças no desenvolvimento do conhecimento.
- Estimular a identificação e a valorização (emissão de juízo) das atitudes e comportamentos adotados pelos personagens apresentados pelos Guias, possibilitando, assim, o estabelecimento de um espaço adicional para o desenvolvimento sócio-afetivo dos alunos.
- Estimular ou propiciar a participação de todos os alunos, evitando, assim, que alguns assumam papéis predominantes e que outros fiquem passivos.
- Estimular permanentemente nos alunos o costume de consultarem seus colegas, o professor, os pais e outros membros da comunidade.
- Motivar os alunos a fazerem resumos dos conteúdos estudados, sugerindo que os usem como uma fonte de pesquisa, mas evitando que se limitem a simplesmente copiá-los.
- Propiciar a auto-avaliação, a interavaliação e a avaliação das conquistas do grupo, procurando estimular avanços e gerando novas inquietações e desafios para que os alunos continuem crescendo em sua formação.
- Registrar o progresso dos alunos, após avaliá-los em sua presença, mas, acima de tudo, informar o avanço conquistado na aprendizagem e orientar novas atividades de acordo com os resultados verificados.
- Desenvolver vínculos entre o que os alunos aprendem na sala de aula e o que observam em seu cotidiano.

Terminada a aula, o professor deverá ainda:

- Informar aos pais dos alunos – e à comunidade de modo geral – sobre a natureza das atividades de aplicação e motivá-los a aceitar e a apoiar os alunos enquanto as realizam.
- Orientar os alunos para que executem as atividades de aplicação relacionando-as com as características, necessidades e expectativas da comunidade educacional de modo geral, ou seja, no sentido de que as desenvolvam de maneira pertinente e significativa.
- Avaliar a correta realização das atividades de aplicação e não se limitar simplesmente a verificar se foram realizadas ou não. As atividades grupais da parte da manhã oferecem um momento ideal para os alunos fazerem

relatos aos demais colegas e ao professor sobre as atividades de aplicação que realizaram.

- Avaliar se as atividades foram desenvolvidas para identificar os aspectos que produziram bons resultados no decorrer da aula e os que geraram dificuldades ou não produziram os resultados esperados.
- Fazer os ajustes necessários em cada módulo, para que, em uma próxima vez em que forem aplicados, as mesmas deficiências não se repitam.
- Realizar as atividades complementares objetivando reforçar ou ampliar o conteúdo estudado no módulo.



3. Relacione outras ações que você considera necessárias para um bom desenvolvimento das atividades planejadas no decorrer da aula.



4. Comparem suas listas de ações e discutam o seguinte:

- Que problemas poderão surgir em suas atividades didáticas se não seguirem corretamente as recomendações da atividade básica número 2 deste Guia?
- Quais dessas ações podem ser muito dispendiosas e como vocês podem empreendê-las agilmente sem sacrificar os resultados esperados?

5. Leiam atentamente o seguinte estudo de caso:

A visita de Raul

Alguns dias depois de ter encontrado seu amigo Antônio, Raul continuava interessado em saber mais coisas sobre os Guias de Aprendizagem. Antônio havia lhe explicado o que eram os Guias, mas não lhe explicara como trabalhar com eles. Por isso, Raul decidiu visitá-lo na escola e pedir-lhe mais informações.

Ao chegar na escola, onde Antônio o recebeu calorosamente, Raul explicou o motivo de sua visita.

– Não se preocupe, Raul. Vamos pedir para a professora Lídia lhe explicar bem o que são os Guias de Aprendizagem – respondeu Antônio.

Raul duvidou e ficou com vergonha de falar com a professora. Antônio procurou tranquilizá-lo e disse:

– Nossa professora é muito amiga. Sempre está disposta a nos ajudar quando precisamos.

A professora os recebeu amavelmente, levou-os até a sala de aula e apresentou Raul a um grupo de alunos que estava começando a desenvolver atividades em um Guia. Raul sentou-se com eles e ficou observando como trabalhavam com o Guia. Inicialmente, a professora fez um comentário sobre a importância do tema que iriam abordar e depois fez algumas perguntas sobre os conhecimentos e experiências que os alunos tinham sobre o tema. Um dos alunos pediu para Raul ler as instruções iniciais do módulo. Ele viu que elas o orientavam. As atividades eram fáceis de serem desenvolvidas, porque apresentavam orientações para que os alunos utilizassem alguns recursos que se encontravam nos Cantinhos de Aprendizagem. Se por alguma razão não compreendiam alguma coisa, chamavam a professora ou pediam ao monitor que lhes explicasse.

Raul pôde constatar que a professora acompanhava o trabalho nos diferentes grupos e que fazia perguntas aos alunos sobre o que eles iam fazendo, revisava seus trabalhos, corrigia o que considerava necessário e os motivava a seguir em frente.

Uma coisa que surpreendeu Raul foi a atmosfera de atividade que se via na sala de aula: enquanto alguns alunos interagiam em seus grupos de trabalho, outros buscavam materiais nos Cantinhos de Aprendizagem para levá-los às suas mesas, enquanto outros ainda estavam no pátio. Quase todos os alunos trabalhavam em pequenos grupos. Ele viu, porém, um aluno trabalhando sozinho e pensou que este talvez estivesse de castigo. Aproximou-se, então, do aluno e perguntou:

– Por que você está trabalhando sozinho?

O menino sorriu e respondeu:

– Precisei faltar alguns dias e estou tentando alcançar meus colegas para poder novamente trabalhar em grupo com eles.

Depois de conversar durante muitas horas com alunos de diferentes séries, Raul pôde perceber claramente a grande diferença entre uma aula com Guias e uma aula tradicional.

Ele estava com muita vontade de sugerir a sua professora que adotasse essa metodologia na sua escola, pois percebeu que, embora os alunos trabalhassem bastante, a aula era mais agradável, e eles pareciam aprender muito mais.

Raul agradeceu à professora, a Antônio e a todos os alunos pela experiência que tivera. Despediu-se e pediu-lhes que o deixassem trazer sua professora à escola, para que ela tivesse a mesma experiência. Com certeza também ficaria fascinada!



6. Discutam sobre as conclusões que Raul chegou após visitar a escola de seu amigo Antônio.



1. Façam uma dramatização do desenvolvimento de uma aula com os Guias de Aprendizagem para a turma do curso, levando em consideração as medidas que o professor deve tomar no decorrer da aula e que constam na atividade número 2 deste módulo. O orientador selecionará a disciplina.



2. Avaliem a dramatização, identificando acertos e deficiências, e discutam:

- Quais das ações mencionadas nas atividades básicas deste módulo foram observadas no desenvolvimento da dramatização?



1. Faça um quadro ou resumo por meio do qual se possa orientar outro professor em relação às ações que este deve empreender no desenvolvimento de uma aula com Guias dirigidos aos alunos.

- Redija uma lista dos recursos que devem ser providenciados na sala de aula para possibilitar um bom trabalho com os Guias. Leve em consideração a utilização dos Cantinhos de Aprendizagem, dos instrumentos e de outros recursos.



1. Relate ao formador o que aprendeu no estudo deste módulo.



1. Escreva uma carta pedagógica dirigida a outros professores sobre a importância do manejo adequado dos Guias para uma aprendizagem significativa.
2. Faça a auto-avaliação da unidade, identificando claramente o que aprendeu no seu decorrer.
3. Identifique aspectos importantes, por sua conveniência ou fragilidade, em relação ao processo de trabalho desta unidade. Formule compromissos e apresente sugestões para melhorar o resultado.



4. Reunidos em grupos de trabalho com quatro ou cinco membros e com base nos resultados da auto-avaliação, estabeleçam um consenso que evidencie o que está claro e quais aspectos vocês precisam esclarecer com o formador da oficina.
5. Ainda em grupos de trabalho, formulem compromissos que lhes permitam aplicar, em suas escolas, os conhecimentos sobre avaliação que adquiriram nesta unidade. Apresentem um resumo por escrito ao orientador da oficina.

Unidade 5

CANTINHOS DE APRENDIZAGEM

*“Organiza a cooperativa escolar...
...dá aos teus alunos ferramentas de trabalho,
uma imprensa, linóleo para gravar,
lápiz de cor para desenhar,
fichas ilustradas para consultar e classificar,
livros para ler,
um jardim e uma coelheira,
sem esquecer o teatro e os fantoches
e a escola será essa oficina
em que a palavra trabalho aparecerá em todo o seu esplendor,
simultaneamente manual, intelectual e social
no seio do qual a criança jamais se cansa de procurar,
de realizar, de experimentar, de conhecer e de subir,
concentrada, séria, humana.”*

(Freinet, in: Fundamentos Teóricos: Freinet, Paulo Freire e Emília Ferreiro, série SESI Educação do Trabalhador – Volume 9, pp.21 e 22.).

Cantinhos de Aprendizagem

Tempo estimado para o desenvolvimento desta unidade: 8 horas

Módulo 1 – Os Cantinhos de Aprendizagem no ambiente da sala de aula

Módulo 2 – A organização dos Cantinhos de Aprendizagem: um processo coletivo e participativo

Módulo 3 – A utilização dos Cantinhos de Aprendizagem no processo de aprendizagem

Avaliação da unidade

Caro cursista,

O processo de ensino-aprendizagem deve ser teórico e prático, pois a teoria e a prática são concebidas como elementos de um único processo, embora se mantenha um equilíbrio dinâmico entre a conceituação teórica e a aplicação prática com o conhecimento. Isto significa que toda ação praticada pelo aluno leva-o à reflexão e que toda reflexão leva-o à ação. Para a realização de atividades concretas e práticas, muitas vezes é necessária a utilização de materiais didáticos.

Uma sala de aula com carteiras fixas dificulta o trabalho em grupo, o diálogo e a cooperação; armários trancados não ajudam a desenvolver a autonomia do aluno, como também não favorecem o aprendizado da preservação do bem coletivo. A organização do espaço reflete a concepção metodológica adotada pelo professor e pela escola.

O processo de aprendizagem deve contemplar atividades que permitam aos alunos observar, comparar, operar, experimentar, pesquisar, aplicar e manusear objetos reais.

Piaget afirmava que, nos educadores, devemos promover a utilização de experiências concretas que levem os alunos ao conhecimento de fatos práticos e não apenas verbais. A experiência física implica o enfrentamento de fatos e objetos concretos da comunidade, da escola e da família.

A estratégia metodológica Escola Ativa considera que, para a adequação da teoria à prática, torna-se fundamental o elemento Cantinho de Aprendizagem, montado e organizado pelos alunos, com a orientação do professor e, se possível, com a participação dos pais e membros da comunidade.

Os Cantinhos devem ser permanentemente enriquecidos, e o professor deve verificar diariamente se os materiais necessários para as atividades a serem desenvolvidas pelos alunos estão disponíveis e com fácil acesso.

Esta unidade é composta por três módulos. O primeiro permite o conhecimento da importância dos Cantinhos de Aprendizagem, sua função e objetivos propostos na construção do conhecimento; o segundo procura identificar as fontes e recursos que podem compor cada Cantinho; e o terceiro convida-nos a utilizar esses materiais na construção do conhecimento.

Módulo 1



Os Cantinhos de Aprendizagem no ambiente da sala de aula



1. Pensem na sala em que lecionam. Como está organizada? Pensem na iluminação, no espaço disponível, na disposição do mobiliário e na sua conservação. E se é um ambiente pedagógico que favorece a construção do conhecimento dos alunos.
2. Pensem em uma outra forma de organização da sala de aula como espaço de reflexão, investigação e descoberta.
3. Leiam o texto abaixo:

Durante o processo de construção do conhecimento, os alunos devem estar em um ambiente que lhes ofereça condições para ampliarem sua percepção e compreensão do mundo em que vivem. A sala de aula deve oferecer recursos que estimulem a investigação, a criatividade e o espírito crítico. Não importa se esta sala é grande ou pequena ou se a pintura foi feita com tinta acrílica ou cal. Não importa se o chão é de cimento ou lajota. Não importa se o mural é de cortiça ou se é apenas um varal no qual é pendurado o que foi produzido.

O que realmente importa é que a sala de aula seja um espaço acolhedor, onde os alunos tenham intimidade e interação. Um espaço que, ao longo do ano letivo, possa ser transformado com a participação e a cooperação de todos.

Segundo a visão da pesquisadora italiana Maria Montessori, a tarefa do professor é preparar motivações para atividades culturais, sociais e educativas, em um ambiente previamente organizado, rico em materiais didáticos que favoreçam o processo de aprendizagem por meio da experiência direta, da procura e da descoberta. Para Montessori, o caminho do intelecto passa pelas mãos, porque é por meio do movimento e do toque que as crianças exploram e decodificam o mundo ao seu redor.

O ambiente escolar deve ser, portanto, vivo, dinâmico, atraente, calmo e eficaz, oportunizando aos alunos uma aprendizagem significativa e o prazer em conviver e aprender.

Adepta deste tipo de ambiente, a estratégia metodológica Escola Ativa propõe a organização dos Cantinhos de Aprendizagem para que neles ocorram atividades

que permitam aos alunos uma diversidade de experiências envolvendo a observação, a seleção, a comparação, a operação, a pesquisa, a investigação, a análise, a aplicação e a inferência.

Os Cantinhos de Aprendizagem são essenciais na construção de saberes, pois apóiam os Guias de Aprendizagem, que induzem à exploração dos conteúdos ali expostos em forma de questionamentos, explicações e descobertas. Os Guias de Aprendizagem estimulam os alunos na busca dos recursos contidos nos Cantinhos, e, em muitos módulos, os recursos são elementos fundamentais para o desenvolvimento das atividades.

Para melhor compreender quais são as funções dos Cantinhos de Aprendizagem, foram enumeradas algumas de suas vantagens:

- Proporcionar ao aluno a oportunidade de vivenciar, no espaço escolar, os conteúdos dos Guias de Aprendizagem e das atividades complementares.
- Favorecer a construção, a ampliação e a aplicação dos conhecimentos de forma autônoma, a partir dos materiais existentes.
- Despertar o espírito de pesquisa e investigação, o gosto pela leitura e o hábito de estudar por meio da comparação, da observação e da manipulação dos recursos contidos nos Cantinhos.
- Proporcionar aos alunos o prazer de estarem em sala de aula sentindo-se orgulhosos ao verem seus trabalhos incluídos ou expostos nos Cantinhos e sendo utilizados pelos colegas, o que lhes proporcionará motivação para continuarem produzindo, aprendendo, cuidando e preservando os bens coletivos.
- Promover a troca de conhecimentos, possibilitando a interação, a cooperação, o respeito e a comunicação.
- Ensejar a troca de experiências entre alunos de diferentes idades, professores e comunidades.
- Auxiliar o professor na identificação de habilidades e competências a partir da observação do interesse dos alunos em relação a determinados Cantinhos.



4. Discutam a importância dos Cantinhos no processo de aprendizagem dos alunos.
5. Relacionem algumas atividades que possibilitam aos alunos o uso dos Cantinhos no processo de aprendizagem.
6. Leiam o seguinte texto:

A flor

Há! Chegamos ao lugar mais importante da escola: a sala de aula. Mas será que já olhamos direito para ela?

Quando era pequena, estudava numa sala... parada. Espera, não quero dizer com isso que as salas deviam sair passeando por aí. Mas bem que elas podiam dar uma sacudidela de vez em quando e mudar o visual para chamar a nossa atenção, certo? Mas não. Era proibido mexer naquela sala. Parecia que qualquer modificação iria prejudicar o nosso aprendizado. As paredes eram brancas e deviam continuar sempre bran-qui-nhas, falavam. As carteiras eram fixas, grudadas no chão. Tudo era imóvel. Olha, nem me lembro da sala, ninguém nem olhava para os lados. Afinal, para quê? Era sempre igual.

Um dia, um dos meninos da classe trouxe uma flor de presente para a professora. Uma rosa cor de rosa. Não me lembro do motivo; se era dia das professoras, aniversário dela ou se ele só quis agradar. Só me recordo que ele apareceu eufórico na sala de aula e com a flor na mão.

- Professora! Trouxe um presente.

A professora era muito falante, extrovertida e espalhafatosa. Fez a maior encenação, com cara de surpresa. “Mas que beleeza! Coisa liinda!” Depois pediu uns minutinhos e saiu da sala, com a flor na mão. Quando voltou, estava sem a flor. O menino levantou a mão, intrigado.

- Professora, cadê a flor que eu dei para a senhora?

- Ah! - ela disse, sorrindo - coloquei num vaso lá na sala dos professores. Para não “atrapalhar” a aula - e encerrou o assunto, categórica - obrigada, viu?

E começou a aula, com seu jeito exagerado. O menino ficou completamente sem graça, e nós também, com aquele desaparecimento repentino da rosa.

Olha, até hoje eu não esqueci dessa resposta esdrúxula que ela deu. Uma simples rosa cor de rosa atrapalha a aula? De onde ela tirou isso? Gente, a flor era um presente, um ato de carinho do aluno. E, segundo ela mesma, “linda”. Será que por isso desorganiza o espaço?

Pergunto: pode uma coisa dessas?

É que essa professora não aprendeu a reparar nas coisas do jeito certo. Pense bem. Ela não reparou na flor, como também não reparava na sala de aula. Se ela olhasse bem a rosa, poderia falar muito sobre flores, sementes, plantio, cuidados com a natureza e mais um milhão de coisas.

E, além disso, poderia deixar a flor na classe para ninguém esquecer de tudo o que ela falou. Além do que, aquela classe “parada” e “branca” ia, ao menos, ficar um

pouquinho...cor de rosa. Talvez assim a gente reparasse mais nela. Na sala, quero dizer. Na professora a gente reparava de qualquer jeito, nem que não quisesse. Ela era muito espalhafatosa mesmo. Inesquecível.

É exatamente isso o que temos que fazer com a nossa escola. Reparar. Aprender a “ver” com todos os nossos sentidos. Olhar com nosso corpo, com nossa pele, com os ouvidos, com o nariz... “Nariz? Como é que é?” Isso mesmo. Quando sentimos o cheiro de uma flor, por exemplo. Mexer no espaço da sala, incorporar memórias, ensinamentos, experiências e flores não desorganiza nadinha, pelo contrário, ensina e muito.

Bem, as nossas professoras serão sempre inesquecíveis, espalhafatosas ou não. Mas tornar nossas salas de aula mais vivas e falantes depende de nós.

E, claro, das flores que recebemos de presente.

Extraído do livro: “Livro do Diretor: Escolas, espaços e pessoas”, São Paulo: CEDAC/MEC/UNESCO, 2002.p.45.



7. Discutam e reflitam sobre a atitude da professora:

- Caso recebessem uma flor ou um outro presente de seus alunos no momento da aula, como agiriam?
- Qual a relação existente entre os dois textos estudados neste módulo?



1. Reflita sobre o seguinte:

- Que atividades os alunos devem desenvolver sozinhos, nos intervalos das aulas, utilizando os Cantinhos de Aprendizagem?
- Que ações dos alunos permitiriam ao professor a identificação de habilidades e competências nas diversas áreas de conhecimento?



2. Seleccionem uma finalidade que os Cantinhos possuem e simulem uma situação que demonstre como alcançar essa finalidade.

3. Em plenária, socializem a situação criada.



1. Elaborem um jogral demonstrando as finalidades dos Cantinhos de Aprendizagem e o apresentem para a turma.



1. Solicite a presença do formador para que este realize a avaliação dos conhecimentos construídos durante o estudo deste módulo.

Módulo 2



A organização dos Cantinhos de Aprendizagem: um processo coletivo e participativo



1. Discutam sobre os Cantinhos de Aprendizagem:

- Como vocês poderiam organizar os Cantinhos em sua sala de aula?
- Com quais pessoas vocês poderiam contar para juntos montarem os Cantinhos de Aprendizagem?



2. Reflitam sobre:

- Os Cantinhos que não podem faltar na sala de aula e outros que poderão criar.
- Como organizar os Cantinhos e que materiais/recursos podem utilizar.
- Como poderão envolver a comunidade para que esta contribua na organização dos Cantinhos.



3. Leiam com atenção o seguinte texto:

A teoria e a prática se inter-relacionam e assim permitem a aquisição de conhecimentos.

As conduções metodológicas devem indicar caminhos que induzam à pesquisa, ao experimento, à manipulação, à construção de estratégias e à comprovação de hipóteses no processo de ensino-aprendizagem.

Para tanto, é necessário que o espaço da sala de aula esteja devidamente equipado com materiais diversos para que o aluno dê vazão à sua sede de descoberta.

A estratégia metodológica Escola Ativa prima, em sua metodologia, pela disposição de Cantinhos de Aprendizagem que promovam não apenas a pesquisa, mas também que possibilitem a exposição da produção dos alunos, da família e da comunidade. Logo:

CANTINHOS DE APRENDIZAGEM: Constituem-se em espaços organizados pela comunidade escolar e pela sociedade civil, com a finalidade de apoiar o educando, com sua riqueza de recursos e fontes materiais, na construção de saberes. São lugares onde os recursos didático-pedagógicos funcionam como partícipes no desenvolvimento do plano de aula de cada área de conhecimento.

Neles, os alunos desenvolvem atividades, com materiais didáticos, que lhes permitem, a partir de situações reais, chegar, por seus próprios meios, à efetiva aprendizagem, desempenhando atividades didaticamente estruturadas nos Guias.

Os Cantinhos de Aprendizagem, que devem sempre estar organizados em sala de aula, devem ser relacionados às áreas do conhecimento, ou seja, devem ser de Matemática, de Língua Portuguesa, de Ciências Naturais, de Geografia, de História, de Artes e de Ensino Religioso.

Nos Cantinhos de Aprendizagem devem existir materiais das seguintes categorias:

- **Materiais reais:** servem para desenvolver a aprendizagem por meio da manipulação e da observação. Como seu nome indica, trata-se dos próprios objetos, ou seja, não são representações. Por exemplo: um inseto seco, um conjunto de grãos de feijão, etc.
- **Materiais para experimentação:** instrumentos que servem para o aluno desenvolver a aprendizagem por experimentos. Como exemplos, podemos citar: isqueiros, potes, colheres, peneiras, instrumentos de medição, sal, açúcar, etc.
- **Materiais impressos:** livros, folhetos, cartazes, ilustrações, mapas, fotografias, entre outros, por meio dos quais os alunos podem ampliar e consolidar conhecimentos.
- **Materiais para criação estética:** objetos, geralmente descartáveis, com os quais as crianças podem trabalhar e combinar para criarem novos objetos de caráter artístico, como fantoches, por exemplo.
- **Materiais produzidos pelas crianças:** trabalhos escritos, desenhados, recortados e modelados pelos alunos no desenvolvimento dos módulos e nas atividades próprias do Governo Estudantil. Estes trabalhos devem enriquecer permanentemente os Cantinhos, os murais e os quadros de avisos.

- **Materiais fabricados:** recursos didáticos que dificilmente podem ser confeccionados com a exatidão necessária e que precisam, portanto, ser comprados em lojas especializadas. Por exemplo: globo terrestre.

Foram citados alguns dos materiais que devem estar disponíveis nos Cantinhos de Aprendizagem e que o professor pode conseguir e organizar desde o início do ano letivo, com a colaboração dos alunos e da comunidade.

Os materiais listados não são os únicos que os Cantinhos devem ter, pois é necessário enriquecê-los constantemente com os trabalhos que os alunos desenvolvem em suas atividades escolares, desde que tenham valor didático evidente, mesmo que não sejam bem elaborados, pois isso valoriza e motiva os alunos a melhorarem cada vez mais.

É importante que o professor observe o interesse dos alunos por um Cantinho de uma determinada área e se seu desempenho neste Cantinho é melhor do que em outros. Isso pode ajudar o professor a descobrir vocações e habilidades.



4. Leiam o seguinte estudo de caso:

Todos ajudaram a montar os Cantinhos de Aprendizagem

Aldo, o professor da Escola Canarinho, estava satisfeito com os importantes vínculos que conseguira estabelecer com a comunidade, os quais a cada dia se fortaleciam mais.

Na última reunião com pais de alunos, conseguiu emprestados os seguintes materiais: uma mesa velha bem grande, vários pedaços de madeira, uma boa quantidade de bambu, um serrote de mão e um martelo.

Aproveitou uma tarde de folga para visitar o prefeito do município e conseguiu com ele arame, tachinhas, pregos, mais pedaços de madeira e tinta. Com estes materiais, começou a organizar com os alunos os Cantinhos de Aprendizagem em diferentes espaços da sala.

Os alunos da terceira série levaram e pintaram a mesa e a colocaram num local bem iluminado e de fácil acesso. Os “alunos artistas” pintaram um letreiro numa tábuas onde se lia: *Cantinho de Estética*, e colocaram num dos cantos da mesa. Todos os alunos realizaram, com muito entusiasmo, diferentes tarefas: os da quarta série desbastaram o bambu e os da quinta série o cortaram em varas.

Com a ajuda de cinco pais, durante dois finais de semana, construíram mesas, estantes e prateleiras para os materiais dos outros Cantinhos de Aprendizagem. Foi fácil: apenas amarraram as varas de bambu com arame, colocaram os pedaços de

madeira e depois pintaram. Enquanto faziam isso, alguns alunos conseguiram, nos dois domingos, caixas de papelão, de remédios e de chocolate, para guardarem os materiais devidamente classificados segundo suas finalidades. Os “alunos artistas” escreveram os títulos correspondentes nas caixas.

Quando eles terminaram, o professor ficou muito satisfeito. Sabia que essas atividades concretas de colaboração e participação dos pais fazem com que os alunos se sintam elementos dinâmicos e participantes das atividades escolares e passem a considerar a escola como sua. Além disso, as atividades práticas dos alunos nos Cantinhos iriam facilitar-lhes muito o processo de aprendizagem.



5. Analisem o estudo de caso e respondam às seguintes perguntas:

- O que poderiam dizer sobre a forma com que os alunos e os pais da comunidade da Escola Canarinho montaram os Cantinhos de Aprendizagem?
- Quais são as vantagens de se organizarem os Cantinhos com a participação ativa dos alunos e dos pais?
- Poderiam fazer algo parecido em suas comunidades?



1. Mencione cinco materiais que você incluiria nos Cantinhos das áreas de conhecimento em sua escola.
2. Organize uma lista com materiais que podem ser conseguidos na comunidade em que trabalha.
3. Registre suas respostas no diário da formação.



1. Faça uma lista de lendas, poesias e provérbios que você já ouviu em sua comunidade para o Cantinho de Língua Portuguesa.
2. Relacione cinco materiais que os alunos possam usar para as suas próprias criações.



1. O formador registrará, na sua Ficha de Acompanhamento e Progresso, as atividades que você desenvolveu.

Módulo 3



A organização dos Cantinhos de Aprendizagem no processo de aprendizagem



1. Reflitam sobre a situação abaixo e respondam:

Em uma atividade de pesquisa sobre as doenças mais frequentes na comunidade local, os alunos construíram, em uma cartolina, um gráfico de barras com os dados coletados e em seguida o socializaram com a turma.

- Em que Cantinho vocês colocariam este trabalho? Por quê?



2. Leiam com atenção o seguinte texto:

Faz muito tempo que queremos que a sala de aula deixe de ser apenas um local com quadro negro, giz e professor passando conteúdo. Com os recursos que temos hoje em dia, transformar a sala de aula em um ambiente mais adequado é tarefa fácil, ao alcance de todos que possuam força de vontade e imaginação.

As aulas devem ter mais atrativos para que se tornem mais interessantes.

Sabemos que o professor tem capacidade suficiente para transmitir conhecimentos de uma forma mais agradável e com a participação de seus alunos, seja debatendo temas atuais, seja fazendo qualquer tipo de atividade que sugira um contato mais estreito entre aluno e professor.

Tendo como base a nossa realidade brasileira, ao imaginarmos uma escola do campo e como é sua sala de aula, temos em mente imagens cristalizadas que nos fazem lembrar da falta de estrutura física adequada, da ausência de materiais (quando existem, estão muito desatualizados), de recursos didáticos manipulados de modo pouco investigativo, resultando em um pequeno avanço na compreensão de fenômenos e na construção do conhecimento.

Atualmente, o ensino valoriza o conhecimento prévio do aluno e a interação entre os fatos do cotidiano e o saber sistematizado. Em decorrência disso, é estimulada uma leitura crítica das interferências do concreto, ressaltando-se a necessidade de se

buscar uma melhor qualidade de vida, por meio da aquisição de novos valores e atitudes.

Esta concepção de ensino pressupõe do professor a aplicação de metodologias e a utilização de recursos e materiais didáticos adequados para fornecer uma aprendizagem que leve o aluno a construir o conhecimento, no lugar de receber conceitos prontos, inquestionáveis e de difícil compreensão.

O desenvolvimento e a aquisição de habilidades são ferramentas essenciais para a compreensão e a construção do conhecimento e, sobretudo, para assegurar a inserção do aluno na sociedade.

Dessa forma, a sala de aula precisa possuir outra concepção de uso de seu espaço no decorrer do ano letivo, transformando-se em um ambiente de descoberta enriquecida com cartazes, maquetes, gráficos, tabelas, modelos anatômicos, confecção de jornais e histórias em quadrinhos, cartazes sobre campanhas, esqueletos, produção de vídeos e fotos, aquário, terrário, globo, microscópio, vidrarias, mapas e muitos outros materiais que refletirão um espaço de aprendizagem interativo e estimulante.

Todos esses materiais devem ser recolhidos, produzidos e organizados em espaços pelas crianças, com o intuito de se garantir a efetividade de sua inteira participação no recolhimento, na seleção, na catalogação, na organização e no uso adequado destes.

A operacionalização do uso de recursos e materiais exige inicialmente a apresentação, para a classe, dos conteúdos a serem tratados nos Guias de Aprendizagem, para que os alunos organizem e selecionem os materiais que atendam aos temas propostos para a realização das atividades.

O professor deve garantir aos alunos a co-responsabilidade na elaboração, organização e manutenção dos materiais, estabelecendo com a classe a delimitação do uso de espaços na sala e cuidados com os próprios trabalhos e com os de outras turmas, caso a escola tenha mais de um turno.

A partir de um ambiente organizado, o professor que adota a estratégia metodológica Escola Ativa conta, também, com monitores para auxiliá-lo em atividades experimentais que exijam a preparação prévia de alguns materiais. Estes monitores podem organizar um acervo aproveitando os artigos de jornais e revistas dos trabalhos expostos e colocá-lo em uma prateleira, à disposição no respectivo Cantinho de Aprendizagem.

A sala de aula é um laboratório, um espaço pedagógico onde os alunos experimentam e avaliam idéias e hipóteses levantadas sobre os fatos ou fenômenos naturais ou tecnológicos, pedagógicos ou presentes no dia-a-dia e que constituem objetos de estudo de todas as áreas do conhecimento.

O roteiro elaborado para a realização dessas atividades não deve limitar-se a ser apenas uma “receita pronta”; ao contrário, deve abrir possibilidades para o

desenvolvimento da capacidade de observação, criatividade e de habilidades investigativas que permitam ao aluno discutir e compreender os conteúdos a serem tratados.

A sala de aula em escolas do campo, quando concebida desta forma, pode ser considerada como um espaço onde o professor desenvolverá tanto atividades que necessitam de material específico e local apropriado para a sua realização, quanto aquelas cujo objeto de investigação se encontre fora da sala de aula ou mesmo fora do âmbito escolar, pois é um laboratório vivo e fascinante.

Desta forma, a presença dos Cantinhos de Aprendizagem, que facilitam a produção e a exposição de materiais produzidos pelos alunos, permitirá uma abordagem abrangente e integrada do ensino aos conhecimentos das áreas do conhecimento.

O ensino, encarado sob esse prisma, será mais instigante e mais dinâmico, se os alunos compreenderem melhor os mecanismos de adaptação, o comportamento e a interação existentes entre os diferentes processos. Por exemplo, podem ser usadas, nas aulas de Geografia, comparações entre a vegetação existente na comunidade e um outro tipo de vegetação brasileira de outro local.

Uma aula onde as crianças possam sair da sala para catalogar as características da vegetação das redondezas é muito mais interessante, não acham?

Materiais como os cartazes sobre o corpo humano, peças anatômicas, o torso, entre outros são recursos pedagógicos que desenvolvem no aluno a possibilidade de comparar diferentes órgãos e sistemas, relacionar forma e função e estabelecer relações de proporcionalidade. São materiais que aproximam o modelo teórico do real, e seu manuseio explora o desenvolvimento sensório-motor, visual e estético.

Outros recursos e materiais como jogos, blocos lógicos, material dourado permitem explorar atividades que aprofundam e ampliam conhecimentos matemáticos e promovem a capacidade de lidar com símbolos, raciocínio lógico, entre outros, sendo que tais habilidades são fartamente requisitadas no cotidiano dos alunos.

O plano de aula do professor deverá contemplar estratégias de trabalho que permitam ao aluno usar vários materiais que sejam facilitadores da troca de experiências entre os alunos e com o professor. Estas estratégias fornecerão oportunidades e dados para o professor conhecer as dificuldades e intervir na aprendizagem dos alunos, promovendo um ensino eficiente e uma valorização das relações humanas.

Descrevemos abaixo aspectos que não devem ser esquecidos pelos professores em seu planejamento desde a orientação para a montagem do Cantinho até a sua utilização:

Cantinho de Língua Portuguesa: tem como objetivo principal estimular o gosto pela leitura, valorizando-a como instrumento de informação e acesso ao conhecimento, atividade prazerosa que, a partir da prática social, remete a outras leituras.

Neste Cantinho, deverão estar expostos os mais diversos gêneros textuais, narrativas, descrições, dissertações, demais portadores de texto (dicionários, bulas, receitas, literaturas, etc.) e tudo o que possibilite a aquisição de conhecimento, para favorecer a inter-relação com outras áreas do conhecimento.

Cantinho de História: tem como objetivo disponibilizar recursos que proporcionem aos alunos identificarem-se como sujeitos do processo de construção histórica do espaço físico e social, reconhecendo sua trajetória de vida por meio de sua cultura e comparando as relações sociais de produção.

Neste Cantinho, devem estar expostos guias do município, catálogos telefônicos, encartes (propagandas), livros didáticos e paradidáticos, revistas, livros, jornais, folhetos e materiais confeccionados pelos alunos como monografias, pesquisas e entrevistas com membros comunitários para levantamento dos aspectos históricos da comunidade.

Cantinho de Geografia: tem como objetivo disponibilizar recursos que proporcionem aos alunos a construção de conceitos de espaço físico, estabelecendo conceitualmente o espaço urbano e do campo entre comunidades das mais diversas localidades no presente e no passado.

Portanto, neste Cantinho, deverão estar dispostos os seguintes recursos: material para montagem e modelagem, mapas, globos, jogos, aparelhos para medição de elementos climáticos (barômetro, cata-ventos, termômetro e outros), mostruário de rochas, além dos materiais confeccionados ou construídos pelos professores, alunos, comunidade e outros que venham a contribuir para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem do educando.

Cantinho de Matemática: é um espaço que objetiva estimular a construção dos conhecimentos matemáticos dos alunos, despertar a curiosidade, instigar a capacidade de generalizar, projetar, prevenir, abstrair e inferir, favorecendo a construção e o desenvolvimento do pensamento e do raciocínio lógico, criativo e investigativo.

Deverão estar no Cantinho de Matemática os blocos lógicos, tangrans, compassos, esquadros, ábaco, material dourado, relógio, calculadora, jogo de vareta, dominós, mapas, bússolas, guias do município, catálogo telefônico, encartes (propagandas), livros didáticos e paradidáticos, revistas, materiais emborrachados e alternativos.

Cantinho de Ciências: espaço onde as diferentes explicações sobre o mundo, os fenômenos da natureza e as transformações produzidas pelo homem no ambiente estão expostas e passivas à pesquisa, à investigação, à manipulação e à comparação, favorecendo o desenvolvimento de postura científica reflexiva, crítica, questionadora e investigativa.

O Cantinho de Ciências é o local onde se dão as expressões das explicações espontâneas dos alunos (senso-comum) e daquelas oriundas de várias fontes de estudo, dentre elas os Guias de Aprendizagem.

Ao organizarem este Cantinho, professores, alunos, pais e comunidade devem selecionar e/ou confeccionar diversos materiais naturais reais, bem como buscar, junto a diversos órgãos, a aquisição de materiais industrializados como: torso humano, mapas, termômetro, esqueleto desmontável, quebra-cabeças, dominós, isqueiros, balança, etc. A escolha destes materiais deve ser cuidadosa, para que estimule e desperte o real interesse dos alunos.

Cantinho de Ensino Religioso: a escola, enquanto espaço de construção e apropriação do conhecimento, com a função social de ajudar o ser humano a se instrumentalizar para ser sujeito da história, não poderia excluir do seu contexto o fenômeno religioso, fator integrante do cotidiano.

Uma sociedade de ficção pluralista, onde as mudanças são constantes e profundas, deve propor uma educação que privilegie a pessoa humana em toda a sua dimensão (física, psíquica, cognitiva, afetiva, religiosa, política e econômica). Não é possível se pensar em educação de qualidade sem contemplar a dimensão religiosa do ser humano; e cabe à escola prover os educandos de oportunidades e recursos para que eles possam compreender o conhecimento religioso como patrimônio cultural da humanidade, valorizando-o.

O conceito de conhecimento no Ensino Religioso, segundo as teorias contemporâneas, aproxima-se cada vez mais da idéia de que conhecer é construir significados e que estes se constroem a partir das relações que o ser humano estabelece entre o objeto a conhecer e as possibilidades de observação, reflexão e informações que já possui. Por exemplo, o educando vai construindo o significado dos símbolos religiosos a partir do que já conhece e da percepção, da importância e da diferença do seu significado nas várias tradições religiosas.

Assim, o Cantinho de Ensino Religioso deve ser o local onde esta construção aconteça de forma universal, independentemente do credo. Deve ser o local que contenha produções dos alunos em relação à cultura religiosa, símbolos religiosos diversos, revistas, livros, textos, CDs, cartazes, gravuras, fotos e orações, respeitando-se a diversidade religiosa existente no âmbito escolar.

Cantinho de Artes: “Educar artisticamente é propiciar à criança uma compreensão progressiva das linguagens: visual, musical, teatral, através de experimentos e convivência orientada.” (Raimundo Martins).

Neste sentido, a criação de um Cantinho de Artes na sala de aula possibilita aos alunos a pesquisa, a livre expressão e o contato com toda a riqueza de diversidades culturais manifestadas por meio de seus elementos, danças, músicas e visuais que despertam o desejo de descoberta e, a partir dele, de interpretar, improvisar, criar e recriar.

Na escola, uma aprendizagem organizada e sistematizada da arte deve ocorrer em condições propícias, com recursos e materiais adequados como: instrumentos musicais, fantoches, tintas, pincéis, massas (industrializadas ou alternativas) para

modelagem, papéis diversos, gravuras, jogos dramáticos, sucatas, cenários, *micro-sistem*, materiais sonoros, plásticos e gestuais, livros didáticos e paradidáticos, CDs e recursos naturais para a criação de modo geral.

O Cantinho de Artes deve ser um espaço de ensinar e aprender arte. Deve ser, acima de tudo, um local para se “viver a arte”.

Os Cantinhos devem ser organizados em locais de fácil acesso. Os materiais podem ser preparados pelo professor, pelos alunos e pela comunidade, a partir de outros materiais facilmente encontrados na região. Podem também ser adquiridos com a ajuda da comunidade, de outras instituições e de autoridades municipais. Os recursos dispostos nos Cantinhos poderão ser utilizados em estudos em outras áreas de conhecimento, quando for conveniente.

Algumas fontes de recursos para a aquisição ou obtenção dos materiais necessários aos Cantinhos de Aprendizagem seriam as seguintes:

- **entidades agrícolas** que prestam serviços na área rural, como federações, fundações e outras instituições. Muitas dessas entidades editam folhetos, cartazes e outros impressos com informações úteis para essas comunidades;
- **autoridades municipais e estaduais** podem fornecer materiais didáticos e ferramentas;
- **entidades religiosas locais** podem também fornecer materiais didáticos;
- **instituições de saúde** que prestam serviços em áreas rurais, como postos de saúde, podem fornecer materiais impressos;
- **os pais dos alunos e a comunidade** podem apoiar as atividades oferecendo sua mão-de-obra e providenciando ferramentas, materiais que geralmente são jogados fora, como caixas de papelão, tampinhas de garrafa (alumínio-lata), frascos, etc. Podem também dar seu apoio na construção das estantes para os Cantinhos de Aprendizagem;
- **os alunos da escola** podem trabalhar diretamente na organização dos Cantinhos e na obtenção de materiais reais do próprio meio ambiente, como plantas, folhas, sementes, insetos, pedras, etc. Podem também trabalhar na produção de materiais didáticos e de materiais escritos e ilustrados, como monografias, pequenas pesquisas, contos, fábulas, etc.

Todos esses materiais são classificados de acordo com a sua utilização para cada matéria. Para este fim, o professor encontrará as indicações necessárias nos módulos dirigidos aos alunos.



3. Leiam o seguinte estudo de caso:

Organizando os Cantinhos de Aprendizagem

Os alunos da Escola Canarinho estavam muito contentes por terem organizado com o professor os Cantinhos de Aprendizagem. Luiz, um “menino artista”, foi o aluno que fez os melhores letreiros para identificar cada Cantinho. Por isso, ganhou alguns pontos no concurso *Artista do Mês*.

Os “naturistas” dedicaram-se a trazer minerais, alguns insetos, plantas da região e folhas que pegaram na vizinhança e a colá-los em folhas de papel jornal, sob o título *Álbum de plantas da região*.

Os “jornalistas” também fizeram a sua parte, trazendo revistas, jornais e retratos conseguidos na comunidade, para colocá-los nos Cantinhos de Ciências Sociais e de Linguagem, segundo o tema. Escreveram também, com letra muito clara, alguns mitos e lendas que escutaram de pessoas mais velhas e, depois de o professor tê-los corrigido, os colocaram em uma caixa, no Cantinho de Língua Portuguesa, sob o título *Mitos e lendas da nossa região*. Outros alunos também enriqueceram este Cantinho com os contos e fábulas escritos por eles mesmos.

Os “matemáticos” também se preocuparam muito com o seu Cantinho. Era curioso observar os alunos menores recolhendo palitos, tampas de garrafa, pedrinhas e grãos de diferentes tipos e guardando-os, devidamente classificados, em caixinhas de papelão. Os “matemáticos” achavam graça da curiosidade dos pequeninos que não sabiam ainda que todas aquelas coleções serviriam para eles aprenderem muitas coisas sobre conjuntos.

No fim do dia, o professor Aldo teve a satisfação de poder registrar no *Livro de Participação* a matéria na qual cada aluno se destacou. Enquanto fazia isso, pensava: “Essas crianças se sentem realmente ligadas à escola. Não é como no meu tempo, quando só o professor podia falar e era o único que selecionava e colecionava recursos para o processo de aprendizagem. Além disso, o interesse dos alunos em organizar os Cantinhos de Aprendizagem e trabalhar neles me ajuda muito a orientá-los no sentido de descobrirem sua vocação.”



4. Discutam o estudo de caso:

- Vocês puderam vivenciar experiências semelhantes às de Aldo em suas escolas? Quais experiências?
- Qual a sua opinião sobre a maneira como os alunos da Escola Canarinho participaram da organização dos Cantinhos de Aprendizagem?



1. Relacione atividades que os pais dos alunos poderiam desenvolver para a organização dos Cantinhos de Aprendizagem em sua escola.



1. Elabore outra lista das fontes que você pode usar em sua escola para organizar os Cantinhos de Aprendizagem.
2. Prepare uma fala dirigida aos pais para motivá-los a colaborar na organização dos Cantinhos de Aprendizagem. Nesta fala, você deve passar alguma informação sobre a maneira pela qual os pais podem participar.
3. Registre as respostas das questões em seu diário da formação.



1. O orientador da oficina avaliará as atividades realizadas neste módulo e registrará o seu avanço na sua Ficha de Acompanhamento e Progresso.



1. O orientador lhe ajudará a organizar na oficina os Cantinhos de Aprendizagem junto com os seus colegas.

Unidade 6

A ESCOLA E A COMUNIDADE

“Desde tempos imemoriais os seres humanos têm se congregado em comunidades pequenas ou grandes. Há um instinto biológico que leva as criaturas a formarem grupos. O principal fator biológico que leva os seres a se congregarem parece ser a similaridade. Mas, enquanto um conjunto de plantas ou animais é chamado de grupo, um conjunto de seres humanos é geralmente chamado de comunidade ou associação, quando há um objetivo consciente subjacente a ele. A característica mais comum da humanidade é a noção de cidadania, pois ela insinua uma concordância mútua implícita para a coabitação, baseada na aceitação das condições que derivam desta vida coletiva. Aquelas condições geram leis e regras que estabelecem uma estrutura e uma ordenação variada dentro da comunidade. Daí, ser um cidadão de uma comunidade necessariamente implica aceitar e cumprir com todas as leis válidas da comunidade.”

Tran Thi Kim Diêu

(A autora é teósofa e presidente da Federação Teosófica Européia).

Pequena palestra proferida na Convenção Anual da Sociedade Teosófica em Adyar, Chennai, Índia, em dezembro de 1993. Tradução: Alcyr Anísio Ferreira.

Escola e Comunidade

Tempo estimado para o desenvolvimento desta unidade: 8 horas

Módulo 1 – Escola e comunidade: uma articulação possível e necessária

Módulo 2 – Conhecendo a comunidade

Módulo 3 – Instrumentos que permitem conhecer a comunidade

Avaliação da unidade

Caro cursista,

Além de transmitir conhecimentos, a educação deve também estar voltada para a formação integral do indivíduo, oferecendo-lhe aprendizagens relacionadas à sua vida diária e ao seu ambiente físico e social.

A Escola Ativa propõe estabelecer relações estreitas entre a escola e a comunidade, visando educar indivíduos com identidade pessoal e cultural e capazes de compreender a sociedade na qual vivem, de participar ativamente dela e de transformá-la, garantindo a sua sustentabilidade, a sua equidade e a sua autonomia. Assim sendo, o elemento escola e comunidade é importantíssimo para se ter efetivamente uma escola de qualidade.

O processo educacional projeta-se em uma direção dupla em que:

1. a aprendizagem se dá pelos acontecimentos e por tudo o que rodeia o aluno e constitui a sua cultura;
2. os alunos, com sua aprendizagem, atuam positivamente no ambiente familiar e social, ou seja, por um lado, a comunidade e a família representam espaço de aprendizagem, de recuperação de conhecimentos populares e de revitalização da cultura, por outro, o que o aluno aprende na escola é aplicado na sua família e na comunidade.

As comunidades apresentam diferentes características e problemas que o professor, como agente educacional, deve conhecer. Essas informações darão sentido à sua prática pedagógica e criarão condições para garantir o bem estar dos alunos, da família e da comunidade. A primeira ação importante neste sentido é a de conhecer a comunidade educacional, cujos sujeitos importantes são a família e a sociedade civil.

Esta unidade tem o propósito de subsidiar o professor na elaboração e na utilização de instrumentos usados para o conhecimento, a valorização e o respeito da comunidade como: o croqui e a maquete da comunidade, o registro de informações das famílias (a ficha familiar), o calendário de produção econômica e as monografias.

Deseja-se também que o professor discuta e construa estratégias e técnicas que estimulem o envolvimento da comunidade na qual trabalha nas atividades da escola.

Essas atividades se referem às questões administrativo-curriculares com atuação na gestão da escola por meio de um comitê de pais (caso seja possível), por ocasião do trabalho com os Guias de Aprendizagem, dentre outras ações.

Todas essas estratégias constituem os primeiros passos que podem ser dados no sentido de se estabelecerem relações positivas entre a escola e a comunidade.

Em uma etapa subsequente, professores, instituições, alunos, pais, ex-alunos, vizinhos e autoridades de modo geral poderão participar dinamicamente de esforços conjuntos para melhorar a vida comunitária e o funcionamento da escola.

Não podemos nos esquecer que a função principal do professor é a de orientar as atividades escolares. Nas atividades de desenvolvimento comunitário, o professor deve agir como facilitador e dinamizador, já que o fator determinante é a comunidade; e o articulador, a escola.

O maior ou menor grau de vinculação do professor à comunidade está muito relacionado ao fato de ele residir ou não no local. Da mesma maneira, existem muitas outras situações que afetam o desenvolvimento da vida comunitária e incidem sobre as relações escola-comunidade, como, por exemplo: as migrações, o grau de desenvolvimento da comunidade, a propriedade da terra, etc.

Em qualquer uma das circunstâncias, o professor deve sempre procurar estreitar as relações entre a escola e a comunidade, visando estimular a cooperação dos pais nas atividades escolares. Deve relacionar a aprendizagem com o cotidiano da criança e projetá-la na direção da família e da comunidade, aumentando assim a sua satisfação com a metodologia e transformando a escola em um elemento de integração comunitária.

Neste sentido, a participação da comunidade na escola deve garantir o acompanhamento e a avaliação da qualidade do ensino ofertado nela, bem como a co-gestão que implica fazer da educação uma responsabilidade de todos.

Módulo 1



Escola e comunidade: uma articulação possível e necessária



1. Reflitam sobre as seguintes questões:

- A participação da comunidade na escola é importante?
- O que sabemos sobre o efeito desta participação?



2. Leiam com atenção o texto abaixo:

A escola é responsável pela promoção do desenvolvimento do cidadão, no sentido pleno da palavra. Então, cabe a ela definir o perfil de cidadão que deseja formar, de acordo com a sua visão de sociedade. Cabe a ela também a incumbência de definir as mudanças que julga necessárias nessa sociedade, por meio das mãos do cidadão que irá formar.

Na introdução dos Parâmetros Curriculares, consta a definição e o detalhamento das capacidades para uma formação integral do aluno. Uma destas capacidades é a **inserção social**, que se refere à possibilidade de o aluno perceber-se como parte de uma sociedade, de uma classe, de um ou vários grupos sociais e de comprometer-se pessoalmente com questões que considere relevantes para a vida coletiva.

Para proporcionar ao aluno o desenvolvimento desta e outras capacidades, a escola não pode ser mais uma instituição isolada em si mesmo, separada da realidade circundante, mas sim um espaço democrático e que não se limite a reproduzir a realidade sócio-econômica em que está inserida, cumprindo ordens e normas a ela impostas; um espaço para participação e reflexão coletiva sobre o seu papel junto à comunidade.

A escola nasceu **da comunidade e para atender às necessidades desta comunidade**.

A exigência da participação da comunidade na organização e gestão da escola corresponde a novas formas de relações entre escola, sociedade e trabalho que repercutem nela, nas práticas de descentralização, autonomia e co-responsabilização.

Ao longo dos anos, a escola vem se consolidando como “um espaço vivo de lembranças, aprendizagens, sonhos e busca/trocas de conhecimentos”.(Gadotti, 2002). Nesta perspectiva, escola e comunidade, educação e cidadania, atitudes e valores, realidade e sonho, tudo isto é prelúdio de uma melodia que credencia o processo de sensibilização, planejamento, construção e realização de uma proposta inovadora como a Escola Ativa.

Segundo Dias (2001), “se é da sociedade e da comunidade que provêm as idéias que dão sentido ao trabalho realizado pela escola, não há como pretender mantê-las alheias às atividades desenvolvidas no ambiente escolar”.

Sendo assim, a escola pode ser transformada em um pólo de cultura, no qual o conhecimento é socializado e trabalhado de forma não fragmentada, vinculada à realidade, proporcionando a ampliação das possibilidades culturais dos alunos e da comunidade por meio do debate permanente das principais questões locais e nacionais, estabelecendo assim a identidade própria da escola na discussão e reflexão sobre os problemas da comunidade, na tentativa de superá-los.



2. Discutam as seguintes questões:

- A comunidade está se beneficiando do conhecimento trabalhado na escola? De que forma?



3. Leiam com atenção o seguinte estudo de caso:

Os pais e a escola: canais de comunicação

Dona Rita foi chamada para a reunião do filho caçula Antônio.

Logo na entrada da escola, ela percebe algo diferente. Uma jovem alegre e acolhedora cumprimenta as mães e os pais que vão chegando. Cada convidado recebe um crachá com o nome do filho. Coisas novas. Um jeito todo diferente de se falar com os pais. Isto teria cheiro de que? O que viria depois?

Dona Rita recebe o crachá com o nome do Antônio e senta-se num banco lá bem no fundo da sala. A professora Olga lê uma mensagem. Coisa bem bonita, falando da importância de a escola e as famílias trabalharem juntas. Serem luzes na vida das crianças.

Tantas idéias lindas, mas tudo estava longe, eram só palavras!

A professora Olga fala do seu trabalho na sala de aula, explica os conteúdos que está desenvolvendo. E, depois, quis ouvir os pais. Que sugestões eles tinham para o trabalho?

Pouca gente arriscou um palpite. Dona Rita continuava a achar tudo muito estranho. Qual seria a hora das verdades duras? Quando é que viriam os recados individuais? Em que momento a professora iria dizer que o “Toinho” era um “demônio”, uma “peste”? Será que ela iria pedir para mudá-lo de escola? Nas reuniões de pais, Dona Rita já estava cansada de ouvir o nome dos filhos como sendo difíceis, sem solução, desorganizados, sem ajuda no dever.

E a reunião chegou ao seu final. Olga queria se despedir de cada um e foi abraçando a todos. Dona Rita teve vontade de fugir, mas a professora veio chegando:

– A senhora é a mãe de Antônio? Mas que bom conhecê-la! Eu adoro o Antônio! Sinto falta quando ele não vem à aula. Até queria pedir para a senhora não deixá-lo faltar. Ele está indo muito bem e não quero que fique prejudicado com ausências. A senhora deve se orgulhar de ter um filho tão solidário como o Antônio.

Dona Rita se encolheu:

– A senhora se enganou. O meu “Toinho” não deve ser esse menino de quem a senhora está falando. Ele é muito levado, difícil de aprender. Já repetiu duas vezes a primeira série. A senhora deve ter confundido com outro menino.

Olga se surpreendeu:

– Eu só tenho um Antônio na sala. Estou falando do seu mesmo: companheiro, muito querido por todos nós. Ele é mesmo levado, mas a gente se entende e temos sido bons amigos.

Dona Rita, nesse momento, “cresceu”, se fortaleceu, reagiu com a alma, com o coração. Desta vez, ela levava para casa muita alegria e muito orgulho de ser a mãe do “Toinho”.

E, naquele momento, a escola nasceu para ela.



4. Discutam o estudo de caso, considerando alguns pontos:

- a estranheza da mãe com o comportamento da professora;
- a tentativa de fuga da mãe no final da reunião;
- a explicação da professora sobre os conteúdos trabalhados e o pedido de sugestões aos pais;
- o perfil de Antônio: pela mãe e pela professora;
- a relação professora/pais.



1. Faça um resumo sobre:

- a relação da escola na qual eu leciono com a comunidade;
- a minha relação com os pais de meus alunos;
- o meu comportamento em relação a esses dois aspectos.

Registre suas anotações no diário da formação.



2. Discutam com o grupo as perguntas abaixo e apresentem a síntese em plenária:

- Os pais participam das decisões da escola?
- Quais decisões?
- Como se comportam nas reuniões?



1. Listem os pontos positivos a respeito da participação da comunidade em suas escolas.



2. Socialize as listas e as apresente ao orientador, para que este sistematize uma lista única do grupo de formação, a ser fixada na parede.



1. O orientador da oficina de formação realiza a avaliação e registra na FAP o progresso.

Módulo 2



Conhecendo a comunidade



1. Conversem brevemente sobre o que sabem a respeito da comunidade na qual trabalham.



2. Relacione atividades e estratégias para conhecer mais a sua comunidade.



3. Comparem suas listas e discutam sobre as melhores estratégias para conhecerem a comunidade onde trabalham .
4. Comuniquem ao formador sobre suas conclusões.
5. Façam a seguinte leitura:

Comunidade é um grupo de pessoas e famílias que residem, permanente ou temporariamente, num mesmo território ou espaço, que têm interesses comuns, que compartilham atividades cotidianas como trabalho, estudos, esportes e outras, e que almejam o bem-estar de seus membros.

Uma escola que deseja desempenhar bem suas funções promove as relações entre seus alunos e professores e a comunidade, permitindo uma comunicação constante, aberta e bem focada que facilite a identificação das necessidades e potencialidades da escola e da comunidade.

Algumas técnicas que podemos usar para estudar a comunidade são:

- a. Observação participativa.
- b. Entrevista pessoal ou com grupos.
- c. Pesquisas.

- a. **OBSERVAÇÃO PARTICIPATIVA.** Técnica muito utilizada nas Escolas Ativas. Como o nome indica, é a participação do professor e do aluno na vida da comunidade. Logicamente, ao se participar, observa-se e se conhece. É uma técnica que deve seguir um roteiro estabelecido previamente.

Por exemplo: O que quero observar? Quem ou o que quero observar? Como farei meus registros? Como devo me comportar?

A observação participativa é um momento para se enxergar o universo social, cultural, econômico e religioso da comunidade. É necessário cuidado ao se redigir os relatórios e perceber em quais momentos fazê-lo: na frente das pessoas? E não se esqueça: se tiver dúvidas em relação a alguma informação, pergunte, porque podemos registrar informações que acreditamos ou desejamos que sejam de uma determinada maneira e que na verdade não são como pensamos.

- b. **ENTREVISTA PESSOAL OU COM GRUPOS.** Técnica que pode ser adotada informalmente, na forma de conversas ou visitas. É uma maneira simples de obter informações e tomar notas que posteriormente serão sistematizadas. Deve ser planejada com perguntas sobre determinado tema ou temas, de acordo com a função pedagógica que se quer alcançar.
- c. **PESQUISA.** Outro meio de se conseguir informações é a pesquisa. Escolhe-se previamente o assunto a ser pesquisado, depois, elabora-se um roteiro de pesquisa. Pode haver um questionário com perguntas relacionadas ao assunto que se quer pesquisar ou perguntas a serem respondidas pela população a ser pesquisada. É uma atividade de investigação e deve ser preparada de antemão junto com os alunos que deverão conhecer a finalidade deste trabalho.

As duas primeiras técnicas mencionadas são formas simples de comunicação humana que permitem uma aproximação mais espontânea e natural entre o professor e a comunidade escolar, permitindo que ele conheça suas formas de vida, sua organização, suas necessidades, problemas, carências, experiências, etc.

Algumas estratégias para reunir a comunidade em torno de eventos propostos pela escola e que podem ser utilizadas para estimular a aproximação com a comunidade aplicando-se as técnicas mencionadas são:

- **DIA DAS CONQUISTAS:** Um dia muito especial para a escola, pois é um dia de encontro entre professores, alunos, pais de alunos e outras organizações comunitárias. Nesta reunião, se compartilham as conquistas dos alunos, da escola e da comunidade. É, também, um momento de se planejar atividades em prol da escola ou da comunidade ou outras atividades culturais.

Essas reuniões são importantes porque visam aumentar a interação entre os participantes apresentando-lhes projetos, produtos ou realizações que valorizam o trabalho pedagógico desenvolvido na escola e a cultura comunitária.

- **OFICINAS:** Atividades de integração escritas e preparadas com base nas iniciativas, nos interesses e nas motivações de membros da comunidade. Podem ser realizadas oficinas sobre recreação, culinária, trabalhos manuais, jardinagem, decoração, artesanato, horticultura, etc.

- **PALESTRAS INFORMAIS:** O objetivo é reunir as pessoas para falar de temas relacionados à vida cotidiana. O sucesso desta abordagem depende do tema proposto e do grau de interesse que desperte. Alguns temas poderiam ser os seguintes: vida familiar e amorosa, saúde, cuidados com a criança, primeiros socorros, normas de comportamento social, meio ambiente e outros.

Essas palestras podem também ser dadas durante visitas familiares ou domiciliares.

- **CAMINHADAS DE OBSERVAÇÃO:** Forma lúdica de conhecer e identificar o ambiente que circunda a escola. Esta atividade é geralmente desempenhada com um guia (que pode ser um membro da comunidade ou um aluno que conheça a região) ou um plano de passeio que indique locais importantes da região a serem visitados.

- **EVENTOS DE INTEGRAÇÃO SOCIAL:** Encontros organizados e liderados pela escola para promover o convívio alegre e a integração comunitária. Podem ser, também, eventos organizados em benefício da escola ou da comunidade, tais como: festivais, bazares, romarias, serenatas, saraus, lanches comunitários, banquetes, mutirões e encontros esportivos intercomunitários.



6. Leiam com atenção o seguinte estudo de caso:

Como conhecer sua comunidade

Na Escola Quebra Galhos, que ficava um pouco longe do vilarejo, a professora Estela Maris estava preocupada porque não conseguia entender o afastamento e a quase total indiferença das famílias e dos vizinhos em relação à escola.

Estela Maris sabia que a primeira atitude que deveria tomar era a de conhecer um pouco mais a comunidade, não apenas para melhor adaptar suas aulas ao meio, mas também para ter informações que pudessem ser úteis para qualquer pessoa ou entidade. No entanto, tinha dúvidas em relação à melhor forma de colher essas informações, pois achava que muitas perguntas e questionários complicados acabariam incomodando e cansando as famílias.

Pensou, então, que certamente existiam maneiras mais simples e naturais de se conhecer a comunidade e pediu ao Sr. Sidney, fazendeiro da região, que a ajudasse. O Sr. Sidney explicou:

– Existem métodos como a entrevista pessoal ou com grupos, pesquisas e a observação participativa. São excelentes, e você poderá realizá-las junto com os alunos. Poderá começar devagar, para que as pessoas da comunidade passem a ter maior confiança em você, conversando informalmente e registrando os fatos.

Estela escutou com interesse as explicações, agradeceu e voltou para a escola. Na verdade, os métodos sugeridos pelo Sr. Sidney não soaram como novos para Estela Maris, pois ela mesma havia pensado em algo semelhante. Concordava que realizar entrevistas pessoais, conversando com as pessoas espontaneamente ou em reuniões com grupos, seria a melhor forma de fazer pequenos diagnósticos de sua comunidade. Seria um estímulo também para os alunos fazerem um trabalho que posteriormente poderia ser usado como fonte de consulta na biblioteca da escola.

Estela Maris pensou também que, como passaria a ser um membro ativo da comunidade, observando e participando, em pouco tempo poderia instigar seus alunos a escreverem monografias simples sobre a vida comunitária.

– Começarei a trabalhar com entusiasmo – disse Estela Maris. Vou mostrar a mim mesma e aos meus supervisores que conheço a minha comunidade e que vou trabalhar com ela.



7. Discutam o estudo de caso e respondam:

- Concordam com Estela Maris que a melhor maneira de se conhecer a comunidade é fazendo entrevistas, conversando, promovendo reuniões com diferentes grupos e comemorações festivas?



1. Prepare uma lista de aspectos que considere importantes da escola e da comunidade em que habita (ocupações sociais e profissionais, tipos de moradia, aspectos da saúde, costumes, cultura e outros que julgar importantes).

2. Responda:

- Que técnicas você usaria para colher essas informações?
- Além das técnicas mencionadas neste módulo, que outra técnica poderia ser útil para auxiliar você a conhecer a comunidade?

3. Registre seus apontamentos no diário da formação.



4. Comparem suas respostas e identifiquem as pessoas que podem lhes ajudar no trabalho de coletar informações sobre a comunidade e de definir atividades. Discutam também os cuidados que devem ter durante essa ação.



1. Façam juntos uma dramatização de uma entrevista pessoal ou com grupos, com a finalidade de coletar informações de uma comunidade imaginária. Apresentem essa dramatização na oficina.
2. Desenvolvam um plano que contenha as informações que vocês desejam obter sobre a comunidade onde trabalham. Este plano deve indicar o seguinte:
 - as informações que desejam coletar;
 - como coletarão essas informações.



3. Registre em seu diário da formação o plano que você e seu grupo elaboraram.



1. O orientador da oficina realiza a avaliação e registra na FAP o seu progresso.

Módulo 3



Instrumentos que permitem conhecer a comunidade



1. Discutam o seguinte:

- Em que tipo de comunidade trabalham?
- Até que ponto vocês conhecem as pessoas da comunidade na qual trabalham?
- O que entendem por cultura?



1. Leiam com atenção o seguinte texto:

O CROQUI E A MAQUETE DA COMUNIDADE – O croqui é um mapa simples da comunidade na qual a escola está situada; é um desenho gráfico. A maquete é a miniatura de um projeto arquitetônico ou de engenharia que retrata a realidade. É uma planta tridimensional que demonstra a comunidade onde a escola está inserida.

Esses instrumentos nos mostram limites, rotas, caminhos, localização das casas (incluindo as casas dos alunos), entidades públicas, serviços de saúde, postos policiais, comércio (mercearias, lojas, hospedarias) e fontes de recursos naturais como riachos, rios e nascentes. Além disso, mostram-nos pontos críticos de risco como zonas de erosão, áreas contaminadas, desmatamentos e outros dados importantes.

Esses dois instrumentos devem ser elaborados com a participação de todos: pais, alunos e professores. Deve-se marcar uma reunião com eles e propor-lhes que façam o croqui e a maquete em conjunto e que estes sejam colocados em um local visível da escola.

Dentre outras vantagens oferecidas pelo croqui e pela maquete, podemos citar as seguintes:

- Permitem que nos localizemos na região e no município.

- Definem a localização da escola e o seu raio de ação.
- Permitem que determinemos o número e o nome das famílias da comunidade.
- Permitem que saibamos a que distância da escola as casas dos alunos estão localizadas e o caminho que eles percorrem para ir e voltar desta.
- Facilitam o conhecimento das vias de acesso ao professor, vizinhos e visitantes para se chegar até as famílias e se conhecer a comunidade de um modo geral.
- Representam uma valiosa fonte de informações para visitantes e entidades que precisem realizar algum trabalho na comunidade.
- Facilitam a localização de pontos críticos que precisam de atenção quando surgem problemas.
- E, fundamentalmente, são recursos didáticos importantes para o desenvolvimento do currículo, se adequando ao plano das aulas .

A MONOGRAFIA DA COMUNIDADE - A monografia é um instrumento que nos permite conhecer, compilar, recuperar, transmitir e valorizar a vida cultural de cada comunidade.

A monografia é uma descrição do que existe em uma comunidade. Podemos ter monografias sobre os seguintes aspectos:

1. Aspectos históricos.
2. Aspectos geográficos.
3. Aspectos culturais.
4. Aspectos ocupacionais.
5. Aspectos da vida doméstica.
6. Aspectos organizacionais da comunidade.
7. Aspectos de saúde.
8. Outros.

Cada um dos aspectos tem muitos temas e subtemas. Vejamos alguns exemplos:

1. ASPECTOS HISTÓRICOS:

- ⇒ Origem da comunidade.
- ⇒ Dados sobre sua fundação.
- ⇒ Origem do nome.
- ⇒ Primeiros habitantes.
- ⇒ Outros.

2. ASPECTOS GEOGRÁFICOS:

- ⇒ Localização (limites).
- ⇒ Hidrografia.
- ⇒ Relevo.
- ⇒ Extensão.
- ⇒ Outros.

3. ASPECTOS CULTURAIS:

- ⇒ Mitos, lendas, ditos populares.
- ⇒ Idiomas (línguas).
- ⇒ Festas e comemorações.
- ⇒ Esportes, jogos.
- ⇒ Música (canções, instrumentos).
- ⇒ Danças regionais (folclore, trajes utilizados).
- ⇒ Religião.
- ⇒ Outros.

4. ASPECTOS OCUPACIONAIS:

- ⇒ Fontes de trabalho (o que fazem os homens, as mulheres, as crianças).
- ⇒ Lavouras da região.
- ⇒ Categorias: café, cana-de-açúcar, frutas, hortaliças, outras lavouras.
- ⇒ Pecuária.
- ⇒ Indústrias existentes: tipos de indústrias.
- ⇒ Artesanato.
- ⇒ Como é o mercado.
- ⇒ Meios de transporte.
- ⇒ Como é feita a comercialização e a distribuição.
- ⇒ Outros.

5. ASPECTOS DA VIDA DOMÉSTICA:

Este item deve incluir todos os aspectos que possam descrever a casa, moradias anexas e outros (cada aspecto pode incluir muitos subtemas):

- ⇒ Tipo de habitação.
- ⇒ Moradias anexas.
- ⇒ Alimentação.
- ⇒ Vestuário.
- ⇒ Mobília.

6. ASPECTOS ORGANIZACIONAIS DA COMUNIDADE:

- ⇒ Conselho de ação comunitária.
- ⇒ Associação de empregadores.
- ⇒ Clube de donas de casa.

- ⇒ Clube desportivo.
- ⇒ Grupo de catequese.
- ⇒ Clube de agricultores.
- ⇒ Grupo de usuários.
- ⇒ Outros.

7. ASPECTOS DE SAÚDE:

- ⇒ Procedência da água.
- ⇒ Tratamento da água consumida na comunidade.
- ⇒ Locais onde as roupas são lavadas.
- ⇒ Existência de latrinas ou serviço sanitário.
- ⇒ O que se faz com o lixo.
- ⇒ Se a comunidade dispõe de enfermeiras ou parteiras.
- ⇒ Se a população está vacinada e contra quais doenças.
- ⇒ As doenças mais comuns e como são tratadas.
- ⇒ Medicamentos utilizados.

Uma maneira fácil de se elaborar uma monografia é escrevendo-a por temas (monografia temática). Para este fim, as informações são colhidas em textos curtos e simples (poucas páginas) sobre temas específicos. Exemplo: monografia sobre os primeiros habitantes da região.

Para a elaboração dessas monografias, o professor pode motivar os pais e a comunidade de modo geral a colher informações sobre diferentes temas e a colaborar com relatos orais e, se possível com documentos como fotografias, textos, gravações, entre outros que ajudem a descrever aspectos de cada tema. Se isto não for possível, basta o relato oral bem organizado, verdadeiro e completo.

As monografias são úteis porque servem para:

- Colher informações gerais sobre a comunidade.
- Transmitir costumes, valores e cultura de uma geração para a outra.

- Fortalecer a identidade cultural de uma região.
- Escrever a própria história da região, para que não se perca.

O professor deve usá-las como documentos de apoio que permitam dar a seus alunos um testemunho de como sua comunidade era no passado e de como ela se desenvolveu. As monografias permitem, também, o planejamento e o desenvolvimento dos planos de aula, enriquecendo os módulos de aprendizagem do aluno.

A FICHA FAMILIAR – A ficha familiar é um instrumento que nos permite dispor de informações sobre os alunos (e suas famílias) que fazem parte da comunidade educacional.

Uma ficha familiar deve conter os seguintes dados do aluno e de sua família: nome do aluno, data de nascimento, gênero, idade, grau de parentesco, participação na ocupação profissional de sua família, escolaridade, habilidades artísticas, esportes favoritos, etc. Nomes dos pais, data de nascimento, escolaridade, quantidade de filhos, se todos estudam, tipo de ocupação dos pais, etc.

Com as fichas familiares, podemos obter dados como: número de famílias que vivem na comunidade, número de meninos e meninas em idade escolar, projeção de matrículas para o ano seguinte, número de alunos (jovens ou adultos) que não sabem ler nem escrever, principais ocupações, grupos organizados a que pertencem e as habilidades dos habitantes. Sua análise permite que conheçamos as necessidades da comunidade em diferentes áreas, como em educação, saúde, recreação e moradia, entre outras.

Além disso, as fichas familiares são instrumentos valiosíssimos que o professor deve ter em mãos ao fazer visitas domiciliares. Essas fichas devem ficar arquivadas em local de fácil acesso para alunos, professores, pais de alunos e visitantes eventuais da escola e da comunidade. Isto facilita o trabalho de pesquisadores, técnicos, colaboradores, organizações, entidades e de pessoas interessadas em promover atividades que produzam benefícios para os moradores da comunidade, seus vizinhos e para a escola.

Podem servir, também, para elaborar tabelas e fichas que contenham informações gerais a respeito da comunidade e que possam ser utilizadas como recursos pedagógicos.

Modelo de Ficha Familiar**Identificação do aluno**

Nome do aluno: _____
Endereço: _____
Data de nascimento: ____/____/____
Possui registro de nascimento? ☐ Sim ☐ Não
Trabalha? ☐ Sim ☐ Não
Se sim, qual o ramo de trabalho? ☐ Agricultura ☐ Extrativismo ☐ Artesanato
Outro: _____

Identificação da família

Estado civil dos pais: _____
Nome do pai: _____
Data de nascimento: ____/____/____
Profissão: _____ Qual o ramo de trabalho? _____
Está empregado? ☐ Sim ☐ Não
Pertence a alguma entidade ou associação? ☐ Sim ☐ Não
Qual? _____
Possui alguma habilidade artesanal ou agrícola que pudesse ensinar na escola?
☐ Sim ☐ Não Qual? _____
Religião: _____
Grau de instrução: _____
Quanto tempo mora na comunidade? _____
Mora em residência própria? _____

Nome da mãe: _____
Data de nascimento: ____/____/____
Profissão: _____ Qual o ramo de trabalho? _____
Está empregada? ☐ Sim ☐ Não
Pertence a alguma entidade ou associação? ☐ Sim ☐ Não
Qual? _____
Possui alguma habilidade artesanal ou agrícola que pudesse ensinar na escola?
☐ Sim ☐ Não Qual? _____
Religião: _____
Grau de instrução: _____
Quanto tempo mora na comunidade? _____
Mora em residência própria? _____

Número de filhos: _____ Quantos filhos menores de 06 anos? _____
Quantos filhos de 6 a 14 anos? _____
Quantos filhos maiores de 14 anos? _____
Quantos filhos trabalham com remuneração? _____
Quantos filhos estudam? _____
Quantos filhos têm registro de nascimento? _____
Existem outras pessoas que residem com a família? _____

CALENDÁRIO DE PRODUÇÃO – É um instrumento que serve para apresentar as atividades econômicas desenvolvidas pelas comunidades. Neste calendário, professor, alunos, pais e comunidade devem indicar as atividades e o período em que são realizadas. Ele se constitui em um recurso didático pedagógico em potencial, pois permite que o professor e os alunos conheçam o ciclo de cada atividade econômica, os períodos de maior concentração de trabalho e as técnicas e ferramentas utilizadas para a sua execução.

Este instrumento da Escola Ativa é fundamental para que o professor possa acompanhar a ausência dos alunos e alunas em sala de aula. Assim, ele poderá adaptar as férias da escola e o estudo dos Guias. Este dispositivo está de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei Nº 9394/96, que, em seu artigo 28, garante aos sistemas de ensino que façam as adaptações necessárias no currículo e no calendário escolar para atender às especificidades da educação do campo.

O aluno e a aluna que se ausentarem por um período da escola, por motivo de contribuição com a renda familiar, poderão dar continuidade em seus estudos sem serem prejudicados, uma vez que darão continuidade a partir da atividade/conteúdo em que pararam.

Como exemplo de calendário de produção econômica, pode-se citar: agricultura, piscicultura, artesanato, apicultura, carcinocultura, caprinocultura, suinocultura, avicultura, dentre outros, conforme a realidade da comunidade. Assim, elimina-se um dos problemas mais graves que exclui do sistema educacional muitas crianças de grupos sociais de baixa renda, como o dos trabalhadores rurais.

A tendência é que, a cada dia que passa, a diversificação da produção continue aumentando cada vez mais principalmente nas pequenas áreas rurais, onde se pratica a chamada agricultura familiar, na qual a tônica é produzir um pouco de tudo.

Com esse olhar, a Escola Ativa deve utilizar um calendário amplo que contemple o máximo possível de atividades a serem desenvolvidas de acordo com os “conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos”. (Art. 28, arágrafo I da LDB).

Por meio da ficha familiar, o professor identificará as atividades econômico-familiares de cada aluno e colocará a sua disposição um calendário individual – caso exista muita diversidade de atividades em sua classe – retirado do Plano de Produção adaptado ao calendário (onde serão contempladas as atividades diversificadas).

O Calendário de Produção (quadro abaixo) é flexível e permite que as aulas sejam planejadas de acordo com a época da colheita e de outras produções específicas de cada região, oferecendo informações relacionadas ao tipo predominante de lavoura da comunidade, às técnicas de manejo, às ferramentas, aos projetos, ao tratamento e aos cuidados com as lavouras. Permite também a adaptação do calendário escolar, que pode incluir, por exemplo, excursões de estudo e visitas técnicas que ofereçam elementos pertinentes e oportunos para a aprendizagem teórica e prática.

Na sugestão do Calendário de Produção, os professores devem contar com a participação efetiva dos supervisores municipais nos encontros periódicos (microcentros), para a elaboração deste.

O apoio e a participação dos órgãos de assistência técnica e de extensão rural dos municípios devem ser buscados pelo Governo Estudantil.

Sugestões para o registro no Calendário de Produção.

- 1º campo: onde se lê cultura, é o espaço destinado a nomear as diversas atividades, tais como: horta, fruticultura, criação de animais de pequeno e grande porte, etc.
- 2º campo: contempla as práticas de tratos culturais, plantio e manejo e suas respectivas épocas, que vão desde a preparação da terra até a colheita.
- 3º campo: é destinado ao projeto do professor, conforme a vocação produtiva da região. Espaço onde ele determinará as atividades efetivas de produção em consonância com o currículo.
- 4º campo: serão descritas as atividades resultantes do consenso entre professores e alunos.

Modelo sugerido para o Calendário de Produção

CALENDÁRIO DE PRODUÇÃO				
1-CULTURAS	2- PERÍODO	2-TRATOS CULTURAIS	3-AÇÃO DA ESCOLA	4-ATIVIDADES DOS ALUNOS
Arroz				
Feijão				
Soja				
CRIAÇÕES				
Apicultura				
Suinocultura				
HORTA				
Alface				
Rabanete				
O calendário será confeccionado em papel pardo e trocado sempre que mudar a atividade.				



3. Discutam as indagações abaixo:

- Que informações podemos encontrar no croqui, na maquete, na monografia, na ficha familiar e no calendário de produção econômica?
- Como essas informações podem ser úteis em nosso trabalho na escola?



4. Leiam o seguinte estudo de caso:

Visitas domiciliares

O Sr. João Carlos, técnico a serviço de uma instituição de saúde, foi até a escola da professora Estela Maris para solicitar sua colaboração na coleta de informações sobre as famílias da comunidade.

– Vim para falar sobre alguns programas de vacinação e saúde oral que serão lançados brevemente e, por isso, preciso de qualquer informação que a senhora tenha sobre a comunidade, para compilar os dados que preciso ter sobre cada família.

– Claro, Sr. João Carlos – respondeu Estela Maris – na semana passada, iniciei algumas atividades com meus alunos sobre a comunidade. Até fizemos um croqui da região com a ajuda dos alunos, seus pais e de outros membros da comunidade, quer ver?

– Com certeza!

Após observar o croqui, Sr. João Carlos exclamou:

– Puxa, mas como está bom! É completíssimo e muito rico em informações!

– É sim – disse Estela Maris. Aqui podemos ver a localização das 40 famílias da comunidade com seus sobrenomes, os nomes das chácaras onde moram, distâncias entre suas casas e de suas casas à escola, caminhos, riachos com seus respectivos nomes, o posto policial, o posto de saúde, o centro comunitário e o campo de futebol. Este croqui nos dá todas as características da região. No entanto, gostaria de ter mais informações sobre cada família em particular e, por isso, iniciei a elaboração da ficha familiar. O senhor conhece alguma coisa a respeito dessa ficha?

– Sim – respondeu João Carlos. E terei muito prazer em ajudá-la na elaboração.

João Carlos pegou uma folha de papel e disse:

– Uma ficha familiar inclui todas as informações possíveis sobre cada família: os nomes de seus membros, idade, gênero, escolaridade, ocupações, grupos

organizados dos quais fazem parte, conhecimentos artesanais, habilidades artísticas e qualquer outra informação considerada importante. Essas fichas podem ser guardadas num fichário na escola e usadas não apenas pela senhora em seu trabalho, mas também por toda a comunidade ou qualquer pessoa que, como eu, precise de informações sobre seus membros.

Elaboraram a ficha e marcaram o dia para iniciarem o seu preenchimento.

Além dos pais e mães que vinham buscar seus filhos, foram de casa em casa, com a ajuda das informações contidas no croqui, para preencherem a ficha. Tanto os alunos quanto seus pais e familiares ficaram contentes com a visita da professora e deram todo o seu apoio, fornecendo as informações solicitadas.

Finalizada essa parte do trabalho, fizeram uma análise das informações colhidas, somando os dados e comparando-os. Ficaram surpresos com a grande quantidade de crianças abaixo de sete anos na comunidade, o que indicava que o número de matrículas aumentaria no próximo ano, e também com a quantidade de adultos que não sabiam ler, o que sugeria a necessidade de se organizarem ações educacionais voltadas aos adultos. Observaram, ainda, que as mulheres e as crianças participavam da produção e que não existiam organizações de base.

Após concluírem a análise de todas as informações e detectarem os problemas e as necessidades da comunidade, chegaram à conclusão de que tinham muito a fazer. Assumiram, então, um compromisso final: fazer todos os esforços para criar vínculos com instituições que pudessem colaborar para melhorar as condições da comunidade e, conseqüentemente, da escola.

Transcorridas duas semanas de aulas, Estela Maris estava otimista e contente. As crianças estavam mais adiantadas do que ela imaginava. Havia algumas dificuldades: os nomes das flores, os ditos populares e muitas outras palavras que desconhecia da região de sua escola. Havia palavras que nem as crianças e nem ela própria entendiam. Por exemplo, usavam a palavra mexerica, que lá significava tangerina. Este fato levou Estela Maris a pensar que, da mesma maneira que havia colhido informações sobre as famílias por meio das fichas familiares, precisava também colher informações sobre os costumes, a flora, a fauna, os produtos, as ocupações habituais, os aspectos físicos, o sistema de alimentação, a vida social e de lazer e a vida doméstica da comunidade.

“Vou pedir ao Sr. João Carlos, às crianças e aos pais que colaborem na elaboração da monografia da comunidade”, Estela pensou. Assim, ela poderia adaptar os programas ao meio e adequá-lo às atividades propostas nos programas. “Pensando bem, se isto fosse feito em todas as comunidades, teríamos uma boa base para regionalizar os programas, ter informações completas sobre as comunidades e conhecer suas diferenças e semelhanças”.



5. Discutam o estudo de caso:

- Assim como o Sr. João Carlos ajudou Estela Maris, quem pode lhes ajudar em uma iniciativa como essa a ser desenvolvida em suas comunidades?
- O professor deve trabalhar com funcionários de outras instituições neste tipo de atividade?



6. Discutam se enfrentam dificuldades semelhantes às que Estela Maris enfrentou na sua escola. Uma monografia ajudaria a superar essas dificuldades?



1. Em uma eleição democrática, sob a orientação do formador, escolham os grupos da oficina que confeccionarão os instrumentos que acabaram de estudar.



2. Discutam a relação que a monografia possui com a seguinte frase: “Um povo que não tem identidade cultural desaparece”.



1. Desenvolvam um plano de trabalho para elaborar em suas escolas, com a ajuda de seus alunos, o croqui da comunidade. Determinem o tempo necessário para concluir a tarefa.
2. Planejem uma reunião com pais de alunos e outros membros da comunidade para iniciar o processo de coleta de informações sobre a comunidade.
3. Elaborem um plano simples que inclua as etapas, o tempo, os recursos e as atividades que vocês devem ter em mente para elaborarem a monografia das suas comunidades.



4. Copie, em seu diário da formação, todos os planos elaborados por seu grupo.



1. O formador realizará a avaliação e registrará em sua FAP o seu progresso.



1. O formador da oficina realizará a avaliação dos conhecimentos e das atividades realizadas nesta unidade.

AVALIAÇÃO GLOBAL DA FORMAÇÃO



1. Identifique os aspectos que considera importantes em cada uma das unidades estudadas.

2. Redija um parágrafo expressando a importância desta formação para o desenvolvimento de seu trabalho.



3. Comparem suas respostas das atividades acima e, juntos, selecionem os pontos em comum.

4. Identifiquem os aspectos que consideram positivos ou falhos em sua formação. Nesta tarefa, levem em consideração os seguintes fatores:

- os módulos que compõem a unidade;
- o trabalho que realizaram em grupo;
- a participação de cada um;
- o trabalho do formador.

5. Formulem compromissos e dêem sugestões para melhorar o trabalho desenvolvido na formação.

6. Agora, reflitam sobre como vão começar a desenvolver toda a estratégia metodológica Escola Ativa em sua comunidade. É importante que vocês levem em consideração que deverá ser um trabalho prazeroso, no qual adultos e crianças descubram e aprendam de forma ativa, crítica e criativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Escola Ativa é uma proposta educativa, que se configura como uma estratégia metodológica de construção e transformação.

Nossos conhecimentos e nossas experiências têm mudanças e avanços à medida que a própria estratégia desenvolve-se, por isso, finalizamos este “Guia de Formação” solicitando que você acrescente novas idéias e relatos de experiências a qualquer momento.

Situamos, neste Guia, um caminho para a educação de crianças camponesas. Uma alternativa pedagógica para as salas multisseriadas, direcionada para uma educação democrática e para a construção e o exercício da cidadania.

Apresentamos algumas sugestões ao professor, de modo a contribuir para a organização do tempo e do espaço educativo, que contribuam para a dinâmica de sua prática educativa com crianças de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental, das salas multisseriadas do campo.

Procuramos pautar este material na coerência de nossas atitudes e nos preceitos e metas que fundamentam a Escola Ativa. Coerência esta que procuramos destacar desde o planejamento das atividades até a avaliação, sem perder de vista a atuação da escola junto à família e à comunidade.

Queremos contribuir com uma escola do campo, no campo, onde possamos formar cidadãos críticos, criativos, autônomos, cooperativos e responsáveis, acreditando no seu potencial e no dos seus parceiros.

Conferimos à concretização deste material o mesmo caráter cooperativo, crítico, criativo, autônomo e responsável e entendemos ser possível a disseminação e multiplicação das sugestões aqui apresentadas se:

- procurarmos ser companheiros e parceiros dos professores que atuam com a estratégia metodológica, inovando e buscando novas alternativas e novos conhecimentos para compartilharmos;
- nós, professores, refletirmos criticamente sobre nossas posturas e, por meio das teorias, buscarmos juntos melhorar, cada dia mais, nossas práticas e transformá-las;
- tivermos este material como uma das possíveis referências e não como um modelo pronto limitado e acabado;
- fizermos uma avaliação processual de nossa prática e, a partir daí, repensarmos novas estratégias para estimular e transformar constantemente nosso fazer pedagógico;
- sobretudo, tivermos o bom senso de não descaracterizar a estratégia metodológica Escola Ativa.

Convencidos de que este é o caminho que devemos trilhar na construção de novos conhecimentos, procurando assegurar aos alunos um desenvolvimento pleno, permaneceremos atentos ao desenvolvimento de novas estratégias que possam continuar estimulando em todos a transformação de sua prática educativa.

Um abraço afetuoso,

Equipe de organização e elaboração.

Brasil, 2005.

BIBLIOGRAFIA

ESCOLA ATIVA. CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES. 2ª EDIÇÃO, FUNDESCOLA/MEC, 2003.

Adaptação de *Hacia la escuela Nueva*, escrito por Vicky Colbert, Beryl Levinger e Oscar Mogollón.

PESENTE, CLEOMAR HERCULANO DE SOUZA; MEDEIROS, KÁTIA MARIA ALVES. Escola Ativa: Aspectos legais, 1ª edição, FUNDESCOLA/MEC, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Fixa Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

DELORS, JACQUES. Educação: um tesouro a descobrir. 2ª ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: MEC: UNESCO, 1999. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI.

Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.MEC. RESOLUÇÃO Nº 1, Art.6º do CNE.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: As abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

ANEXO



Diário da formação



Informações Gerais:

Me chamo _____

Nasci na cidade de _____ *, no dia* _____

Meu endereço é _____

Sou professora há _____ *anos*

Leciono na escola _____

Minha escola está situada _____

Leciono para _____ *alunos, das séries* _____

Trabalho no município _____ *no estado* _____

Estou participando desta formação porque _____

Minha expectativa em relação a esta formação é _____

Ser professora para mim é _____

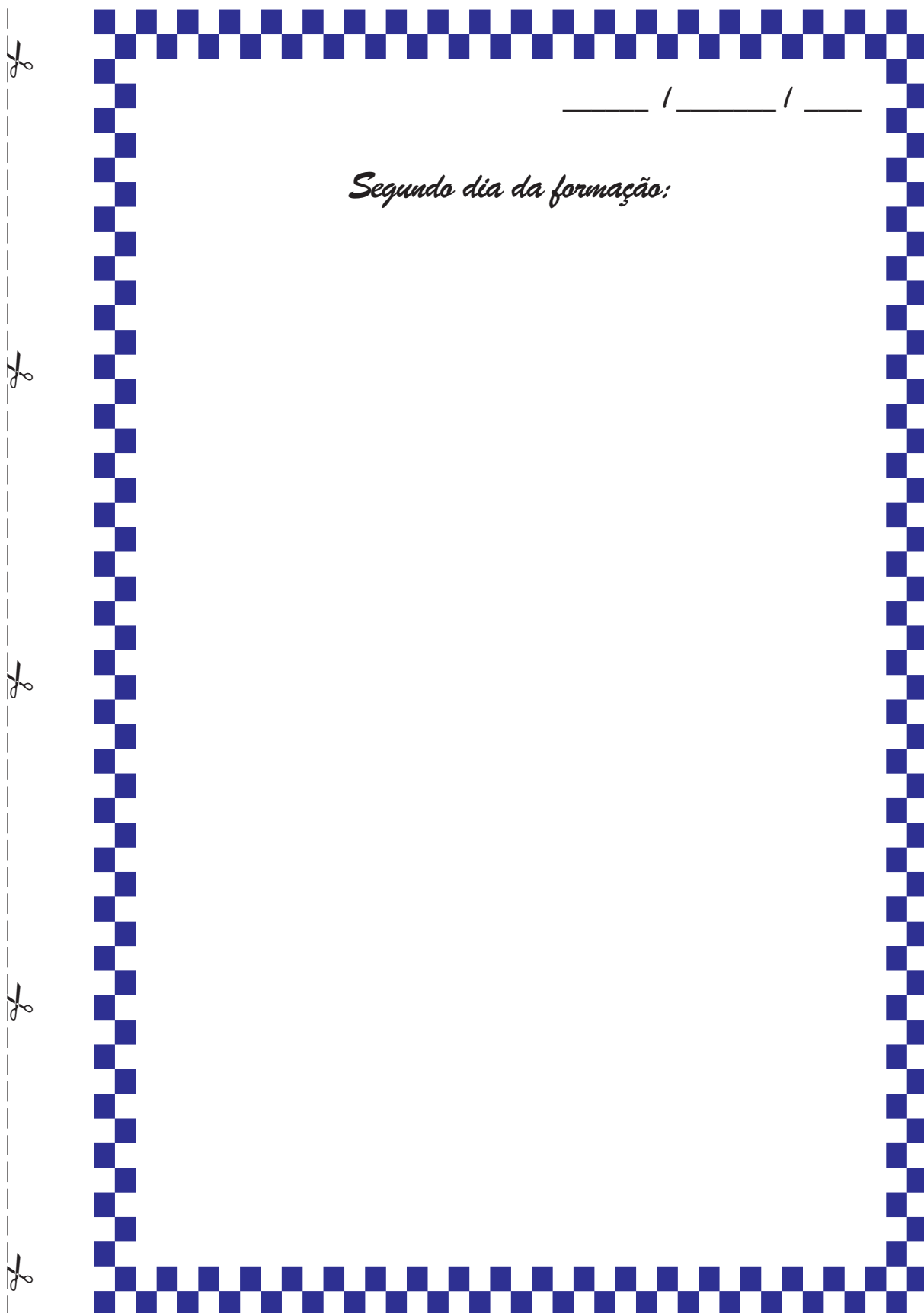
____ / ____ / ____

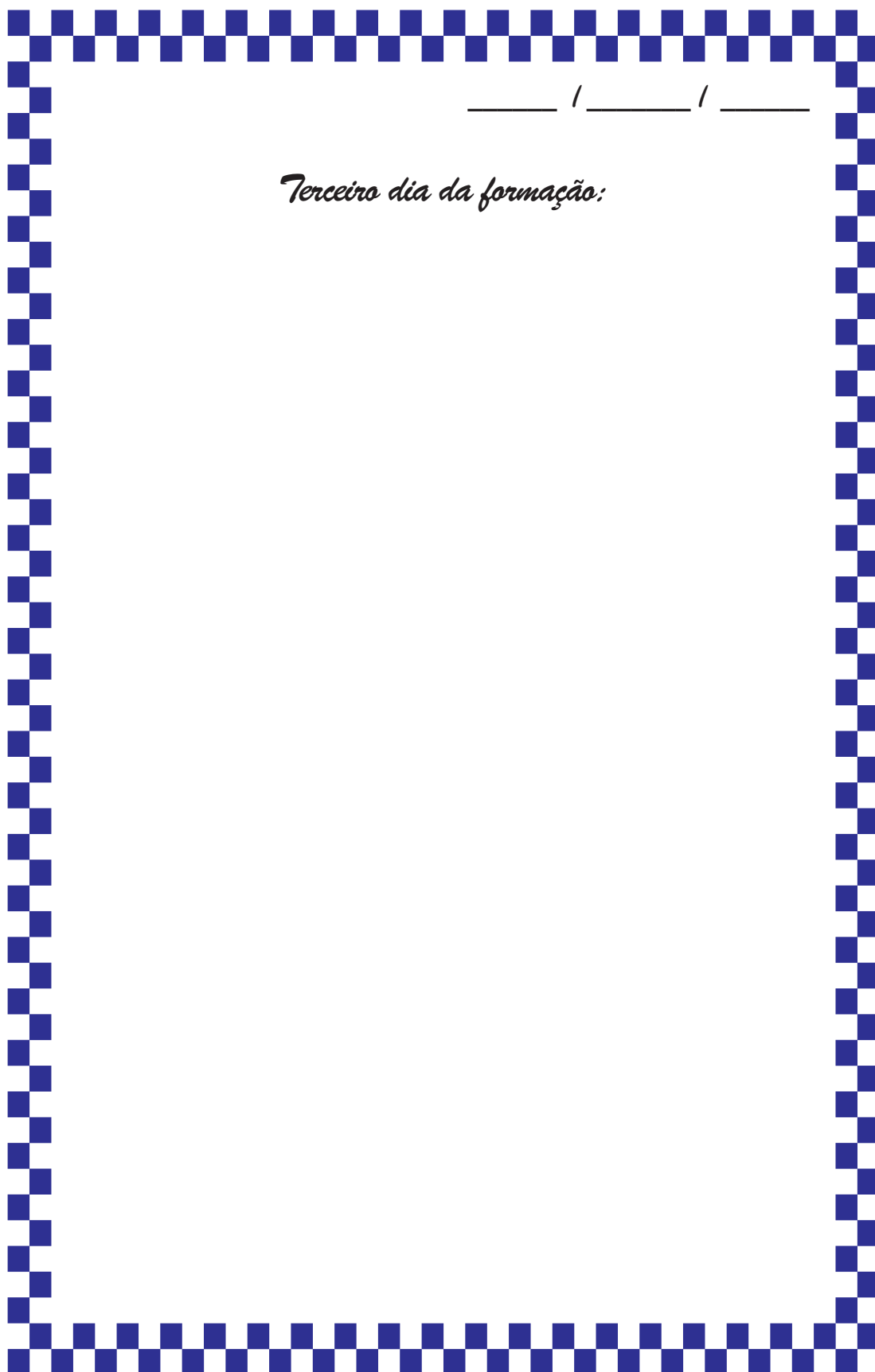
Primeiro dia da formação:



_____ / _____ / _____

Segundo dia da formação:





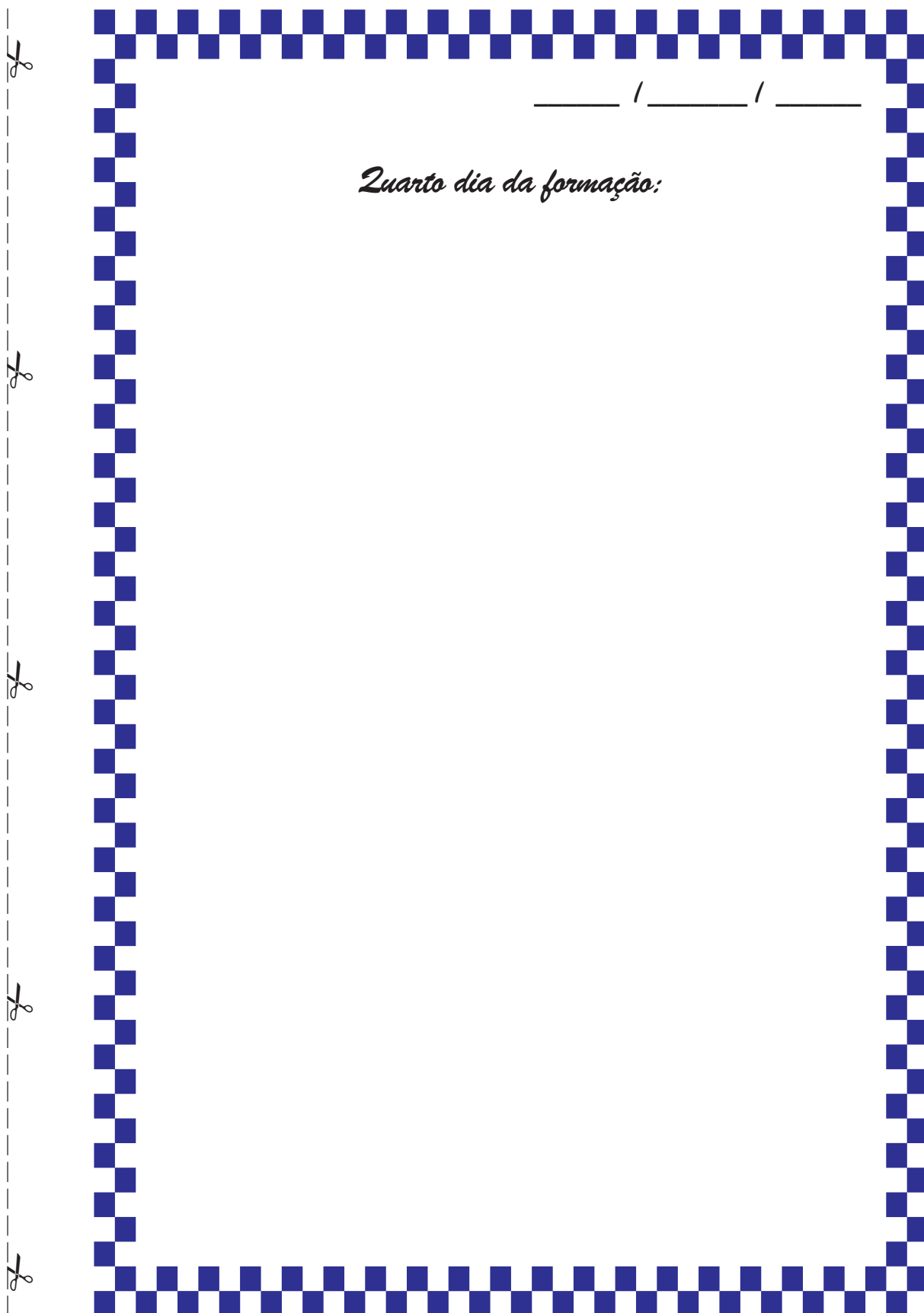
_____ / _____ / _____

Terceiro dia da formação:



_____ / _____ / _____

Quarto dia da formação:



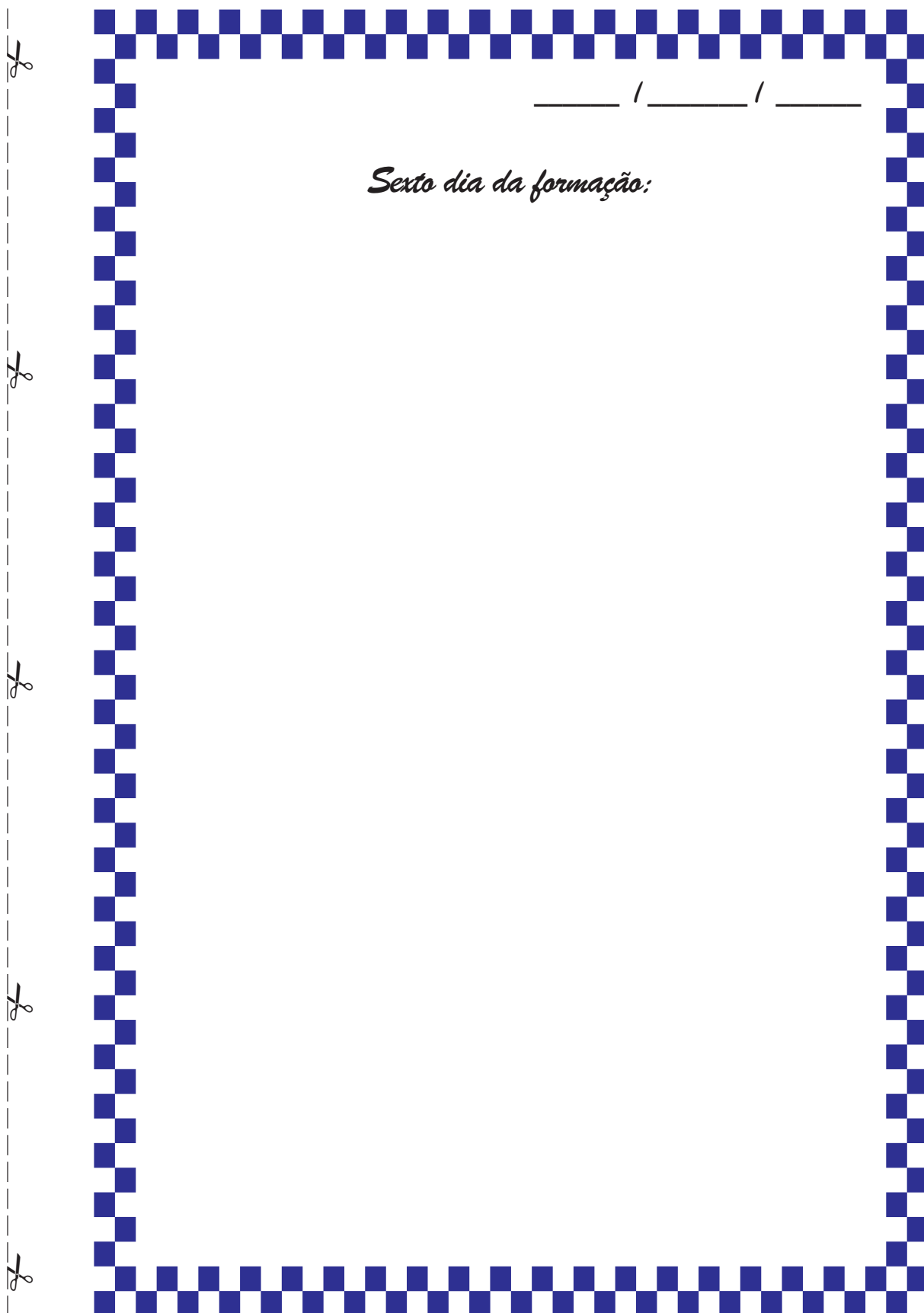
_____ / _____ / _____

Quinto dia da formação:



_____ / _____ / _____

Sexto dia da formação:



FICHA DE ACOMPANHAMENTO E PROGRESSO DA APRENDIZAGEM DO CURSISTA

Município:	Ano:	
Escola:	Tema da formação: Estratégia Metodológica Escola Ativa	Guia: 1
Aluno:	Formador:	

Nº das Unidades:	()	()	()	()	()
Data de Início:	__/__/__	__/__/__	__/__/__	__/__/__	__/__/__
Data de Término:	__/__/__	__/__/__	__/__/__	__/__/__	__/__/__

Nº da Unid.	Módulo 1			Módulo 2			Módulo 3		
	A	B	C/D	E	A	B	C/D	E	
	Data e visto	Data e visto	Data e visto	Data e visto	Data e visto	Data e visto	Data e visto	Data e visto	Data e visto
1º dia - unidade 1									
1º dia - unidade 2									
2º dia - unidade 3									
3º dia - unidade 4									
4º dia - unidade 5									
5º dia - unidade 6									

[illegible]

PARECER DO DESEMPENHO DO CURSISTA

Tema da formação: Estratégia Metodológica Escola Ativa		Guia: 1
Aluno:		Instrutor:

Nº da Unid.	Parecer
01	
02	
03	
04	
05	
06	

PARECER FINAL DA UTILIZAÇÃO DO GUIA DE FORMAÇÃO:

CONTEÚDOS ESTUDADOS NA FORMAÇÃO

Unidades	Conteúdos	Unidades	Conteúdos
01	<ul style="list-style-type: none">• Escola Ativa no Contexto Educacional Brasileiro	04	<ul style="list-style-type: none">• Guias de Aprendizagem
02	<ul style="list-style-type: none">• A estratégia metodológica Escola Ativa	05	<ul style="list-style-type: none">• Cantinhos de Aprendizagem
03	<ul style="list-style-type: none">• O Governo Estudantil	06	<ul style="list-style-type: none">• A Escola e a Comunidade

